

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

JOSÉ DOUGLAS DOS SANTOS SILVA

Políticas de *quebrada* e políticas estatais referentes aos homicídios em Luzia, São Paulo.

São Carlos

Dezembro de 2014

**UNIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS**

JOSÉ DOUGLAS DOS SANTOS SILVA

Políticas de *quebrada* e políticas estatais referentes aos homicídios em Luzia, São Paulo.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Orientador: Gabriel de Santis Feltran

São Carlos

Dezembro de 2014

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S586pq

Silva, José Douglas dos Santos.

Políticas de *quebrada* e políticas estatais referentes aos homicídios em Luzia, São Paulo / José Douglas dos Santos Silva. -- São Carlos : UFSCar, 2015.

127 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2014.

1. Homicídio. 2. Crime e criminosos. 3. Etnografia. 4. São Paulo, Região Metropolitana (SP). I. Título.

CDD: 364.152 (20ª)



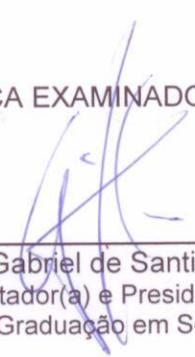
Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676
13565-905 São Carlos-SP - Fone/Fax: (16) 3351.8673
www.ppgs.ufscar.br - Endereço eletrônico: ppgs@ufscar.br

JOSÉ DOUGLAS DOS SANTOS SILVA

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em 10 de dezembro de 2014

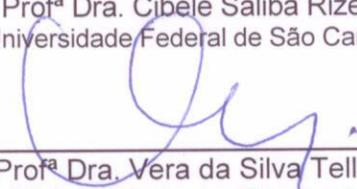
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran
Orientador(a) e Presidente
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFSCar



Profª Dra. Cibele Saliba Rizek
Universidade Federal de São Carlos



Profª Dra. Vera da Silva Telles
Universidade de São Paulo

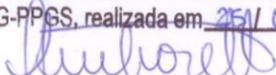
Para uso da CPG

Homologado na ____ª Reunião da CPG-
Sociologia, realizada em ____/____/____

Prof. Dr. Richard Miskolci Escudeiro
Vice-Coordenador do PPGS

APROVAÇÃO AD-REFERENDUM
EM 11 DE FEVEREIRO DE 2015

Aprovado "ad-referendum" na 53ª Reunião
da CPG-PPGS, realizada em 25/02/15



COORDENADOR

RESUMO

No período entre 2001 e 2011, a significativa redução das taxas de homicídios no Estado de São Paulo gerou polêmica no debate público e nas Ciências Sociais. Quais as causalidades, seguramente múltiplas, e que pressupostos analíticos explicariam esse fenômeno, uma especificidade paulista no quadro nacional? Em 2001 a cidade de Luzia a ser aqui estudada, localizada na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), apresentou taxa de homicídios de 51,57/100 mil habitantes; em 2010 essa taxa caiu para 5,53/ 100 mil habitantes, um décimo do valor inicial. Contudo, no ano de 2011, novo aumento significativo, para 18,11/100 mil habitantes no município, tornou o quadro ainda mais complexo. O objetivo desta pesquisa é estudar os discursos de verdade em torno de litígios e homicídios que operam numa zona de intersecção, em expansão, entre políticas *estatais* e locais nas relações entre *quebrada e cadeia*. Os dados elencados partem de uma vivência como morador na cidade, durante mais de 20 anos, e de atuação profissional em organizações locais, ao longo dos anos 2000, recuperados agora à luz de uma etnografia no território, conduzida entre 2012 e 2013.

Palavras Chaves: Homicídios. Litígios. Crime. Etnografia. Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

ABSTRACTS

Between 2001 and 2011, the significant reduction in the homicide rate in São Paulo has sparked controversy in public debate and social sciences. What causalities certainly multiple, and analytic assumptions that explain this phenomenon, a São Paulo specificity in the national framework? In 2001 the city of Luzia to be studied here, located in the Metropolitan Region of São Paulo (RMSP), presented homicide rate of 51.57 / 100 000 inhabitants; in 2010 this rate dropped to 5.53 / 100,000 inhabitants, a tenth of the initial value. However, in 2011, further significant increase to 18.11 / 100,000 inhabitants in the city, has blurred the picture even more complex. The objective of this research is to study the truth discourses around litigation and homicides operating in an intersection zone, expanding, between state and local policy in relations between broken and chain. The listed data are based on a living as a resident in the city for over 20 years, and of practice in local organizations, over the 2000s, now recovered in the light of ethnography in the territory, conducted between 2012 and 2013.

Key Words : Homicide, Lawsuit, Crime, Ethnography. Metropolitan Region of São Paulo (MASP).

AGRADECIMENTOS

Muito obrigado e que Deus te abençoe, é uma cantoria que ecoa nos meus ouvidos de longa data. Para um filho de nordestino é impreterível agradecer, saber expressar a gratidão. Talvez um aprendizado que venha dos que transitaram em longas jornadas rumo a um futuro incerto, configurados em transportes amarelos com o *slogan Itapemirim*. Um povo que entendeu na carne que agradecer não é simplesmente questão de etiqueta e de educação, é de sobrevivência ao se aglutinarem em localidades chamadas de periferias, se ajudarem e sempre agradecer. Momento solene, de retribuir, mesmo que não seja à altura da solidariedade que se fez presente nessa pesquisa. Portanto, lá vão meus singelos agradecimentos.

Primeiro agradeço ao CEM/CEBRAP, que viabilizou durante nove meses uma bolsa de estudos. Sem ela não seria possível tecer essas linhas. Agradeço ao grupo de pesquisa NaMargem/UFSCar, fonte rica de reflexão e composição de jovens e generosos pesquisadores. Aqui faço um agradecimento especial, um por um, pois cada um da sua forma e gesto me ajudou. Agradeço, portanto, aos recém-chegados: Ana Flávia, André de Pieri, Josimar Priori, William Alvarez. Agradeço também a Luciano Oliveira, Mariana Martinez, Luiz Fernando Pereira, Aline Barbosa, Deborah Fromm, Domila Pazzini, Evandro Cruz, Giordano Bertelli, Luana Motta, Matheus Nunes, Roselene Breda, Daniel Ramos, Henrique Takahashi, Liniker Batista e agradeço imensamente Evelyn Postigo, amiga e debatedora dos meus textos. Pessoa incentivadora e que muito contribui no meu trabalho.

Não posso deixar de agradecer a Taniele Rui, Ana Paula Galdeano, Paulo Malvasi e Fábio Mallart, Vagner Marques que foram fundamentais nessa construção. Um profundo agradecimento à minha turma de mestrado 2012 e aos professores do Departamento de Sociologia da UFSCar, em especial Jacqueline Sinhoretto, Jacob Lima, Jorge Leite, Richard Miskolci, Valter Silvério. Agradeço também a generosidade e incentivo da Professora Adriana Vianna/UFRJ. Suas leituras desde o projeto de pesquisa até os textos em esboço foram fundamentais para o meu desenvolvimento enquanto pesquisador. Sempre atenciosa, pontuava problemas, apresentava novas bibliografias, fazia o exercício de lecionar com uma leveza e humildade impressionante. Meu muito obrigado, professora! Também não posso deixar de efetuar meus agradecimentos às Professoras Cibele Saliba Rizek e Isabel Pauline Georges, suas leituras e apontamentos na qualificação da dissertação foram fundamentais para as escolhas que tomei. Reconheço os avanços do texto pós-qualificação, espero ter correspondido à altura das sábias considerações. Muito obrigado!

Agradeço aos funcionários da biblioteca Nadir Gouvêa Kfoury – PUC/SP, em especial

ao Senhor Salvador e Seu Adeildo. Foram mais que profissionais, foram afetivos e amigos. Menciono as funcionárias Silmara (secretária do PPGS/UFSCAR), pela imprescindível disposição e a Dona Cleusa, pelos cafés e sorrisos – muito obrigado.

Agradeço o amigo Clodoaldo e sua companheira Gislaine, meu amigo/irmão Renato Andrade, Jeferson, Henrique Finotti, Alex Augusto e William Neves. Muito obrigado pelas dicas de RAP *das antigas* e o companheirismo nos momentos mais difíceis dessa jornada. Agradeço, meus sobrinhos Victor, Gabriel e Bianca. Agradeço a minha Tia Quitéria pelos cafés da manhã, almoços em sua residência e seu protagonismo em me ajudar na pesquisa, mesmo achando que tudo na verdade era um *trabalho de doido*.

Meu muito obrigado a Tiago Ramos e Roberto Ribeiro, jamais esquecerei a generosidade e disposição oferecidas quando não conhecia ninguém em São Carlos. Agradeço também, Adalton Marques e Marcos Vinícius; fui contemplado com suas amizades de primeiríssima linha e ainda agraciado com excelentes pesquisadores. Também agradeço a pesquisadora Natália Padovani. Bom, não posso deixar de agradecer a minha irmã Daiane dos Santos Silva, seus contatos me serviram muito para um processo de amadurecimento no campo de reflexão. Seu protagonismo em dispor-se a me ajudar, pode ter certeza que não esquecerei, bem como a ajuda do meu irmão Luciano dos Santos Silva, sou eternamente grato pela força e irremediável vontade de contribuir no meu trabalho.

Seu Vicente, nordestino *porreta*, sei que sua desconfiança com relação ao meu trabalho decorre do anseio de um pai em desejar o melhor para o filho; saiba que sua história de vida, *sem amigos importantes e vindo do interior*, é fonte de inspiração nos dias de fraqueza. Muito obrigado por tudo! In memória agradeço a Dona Luzia, minha mãe e a pessoa que me ensinou a *sempre agradecer* e ser *humilde*. Alguém que gostaria de ler pessoalmente esse texto, mas infelizmente não vai ser possível, mas onde quer que esteja meu muito obrigado, *bença mãe*.

Especialmente agradeço a todos os interlocutores. Queria agradecer um por um, nome por nome, mas nosso acordo de anonimato não permite tal feito. Tenho a certeza que sem vossas generosidades não conseguiria produzir esse trabalho. Sempre solícitos e afáveis, mesmo atrapalhando o serviço de muitos e as horas de lazer com a família. Vou carregar para vida esse aprendizado.

Para esses dois últimos agradecimentos utilizo uma expressão de longa data que circula em Luzia e acredito em outros lugares periféricos. Uma expressão contraditória, verbalizada em *sem palavras!* Algo que não se trata de uma expressão que denunciasses a

ausência de vocabulário dos sujeitos periféricos. Nada disso, é uma expressão que dimensiona a impotência de se verbalizar ou mensurar algo, sentimento em palavras. Portanto, Professor Gabriel de Santis Feltran, *sem palavras*, a sua coragem em bancar esse trabalho e, sobretudo a sua força em romper as meritocracias alçadas nas inúmeras desigualdades cotidianas. Aprendi muito, não só pelos livros emprestados, os artigos indicados, as orientações sem agendamento, aprendi também, pela sua postura dialógica e não autoritária com que trata seus educandos. Essa parceria não se mensura, não se expressa, *sem palavras!*

E por fim, a pessoa fundamental para esse trabalho. Miriam Vidal de Negreiros, minha companheira/guerreira/fortaleza, sem sua força não conseguiria suportar as agruras do caminho. Sua paciência, sua fé no meu trabalho é algo que marcou e não consigo descrever em palavras a minha gratidão. Portanto, Miriam Vidal de Negreiros, *sem palavras!*

SUMÁRIO

1 RESUMO.....	3
2 AGRADECIMENTOS.....	5
3 PRÓLOGO.....	11
4 INTRODUÇÃO METODOLÓGICA.....	13
4.1 O filho do Seu Vicente.....	15
4.1.1 Os números: contraste brasileiro e paulista.....	18
4.1.1.1 Debate político e acadêmico das estatísticas de homicídios de São Paulo.....	20
4.1.1.1.1 O trem e a vila: breve apresentação da cidade.....	24
Capítulo 1 ANTIGAMENTE: modos de gestão da violência.....	31
1.1 <i>Antigamente na quebrada.....</i>	31
1.2 Anos 1990 na quebrada: tempos violentos.....	33
1.3 Tomar biqueira.....	34
1.4 <i>O certo pelo certo.....</i>	35
1.5 <i>Vem na moral dobrando a esquina</i>	36
1.6 <i>Foram muitos os finados.....</i>	37
1.7 <i>Tinha uma lista.....</i>	38
1.8 <i>Resolver problema.....</i>	39
1.9 <i>Por uma questão de espaço e dinheiro.....</i>	41
1.10 <i>Puxar o revólver nada disso/Um bom lugar.....</i>	43
1.11 <i>Antigamente na cadeia: briga toda hora.....</i>	44
1.12 Composições de forças.....	48
1.13 <i>Amizades.....</i>	49
1.14 <i>Serpentes Negras: um devaneio ?.....</i>	49
1.15 <i>Comissão.....</i>	50
1.16 <i>Federação.....</i>	51

1.17 <i>No debate</i>	52
1. 18 <i>O conceito do presidente</i>	52
1. 19 <i>Certa consciência</i>	52
1. 20 <i>As matemáticas e suas reverberações</i>	53
1.21 <i>Um time que mudou o jogo?</i>	55
1.22 <i>Primeiro se criou uma guerra</i>	56
1.23 <i>O conceito do boy</i>	57
Capítulo 2 CABEÇA FORMADA	59
2.1 <i>Cabeça formada</i>	60
2.2 <i>Ai veio a ordem, o tal de PCC, Partido</i>	61
2.3 <i>Arma</i>	62
2.4 <i>Palavra</i>	63
2.5 <i>Levantar e organizar</i>	63
2.6 <i>Aqui é comando</i>	64
2.7 <i>Recuperar, aproveitar e expelir</i>	66
2.8 <i>Por que não pode matar</i>	67
2.9 <i>A dádiva</i>	68
2.10 <i>Você não tá no Rio de Janeiro não parceiro</i>	69
2.11 <i>Atrás de dinheiro</i>	70
2.12 <i>O tráfico matou, mas a polícia matou bem mais</i>	72
2.13 <i>Já que eles cornô nois. Vamo corná eles</i>	74
Capítulo 3 QUEM MATA TAMBÉM MORRE	75
3.1 <i>Lembranças sobre maio de 2006</i>	76
3.2 <i>CREMESP e a “Análise dos impactos dos ataques do PCC em São Paulo”</i>	79
3.3 <i>Composições em disputa: o braço direito</i>	80
3.4 <i>Você pode chegar com a cabeça erguida</i>	81
3.5 <i>O conceito dentro e fora</i>	84
3.6 <i>O gritão</i>	85
3.7 <i>Maximização da lucratividade</i>	86
3.8 <i>Jegue como a gente chama</i>	87
3.9 <i>Atritos no sistema</i>	89

3.10 <i>Ia ser tipo Carandiru</i>	90
3.11 <i>Os caras estavam matando mais que os bandidos</i>	90
3.12 O Exame Necroscópico.....	91
3.13 O custo da <i>guerra</i>	92
3.14 <i>Pessoal mais sangue no olho</i>	93
3.15 <i>Pô, quem mata, também morre: território e “matáveis”</i>	94
3.16 <i>Relatório de investigação/ Termo de declarações</i>	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
4.1 Prelúdio.....	98
4.2 Três frentes de conclusão.....	100
4.3 Face cínica e face trágica das políticas estatais de segurança.....	101
4.4 <i>Sem disciplina: conjuntura das políticas do crime</i>	105
4.5 <i>A moeda tem girado</i>	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
VÍDEOS	117
MÚSICAS	118
ANEXO 1 Panfleto	119
ANEXO 2 Muro da favela Janaína.....	120
ANEXO 3 Carta – Informações da cadeia de Luzia	121
ANEXO 4 Guia de Recolhimento de cadáver – Maio de 2006	123
ANEXO 5 Laudo Médico 1.....	124
ANEXO 6 Laudo Médico 2.....	125
ANEXO 7 Laudo Médico 3.....	126
ANEXO 8 Laudo Médico 4.....	127

PRÓLOGO

Sigo em um táxi-lotação, transporte popular corriqueiro na cidade de Luzia¹, com mais três pessoas. Já são 9h40, estou 10 minutos atrasado por causa do trem! Peço ao motorista para me deixar em frente ao posto de gasolina no fim da avenida, exatamente na divisa das cidades de Luzia e Maria. Moradores se entretêm com seus afazeres; alguns carros estacionados, outros abastecendo, um lugar destinado à *ducha-car* e um mercadinho ao fundo. Um posto que, curiosamente, nunca parou na mão de ninguém, hoje é uma franquia da multinacional Shell. São outros tempos! Amigos diziam que em certo período esse comércio era de um *irmão* [membro do PCC] de fora da cidade.

Do lado direito do posto há uma rua estreita e uma favela, já no município de Maria; do lado esquerdo fica a rua, por que sigo para chegar ao meu destino. Entro e passo por uma padaria com alguns *tiozinhos*, ao lado uma loja de peças para vans. Na rua há mais carros, crianças e senhoras disputando espaço. No caminho, estacionada diante de uma casa, reluz uma motocicleta Kawasaki, branca, novíssima. Encontro um cruzamento. Do lado direito há uma igreja Congregação Cristã no Brasil, e à esquerda está a rua por onde devo seguir. Do lado existe um córrego onde, uma semana antes, em um dia de chuva forte, segundo uma senhora, um *rapaz da igreja* teria tido sua moto empurrada. Heroicamente, o tal rapaz se arriscou pulando na água imunda para salvar seu patrimônio, e veio a falecer algum tempo depois; diagnóstico: *doença do rato*. Alguns metros adiante e já estou na rua em que Pedro reside. Um garoto negro, sorridente, um cara *ponta firme*. Em 2005 completou 18 anos, Dias depois ganhou de presente uma *estadia* na cadeia da cidade. Foi preso na porta da sua casa acusado, injustamente, de *tráfico*. Somente depois de 6 meses *guardado*[preso] foi julgado e inocentado por *falta de provas*, sentenciou a juíza. Lembro-me muito bem de tudo isso, já que fui testemunha de defesa. Hoje Pedro se encontra diariamente *medicado* e, aos 26 anos, já está *graças a Deus* aposentado. Passo pela casa, mas não vejo ninguém, prometo retornar. Mais à frente um terreno onde, semana passada, um senhor branco, aparentando uns 50 anos, ceifava a golpes de machado um carro que estava completamente depenado; hoje há no terreno um

¹ Os nomes da cidade, dos bairros, bem como de meus interlocutores serão modificados. Essa estratégia de ocultamento tem como objetivo atender às demandas dos meus interlocutores, garantindo segurança para suas vidas e para o próprio pesquisador. Uma opção metodológica que apresentou vantagens, pois possibilitou um maior número de interlocutores se disponibilizando a falar, além do aprofundamento em alguns eixos de discussão, o que dificilmente seria viável com a apresentação do nome verdadeiro da cidade, das localidades e dos meus interlocutores. Contudo, apresenta perdas do ponto de vista de uma história social da cidade e sua configuração no contexto social mais amplo. Sei dos ganhos e das perdas dessa opção, entretanto, em respeito aos meus interlocutores, a todos os envolvidos nessa pesquisa, sem contar o risco de uma pesquisa como a que proponho, escolhi manter o anonimato e os nomes fictícios.

pequeno trator enferrujado e pichado: 1533 [que significa PCC], uma rubrica que não entendo e a palavra *foda-se*. Mais um bar a alguns metros e chego ao final da rua. Viro à direita em uma viela onde o filho da Patrícia foi assassinado. Passo rapidamente e logo adiante há mais uma igreja da Assembleia de Deus. Ao lado o muro da casa da Patrícia. Já ouço sua voz brigando com um dos seus filhos.

Quando me aproximo, Patrícia sorri de sua janela e me recebe com um aperto de mão e o convite para entrar. Sento-me em uma cadeira na cozinha, cumprimento o Vander, seu filho mais novo, de 9 anos, e o João, um adolescente de 15 anos. Todos com traços indígenas. Ganho um copo de café; ao rádio, posto sobre a geladeira, a *pregação* de um pastor. Conversamos por volta de três horas a respeito da minha família, da vida, de trabalho, do seu marido que está *guardado* e do seu filho *que se foi*. Nesse momento sua voz fica pausada e o sorriso some do seu rosto. Esse garoto eu conhecia desde criança, foi *morto por policiais* que procuravam, *na verdade, matar seu marido*.

Desde criança já ouvi várias histórias dessas: *tiro, treta, polícia, morte*. Mas essa me deixou transtornado, desesperançoso. Talvez pela afetividade que tenho com a família ou pelo absurdo narrado: *deixaram meu filho cair da maca lá no hospital e os policiais brigaram comigo, porque eu tentei salvar o menino*. No momento em que Patrícia narra o absurdo, percebo que João escuta atentamente a fala da mãe. O garoto se apoia na parede e na pia da cozinha. Mesmo com a cabeça baixa e com o boné cobrindo o rosto, vejo lágrimas escorrerem por sua face, os dedos tamborilando a pia, trêmulos; e eu, na minha mediocridade, somente gaguejando, lamentando e chorando.

Aos poucos a conversa vai mudando de assunto, ela pergunta da minha *profissão* e eu pergunto da escola dos meninos. No início da tarde me despeço e prometo visitá-la mais vezes. Saio feliz em vê-la depois de anos e, ao mesmo tempo, fico atordoado, me sentindo muito mal. Percorro o caminho de volta até o posto de gasolina, decido andar. Vou no sentido do centro da cidade de Maria, pelo caminho mais longo. Quero pensar, estou confuso. Que merda tudo isso!

O percurso é longo, são mais de 30 minutos e o Sol castiga. Penso no tratamento que o Denis recebeu no hospital; quantas mães não passaram por aquilo? Transpiro demais, minha camisa está ensopada. Há quase dez minutos da estação de trem, uma senhora, branca, de saia preta e camiseta azul, junto com uma garota branca, aparentando uns 18 anos, de óculos e vestido colorido, aguardam os pedestres embaixo de uma árvore. Quando passo, a senhora pergunta: *posso falar um minuto com você?* Balanço a cabeça afirmativamente. Ela saca um panfleto

(ANEXO 1) da bolsa e me entrega.

Logo em seguida me diz: *aqui está um pouco da explicação de por que Deus fez a Terra e por que tanta gente ainda sofre*. Limito-me a menear a cabeça positivamente, e a senhora finaliza: *esse panfletinho é somente uma pequena explicação do que está na Bíblia*. Pego o panfleto, agradeço e sigo mais alguns minutos, até a estação de trem.

Diário de Campo, 14 de fevereiro de 2013.

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

A partir de situações experimentadas no cotidiano de Luzia, esta dissertação estuda a questão dos homicídios, a composição de litígios e a configuração de forças para suas resoluções operacionalizadas por regulações estatais e não estatais, a partir de uma perspectiva específica, ainda pouco presente na bibliografia: aquela que emerge dos “saberes sujeitos” e, sobretudo, narrada por seus protagonistas (FOUCAULT, 2005, p.12). Proposta *a priori* sustentada em um período de 2001 até 2012, mas que no transcorrer da pesquisa e no diálogo com os interlocutores sofreu substanciais modificações. Estudando, portanto, momentos de inflexão: *época das matanças* [uma referência dos meus interlocutores aos anos de 1990], as transformações do *tráfico* em um bairro, a matança de maio de 2006, e por conclusão, os anos de 2011 e 2012.

A metodologia, nada usual, propõe fugir das equações frias e racionalizadas, que apresentam como norte as evoluções, tendências, acréscimos e decréscimos em torno das taxas de homicídios. Embora essas taxas me sejam fundamentais para a montagem da problemática a ser discutida, tomarei esses dados com objetividade e, ao mesmo tempo, como partes de uma construção social. Os números acerca dos homicídios, suas taxas e flutuações, serão ponto de partida e não fundamentos da análise deste experimento sociológico. É pela etnografia da vida cotidiana, apresentando os *contextos* de significação dos litígios e homicídios que essa dissertação seguirá. Capítulos compostos por narrativas de personagens de carne e osso, com seus sentimentos e dramas pessoais, coletivos, privados, políticos; com suas reflexões e estratégias, como essa vaga lembrança do próprio pesquisador:

O velório de um garoto negro de 15 anos ocorria no final da tarde em um salão da igreja católica na cidade de Luzia. Segundo os moradores, um policial militar teria executado o garoto na noite anterior. Ambiente tenso, mulheres chorando e falas indignadas. Do alto, onde acontecia o velório, final da tarde, observo uma cortina de fumaça subir ao lado da favela. Alguns moradores protestam em repúdio à violência dos policiais. Em torno de 30 a 50 manifestantes. São mulheres, crianças e homens, que

interrompem a circulação dos trens metropolitanos jogando pedaços de madeira, pneus e ateando fogo à linha férrea. Eu e mais três militantes, atuantes na região, além de um vereador do município, fomos acionados por moradores para mediar a situação, pois alguns temem mais uma vez que algo pior aconteça. Chegamos ao ponto do conflito no início da noite, e de um lado da linha, numa rua fechada, avistamos cerca de trinta policiais militares sem identificação, a maioria armados com cassetetes, bombas e armas de fogo. Esses soldados cortaram a luz da favela e formaram um paredão em direção ao grupo de manifestantes. Do outro lado da linha, na entrada da favela, os moradores indignados se armaram com pedras e pedaços de madeira. Nossa chegada provocou uma negociação improvisada, ali mesmo na linha férrea, entre os manifestantes e o policial responsável pela operação. Diversas denúncias de ofensas e práticas violentas dos policiais foram verbalizadas. Queixas confusas, enfurecidas, narravam situações de humilhação, agressão, tortura imposta por policiais. Durante a negociação, que durou em torno de uma hora, o capitão propôs um diálogo no dia seguinte, mediante a presença dos moradores, para formalizar as denúncias e providenciar esclarecimentos. Equivocadamente, somente o irmão do rapaz executado e eu seguimos até o batalhão da polícia, e fomos orientados a aguardar o oficial. Enquanto esperávamos pelo atendimento, ainda de costas para a porta de entrada do local, um diálogo entre dois policiais, se fez ouvir: *esses são os caras que vieram falar daquele favelado. Deixa eles, quando a água baixar eu coloco esses pra fritar também.* Após uma hora de espera, o oficial pediu nossos nomes completos e endereços, para registrar a nossa queixa. No dia seguinte, o irmão do rapaz assassinado me informou que desistiu da denúncia. Desse período somente restou no muro da favela a pichação: “P.M. Mata. P.M. assassina” [ANEXO 2]. [Lembranças de 2005]

É nas narrativas – essa é a aposta – que se pretende compreender simultaneamente a gestão dos litígios em Luzia e os modos como ela é apropriada na produção dos dados e das abordagens usuais (baseadas nesses dados) sobre os homicídios registrados. Compreender os contextos e as perspectivas locais sobre essas mortes, em Luzia, seria então procurar, mais do que uma inferência geral, uma leitura a mais acerca de como elas se tornaram plausíveis em muitas outras regiões de São Paulo.

Para isso, meu exercício cartográfico seguiu fluxos em torno de “verdades” construídas por meio de meus interlocutores, provocados a pensar a respeito das seguintes questões: I) Quais são os conflitos passíveis de produzir mortes; II) Quem são os corpos daqueles considerados, em cada situação, “matáveis” (AGAMBEN, 2007, p. 178); III) Quais os territórios e momentos em que se pode matar; IV) Que substâncias abarcam a marginalização a ponto de construir a figura do abominável “nóia”, do “bandido” e do “traficante”, mas também do “verme” e do “coisa”, todos eles suscetíveis à morte violenta pelas mãos de diferentes atores, estatais ou criminais; V) Quais as contribuições das políticas do *crime* para esse cenário social, sobretudo no que tange ao enunciado de “paz entre os ladrões”; VI) Como agentes estatais de *segurança* atuam neste contexto municipal?; VII) Que

fatores contribuíram para que o contexto de nove anos de redução dos homicídios fosse completamente modificado no ano de 2011, na cidade de Luzia, e como o fenômeno se apresenta, a partir daí?

A tabela a seguir expõe estatisticamente esse cenário:

Tabela 1 – Taxas de “homicídio doloso” em número absoluto e por 100 mil habitantes em Luzia.

CIDADE DE LUZIA		
Ano	“Homicídio” Doloso	“Homicídio” Doloso/100 mil habitantes
1999	*	60,29
2000	*	49,24
2001	49	52,42
2002	49	51,44
2003	43	44,35
2004	32	32,42
2005	30	29,41
2006	32	31,87
2007	20	19,32
2008	14	13,33
2009	19	17,82
2010	06	5,55
2011	20	18,23
2012	23	20,67
2013	19 **	*

Fonte: Secretária de Segurança Pública de São Paulo. Acesso dia 14.01.2014. * Sem informação. ** Dados referentes ao período de Janeiro a Dezembro.

O filho do Seu Vicente

A “entrada no campo”, as primeiras “observações”, sentir o ambiente, as pessoas e os primeiros diálogos na pesquisa. Um exercício que rende produtivos processos de reflexão a respeito da posição do pesquisador, a relação estabelecida com os interlocutores, novos desafios, refutações, etc. Algumas relações são consolidadas, outras padecem; alguns novos caminhos são trilhados, outros tantos abandonados. Um exercício de escolhas e consequências, e, sobretudo, de posições. De onde você fala? A quem você fala? Quais as relações de poder implícitas e explícitas nessa interlocução?

O exercício no campo das Ciências Sociais expõe produtivas reflexões acerca dos ganhos, perdas das posições em jogo a cada gesto, atitude. Evidentemente não é do interesse da pesquisa realizar um mapeamento dessa discussão, entretanto, arbitrariamente, alguns “clássicos” com suas distintas perspectivas, metodologias e problemas de pesquisa provocam a reflexão.

De família de alta classe média, em 1936, William Foote Whyte aproveita uma bolsa de estudos da Universidade de Harvard e se arrisca em uma pesquisa que, além de apresentar um brilhante estudo do cotidiano de “Cornerville”, contribui expondo suas frustrações iniciais no campo, de “estar bem à frente, e ainda assim distante”:

Aproximei-me do grupo com uma fala mais ou menos assim: Perdoem-me, vocês se importam se eu me juntar a vocês? Houve um silêncio enquanto o homem me encarava. E então se ofereceu para me jogar escada abaixo. Garanti que isso não seria necessário, e demonstrei o que dizia saindo de lá sem qualquer ajuda (WHYTE, 2005, p. 291).

Wacquant, também de família de classe média de uma cidade ao sul da França, na busca de um “ponto de observação” para compreender o “gueto norte-americano”, rompe essa barreira adentrando “por engano e por acaso” em uma academia de boxe no gueto negro de Chicago, acusando as peripécias e imprevisibilidade do ofício sociológico. Cabe destacar que tal interação, de duração de mais de três anos, levou-o a cogitar interromper a “carreira universitária para passar para o lado dos profissionais”. (WACQUANT, 2002, p. 20)

Os desafios de uma pesquisa se expressam de múltiplas formas, também são múltiplas as formas de superá-los ou acentuá-los. Alba Zaluar, um marco na bibliografia sobre “tráfico” e estudo no “morro carioca”, em sua introdução “o antropólogo e os pobres” registra “um medo realista de me enredar em malhas cujo controle me escapasse, ou de enfrentar a morte nas mãos de um bandido raivoso” (ZALUAR, 2002, p.10). Caldeira (2011) já se propõe no capítulo “antropologia com sotaque” a refletir sobre as relações entre pesquisador e interlocutor, apontando que “minha posição social e minha filiação à universidade marcaram, assim, minhas relações com pessoas de todos os grupos sociais que estudei”. Na sua conclusão, sua “posição social” produziu um efeito propositivo para o tipo de pesquisa que desejava:

Foram essas posições sociais que provavelmente suscitaram detalhadas respostas de pessoas das camadas trabalhadoras, que se sentiram obrigadas a atender aos meus pedidos de entrevistas e que falaram sobre o crime em seus bairros, mesmo quando seu medo e insegurança justificariam a recusa e o silêncio (CALDEIRA, 2011, p. 22).

Para não me deparar com nenhum “bandido raivoso” estabeleci acordos minimamente horizontais, que obviamente pediam compromisso, respeito mútuo, bem distante das relações estabelecidas por pessoas “obrigadas”. Importante ressaltar que minha posição não continha nenhuma condição de impor ou obrigar alguém a algo; e, segundo, ainda que porventura tivesse, qualquer “obrigar” seria desastroso para o resultado esperado para esse tipo de pesquisa, que só se constrói a partir da disposição dos interlocutores. Assim, utilizei-me da “posição” de alguém que aos 8 anos de idade chegou na cidade de Luzia e de lá saiu depois de 21 anos.

Evidentemente que se estabelece um enquadramento do pesquisador em uma determinada posição, com ganhos e perdas. Meu lugar era múltiplo e visível, se avaliado pelos diversos vocativos utilizados para me chamar durante o período de “campo”. Tanto eu fui chamado pelo meu segundo nome, mais habitual, Douglas; também por José, meu primeiro nome, por outros. Para os mais velhos, *filho do seu Vicente*, isso sem falar que alguns me conheciam como “professor”. Este indivíduo, de certa forma *conhecido* pelos seus interlocutores, pôde ser mensurado quando de sua apresentação a um jovem *traficante*. Eis um trecho do diálogo: *o Douglas é das antigas. Essa hora aqui eles* (referência à turma da rua) *tava tudo jogando bola na rua. Nem deixava eu jogar.*

A etnografia durou aproximadamente cinco meses em Luzia e proporcionou cerca de 40 horas de gravações de diálogos, além de inúmeras anotações no diário de campo. Fundamentou-se em uma teia social comum entre o *pesquisador* e grande parte dos meus interlocutores, amigos, *conhecidos*, gírias, lugares... Capturado: *lá na rua do Pedro; passando pela viela do [bairro] Maria; lembra daquele que colou comigo no casamento do Marcelo?* A meu ver, existia uma história social, em grande medida recíproca, que me ajudava. Um trabalho pautado na tentativa constante de exercer um preceito *de quebrada* de longa data: *humildade*. Algo que não se refere a viver em um mundo de abdicação dos bens materiais e de todas as *necessidades*, mas de compreender que não existe *ninguém melhor do ninguém*, ressoar igualdade entre pares em situações adversas, dispor em não se hierarquizar diante dos interlocutores, aprender, ouvir, respeitar, lutar para *saber chegar e saber sair*; não impor ruídos que possam prejudicar interlocutores e terceiros – não percorrer caminhos que não

foram devidamente debatidos anteriormente. Enfim, um fazer de muitas responsabilidades, para a Universidade, para mim mesmo e para os meus pares.

Por fim, entendo necessário expressar essa advertência óbvia: que este estudo refere-se à especificidade da pesquisa dentro do universo periférico, a chamada *quebrada*², com uma temática voltada à configuração de litígios e homicídios em Luzia. Um interesse do pesquisador envolto em movimentos dos próprios interlocutores. Portanto, não se trata de um trabalho sobre a totalidade das relações sociais presente na cidade de Luzia, que vive inúmeras situações que passam longe do cotidiano da violência constantemente ritualizado na grande mídia, contudo, me posiciono e coloco minha lente para enxergar uma parte da questão social, uma posição nesse universo tão debatido e tão pouco ouvido.

Os Números: contraste brasileiro e paulista

No início da década de 1970, o país apresentava índices de “violência”³ que eclodiram em suas múltiplas variações, sobretudo nas periferias urbanas, com destaque para as taxas de homicídios, construindo assim uma robusta produção de teorias e números por parte de institutos, fundações, grupos de pesquisa e secretarias de segurança pública. Até meados de 1970, o debate se concentrava na Psiquiatria e no Direito Penal através de trabalhos sobre a temática carcerária. Entretanto, surgem desse período os primeiros trabalhos no campo das Ciências Sociais (MISSE.1993).

Entre 1980 a 2010 a taxa de homicídios ultrapassou o indicador de 11,7/100 mil habitantes, alcançando 26,2/100 mil habitantes, apresentando crescimento negativo de 1,4% ao ano no período entre 2003 e 2010. Cabe também sublinhar que a soma de 30 anos de taxas de homicídios contabilizam mais de 1 milhão de mortes (WAISELFISZ. 2012).

Nota-se que essas mortes têm características muito peculiares, que apontam para uma faixa etária e cor de pele específicas. No ano de 2007, a faixa entre 15 e 24 anos concentrou os maiores índices de homicídios no país, 36,6% do total. Analisando o período entre 2002 e 2007, observa-se uma queda de homicídios na população identificada como branca, de 18.852 para 14.308 pessoas, e na população negra um aumento de 26.915 para 30.193 pessoas (WAISELFISZ, 2010, p.116).

Além das características etárias e de cor de pele, compete mencionar que, durante

² *Quebrada* nas falas dos meus interlocutores refere-se ao local onde moram ou tem laços afetivos.

³ Segundo Zaluar (2002), o desafio imposto no período era explicar como, no momento em que o país recuperava suas instituições democráticas, também apresentava crescimento da criminalidade e dos homicídios.

longo período, os homicídios ocorreram concentradamente em determinadas regiões do país. No ano de 1998, de todos os homicídios registrados, 21% se concentraram nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo (ADORNO. 2002). A tabela abaixo expõe a evolução na taxa de homicídios por 100 mil habitantes na cidade de São Paulo na década de 1990:

Tabela 2 - TAXA DE HOMICÍDIO POR 100 MIL HABITANTES. SÃO PAULO, CAPITAL.

1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
46,6	47,9	50,4	45,7	44,9	47,3	58,6	57,8	56,7	61,1

Fonte: Waiselfisz, 2000.

Observa-se também que essa concentração regional, de faixa etária e cor de pele, se acentua em localidades periféricas da cidade. A sensação de medo vivenciada por parte da sociedade alimenta um potencial de modificação das configurações geográficas e políticas das cidades, criando bolsões isolados e fortemente armados. Nota-se, na década de 1990, a expansão de condomínios com suas normas e ordens particulares, conforme observa Caldeira (2003), com a constituição de velhas e novas formas de segregação, discriminação racial e social⁴.

Recentemente, o contexto apresentou significativas oscilações em alguns estados. Regiões que não apresentavam números elevados, atualmente registram grande incidência do fenômeno. Exemplos interessantes são o Pará, que pulou de 13/100 mil habitantes em 2000 para 45,9/100 mil habitantes em 2010; e Alagoas, com 25,6/100 mil habitantes em 2000 para 66,8/100 mil habitantes em 2010). Outros exibem significativa redução - como Rio de Janeiro, que passou de 58,8/100 mil habitantes em 1997 para em 2007 registrar 40,1/100 mil habitantes, além do caso emblemático de São Paulo, que desabou de 36,6/100 mil habitantes em 1997 para 15,0/100 mil habitantes em 2007.

A tabela abaixo registra o total de homicídios de 1997 até 2007 no estado de São Paulo e ilustra esse panorama de redução:

⁴ Para uma análise aprofundada do processo discriminatório no campo da justiça penal paulista, cabe mencionar o trabalho de Adorno (1996) e o artigo de Alvarez (2002), sobre a influência do pensamento “lambrosiano” na criminologia brasileira entre 1880 e 1930.

Tabela 3 - HOMICÍDIO NO ESTADO DE SÃO PAULO (1997 ATÉ 2007)

1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
12.552	14.001	15.810	15.631	15.745	14.494	13.903	11.216	8.723	8.166	6.234

Fonte: Waiselfisz, 2010.

Podemos notar, analisando os contextos específicos, que há heterogeneidade frente aos macrocontextos. Nessa medida, julgamos relevante contribuir com o debate a partir de um estudo minucioso do caso de Luzia, a começar pela *fala* [narrativa] dos interlocutores e apresentar o debate do “caso paulista”.

Debate político e acadêmico acerca das estatísticas de homicídios de São Paulo

Os trabalhos sobre a redução dos homicídios, em geral, são focados em estudos de características quantitativas, com poucos trabalhos centrados em análises locais e de caráter qualitativo. Entende-se o fenômeno paulista, em grande medida, a partir da análise de dois conjuntos de políticas. O primeiro conjunto consiste em intervenções estatais. Parte do discurso dos representantes do governo do estado de São Paulo afirma a redução em decorrência de um melhor investimento e aparelhamento das polícias, em razão de um novo desenho da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo. O pronunciamento do ex-secretário de administração penitenciária de São Paulo, demitido em maio de 2006, época dos “ataques do PCC”⁵, sintetiza essa compreensão sobre o fenômeno. Nagashi Furukawa afirmou existir um melhor “gerenciamento de recursos e encarceramento”, iniciado a partir da gestão do Marco Petreluzzi, secretário de segurança pública de São Paulo no período de 1999 a 2002. De acordo com Nagashi, o departamento de homicídios da Polícia Civil sofreu modificações consistentes, pois a Secretaria de Administração Penitenciária recebeu grandes contingentes de presos oriundos de distritos policiais desativados, gerando a liberação de investigadores e delegados para suas funções de origem. Conforme argumento acima, mais dois fatores contribuíram para a redução dos homicídios: um aumento significativo no número de prisões e a inviabilidade de fuga dos presos⁶ (MIRAGLIA; SALLA, 2008).

⁵ Estudos mensuraram de forma quantitativa esse acontecimento. O trabalho do CONDEPE-SP (2007) contabilizou 493 homicídios no período do dia 12 até o dia 20 de maio de 2006, e a pesquisa coordenada por CANO, Ignácio; ALVADIA, Alberto (2008) registrou 564 homicídios no período do dia 12 até o dia 21 de maio de 2006. Nas duas pesquisas há a incidência majoritária de “autos de resistência” e mortes com características de execução. Dados apresentados com mais detalhes no terceiro capítulo.

⁶ Cabe registrar que São Paulo tem a maior população encarcerada do país, 216.826 [Referência

Em nota divulgada no site da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, atribui-se a redução dos homicídios no estado aos seguintes aspectos: aumento do investimento do Governo em segurança pública (de R\$2 bilhões nos anos 1990 para R\$12,1 bilhões em 2011), retirada de 400 mil armas ilegais das ruas nos últimos 12 anos, intensificação do policiamento preventivo e investigação especializada de homicídios, pelo DHPP [Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa], além da criação de setores especializados em homicídios nas delegacias seccionais de polícia⁷. Problematizam-se também outras intervenções estatais que possivelmente contribuíram para esse fenômeno - como as políticas públicas municipais de fechamento dos bares, popularmente conhecidas como “Lei Seca”. Nesta linha de raciocínio, o álcool seria um instrumento provocador de situações de violência, pois minimizaria a capacidade do indivíduo de julgamento, tornando-o suscetível a situações de conflito. Leis que possuem características distintas regionalmente, mas que substancialmente têm seu eixo na questão do fechamento de bares nas periferias das cidades Duailibi (2007) e Moura (2011).

Outras hipóteses que contribuem para problematizar o fenômeno paulista são a “Lei do Desarmamento” e a “Campanha do Desarmamento”. A Lei 10.826/2003, conhecida como o “Estatuto do Desarmamento” dispõe sobre o registro, posse e comercialização de armas de fogo, e a “Campanha do Desarmamento”, de 2004, que incentivou a entrega de armas de fogo. Em geral, alguns estudos também apontam essas intervenções estatais decorrentes de demandas de setores da sociedade como provocadoras de um cenário de redução de homicídios (CERQUEIRA; MELLO, 2009). Cabe registrar que o artigo coletivo de Peres, Vicentin, Nery, Lima, Souza, Cerda (2011), agrega complexidade ao debate proposto, pois se trata de uma análise de diversas hipóteses para explicar o fenômeno de redução dos homicídios (encarceramento em massa, investimento em políticas sociais, policiamento comunitário, operações de “saturação” e uma nova configuração demográfica da população jovem). O artigo sinaliza a necessidade de um estudo a ser realizado que contemple uma análise micro e macrosociológica, responsável por uma possível compreensão dos acontecimentos em curso.

Já o segundo conjunto de políticas, as políticas do crime, é problematizado por Feltran

09/02/2015] Resposta do Núcleo de Situação Carcerária da Defensoria Pública de São Paulo em 24/02/2015. Mais uma vez agradeço Henrique Finoti, Sociólogo do Núcleo de Situação Carcerária da Defensoria Pública de São Paulo, não só pela leitura atenta desse trabalho, mas pelas informações prontamente disponibilizadas. Existe uma vasta bibliografia problematizando o processo de encarceramento em massa. Wacquant (2001) e Garland (2008) sobre a experiência internacional e Salla (2007) e Godoi (2010) da experiência paulista entre outros.

⁷ < <http://www.ssp.sp.gov.br/noticia/lenoticia.aspx?id=26871>>. Acesso dia 28/02/2012.

(2010, 2012) e Telles e Hirata (2007, 2010). Para esses autores, o cenário social nas “periferias” de São Paulo agrega necessariamente a complexidade analítica de olhar para além da perspectiva unilateral das políticas estatais, porque foge do imaginário estático, passivo, de uma oposição moralizada entre bem e mal, lei e ordem *versus* criminalidade, Estado *versus* crime. Atualmente, em algumas circunstâncias, emergiriam nas periferias das cidades atores do “mundo do crime” que funcionariam como mediadores de situações de litígio pautadas em contextos de interação situacional entre o mundo prisional e bairros periféricos⁸. Chega-se, inclusive, com base nos argumentos de Machado da Silva (2008), a considerar a coexistência de ordens legítimas em disputa nas periferias contemporâneas. A emergência do Primeiro Comando da Capital (PCC)⁹ e suas “políticas” seriam uma chave analítica para compreender a redução dos homicídios em todo o estado de São Paulo. Um exemplo desta representação nas “extremidades” da cidade é lapidado no trabalho de Feltran (2010). Para o autor, os moradores das periferias de São Paulo recorrem às diversas “instâncias de autoridade em busca de justiça”. No intuito de sanar um problema trabalhista, recorre-se à justiça do trabalho; para reivindicar uma pensão, aciona-se a justiça civil; porém, mediante um problema local como roubo, agressão, briga dentro de localidades onde predomina a “disciplina” do PCC, existem moradores que se dirigem a um “irmão” do “Comando”¹⁰ (FELTRAN, 2010, p. 60). Integrantes do Primeiro Comando da Capital são identificados por parte da população local como elementos capazes de *fazer justiça*. Nota-se que a busca de justiça por intermédio dos “irmãos” do PCC é um apelo por outras instâncias, um *complemento* para obter usufruto de direitos não conquistados por instâncias oficiais, em um enredo dissonante da lógica democrática.

Essa forma de justiça configura-se em uma *ética*, uma *lei* própria, e toda uma normatização de extrema organicidade para julgar diversas demandas cotidianas. Um escalonamento de complexidades que permeia pouca gravidade, em situações remediadas através de “ideias” trocadas pelos próprios indivíduos no local; gravidade moderada, para

⁸ Essas intersecções entre a prisão e outros espaços sociais são problematizadas por Cunha (2002) e Godoi (2010).

⁹ Segundo Biondi (2010), há relatos divergentes e conflitantes sobre a origem desse agrupamento. Dificilmente pode-se afirmar, com precisão, data e circunstâncias sobre seu surgimento. Para a autora, a história que conquistou maior notoriedade dentro e fora da prisão remonta ao ano de 1993 no Anexo de Custódia e Tratamento de Taubaté. No primeiro capítulo abordo essa discussão. Cabe destacar que Biondi (2010) indica que o PCC conquistou adesão em torno de 90% dos estabelecimentos prisionais do estado de São Paulo e, em geral, ganhou uma conotação equivocada de “facção criminoso”, supostamente organizada com um quadro hierarquizado e com pessoas capazes de executar tarefas sem questioná-las. Porém, Dias (2009, 2011) problematiza o PCC em “última instância” como um quadro hierarquizado.

¹⁰ Outras referências ao PCC: Família, 1533, Quinze.

casos em que se exige a consulta de outros irmãos; finalmente, situações de vida ou morte podem merecer ampla e complexa rede de indivíduos “respeitados” dentro do PCC para o “debate”¹¹. Observa-se que a sentença é amparada no respeito aos princípios da facção, no amplo respeito pela *quebrada* e nas performances e depoimentos dos acusados e das vítimas envolvidas.

A fala de Ferréz, autor da chamada “literatura marginal” e morador do bairro Capão Redondo, sintetiza esse novo cenário:

“[...] Mas eu tive que esperar o PCC chegar para mudar a favela, não foi o PT. A sigla foi outra, não foi o PT”. (HERMANN, 2009. p.13).

E se levarmos a sério a sensibilidade do Rap em captar e descrever o contexto social periférico, outras vozes contribuem:

“[...] as estatísticas falam que quem deixou as vilas calmas. Eles acham que é o sistema, a polícia. Não é. O que deixou é a conscientização. Não é por medo e nem por violência...” Cascão (2012).

Cabe também a observação de Dexter (2012):

“[...] é uma organização que salva vidas também. Vou fazer o que - eu sou obrigado a falar isso - é a realidade, não é? Hoje nos jornais ou algum tempo atrás você via nos jornais dizendo que o índice de homicídios de tal região caiu. E o governo atribui isso à segurança. Mas nós que estamos na rua, que moramos na favela, nas periferias, a gente sabe que não é”. Dexter (2012)

E, por fim, Mano Brown (2009), quando perguntado sobre o extermínio da juventude, responde :

“[...] em São Paulo existe um movimento diferente. Por leis que não são do governo ”. E indagado sobre o que mudou nesses últimos oito anos, responde: “o surgimento do PCC”. Brow (2009)

Entretanto, Telles e Hirata (2010) pontuam a necessidade de problematizar o que se mensura como “pacificação”, pois a lógica de vingança nas periferias da cidade de São Paulo, marcada por redes de matadores e “guerras”, foram “temporariamente” interrompidas, especialmente nos anos 2000. Contudo, os circuitos de acertos, extorsão e violência policial persistem com suas sofisticações e tensões, já que não se trata de uma ordem instituída de

¹¹ Segundo Marques (2007), o debate é a realização de uma discussão que pretende resolver um litígio com um importante ingrediente nesse ambiente, o “proceder”. Compreendido como um substantivo, utilizado para expressar um conjunto de orientações que norteiam o cotidiano de localidades na “disciplina” do PCC. E o proceder pode, do mesmo modo, ser um adjetivo, um atributo daquele que tem sua experiência considerada em consonância ao proceder (substantivo).

modo absoluto, mas justamente de tensões entre ordens em constante busca por legitimação. Para os autores, as próprias disputas internas de policiais por extorsão e grupos de extermínio “nunca deixaram de existir”, e podem ser acionadas em conflitos altamente letais, como os cíclicos momentos de “guerra” de maio de 2006 e, com outras características, em 2012.

Logo, muito se produziu nesse norte e só nos resta, então, por intermédio de uma etnografia, estudar os discursos de “verdade” em torno dos homicídios, que por hora irradiam dinâmicas *estatais*, do *crime* e da *quebrada*. Entretanto, *a priori*, conduzo o leitor ao universo de Luzia pelo percurso que lidava diariamente, dentro de um trem, a caminho do trabalho ou para casa, pontuando as transformações, modernidade, população e segurança.

O trem e a vila: breves apresentações da cidade

Modernização urbana e a confirmação da cidade como centro econômico de primeira grandeza. Ao mesmo tempo e no mesmo passo, a expansão de uma malha intrincada de ilegalismos, acompanhando as novas formas de produção e circulação de riquezas, que se delinea em um comércio informal redefinido, nas fronteiras do legal-ilegal, de que o contrabando, a pirataria e ilícitos variados são exemplos conhecidos. É nesse cenário que o mercado varejista da droga se organiza. Momento em que se dá o transbordamento do PCC para fora das prisões, acompanhando a expansão e maior articulação do varejo da droga nas periferias da cidade. Esses também foram os anos de endurecimento penal e do chamado encarceramento em massa (TELLES, 2010, p. 248)

Sentado dentro do vagão de um trem, a caminho de Luzia. O relógio digital informa: 11h35, a 19°C, que parecem 10°C. O leve balançar, o silêncio do ambiente e o ar condicionado produzem um ambiente perfeito para um rápido cochilo. Entre algumas *pescadas*, barulhos de portas se abrindo e fechando, reflito sobre as mudanças e as mesmices do trem e do lugar onde cresci. Algumas estações adiante entra no vagão um senhor negro, magro, cabelo curto, talvez 1,60 de altura, uns quarenta anos. Veste uma calça jeans azul, tênis branco cuja marca desconheço e uma camisa de seda bege, com manchas em azul escuro. Nitidamente alcoolizado, ele se senta exatamente a minha frente em um banco ao lado da porta. Logo abaixa a cabeça e começa a cochilar. Algumas estações à frente desperta, levanta a cabeça e esbraveja para todo mundo ouvir: *Só quero saber do meu cartão! Gente, amanhã é domingo... Sabe o que é amanhã? É dia de São João. Lá no norte é a maior festa! Fogueira grande, milho, quentão e tudo, tudo, tudo. Eu tô ruim, mas tô bom. O importante é isso!* O homem fica em silêncio e pensativo, como se passasse um filme na sua cabeça. Mais alguns

minutos ele gesticula com as mãos e esbraveja em voz alta: *O cara queria me dar R\$ 50 no meu cartão, que tem R\$ 236! Oxi, tô bêbado, mas não sou trouxa! Daqui a pouco vou pegar mais dinheiro. Gente, eu quero o meu cartão. Eu não sei onde coloquei. Eu vou ainda hoje, eu vou.* Um senhor negro, alto, calvo, de paletó bege surrado e sapatos pretos se aproxima com um sorriso no rosto, entrega uma filipeta e afirma: *Deus te abençoe. Pega esse papel aqui e depois, quando o senhor estiver melhor, por favor, leia.* O homem balança a cabeça positivamente e logo responde: *Brigado. Deus abençoe. Vou beber e vou beber de copo cheio!* [observa-se algumas risadas contidas dos demais passageiros que acompanham esse cordel da vida real] *Eu vou de avião pra Recife, eu já comprei a passagem. Eu sou de Recife, nasci lá, mas minha vida é aqui!* Abaixa a cabeça e segue em silêncio. Poucos minutos depois, chega a estação em que desço regularmente. Antes de sair, olho fixamente para o bêbado e balanço levemente a cabeça, em um sinal de reverência e identificação a mais um nordestino, como a maioria da minha família – nasceu lá, mas a vida toda foi construída aqui! [Diário de campo. 16 de Maio de 2013]

Essa máquina nem sempre foi *fria* e *segura*. Por volta de 1960 o cronista que narrava nesta mesma *linha* “[...] Queimam hora, hora e meia de trem. Viajam de pé, marmitta debaixo do braço e os tarecos necessários” (JOÃO ANTÔNIO, 2001,p.121), em 1990, o rapper cantava: “o cheiro é mal de ponta a ponta. Mas assim mesmo, normalmente o que predomina é a maconha” (RZO, 1997) são de muitas “histórias minúsculas” (FOUCAULT, 2005) que se compõem o trem.

No início dos anos 2000, os vagões em dias de verão eram um *forno*, muitos desmaiavam. Ainda existiam os *surfistas* [pessoas que se aventuravam em trafegar em cima dos vagões]. Muitos burlavam os poucos seguranças das estações – quase tudo escapava. Espaço poroso, invasão pela esquerda, pela direita, pelo meio da estação. Burlava-se, passava-se por baixo da catraca a cada displicência do segurança. A cada estação um confronto cotidianamente instaurado, muitos não querendo pagar a passagem e outros poucos seguranças por meio de estratégias diversas tentando conter essa massa. Graxa nos muros, ferros pontiagudos, agressões e outros seguranças simplesmente faziam *vistas grossas* com medo da represaria.

Existiam também os *marreteiros* [vendedores ambulantes] dentro dos vagões que diariamente se chocavam com as equipes de segurança, chamadas de *rapa*, resultando em incontáveis confrontos passíveis de prisão, apreensão de mercadorias, humilhações, caixas

quebradas, produtos jogados e até roubo de mercadorias. Sem ainda as tecnologias de vigilância e a massa de seguranças atuais os *marreteiros* proporcionavam uma verdadeira cantoria nos vagões dos trens: *olha o DUP é dez, delicioso chocolate ao leite. DUP é dez. DUP é dez!*. Outros destacavam de sua sacola o *mais novo lançamento o descascador de legumes* e mesmo com balanço do trem e a lotação o marreteiro provava a eficácia do seu produto descascando cenouras, pepinos e outros tantos legumes, enfatizando que *isso não requer prática e nem tampouco habilidade!* No caminho vendia-se de tudo e sempre com um texto na ponta da língua para atrair a atenção dos clientes. Salgadinho, lanterna, batata frita, capa para controle remoto, amendoim, pilha, chocolate, barbeador, cortador de unha, tesoura, carrinho de brinquedo e até a *banha do peixe boi da Amazônia*. Nos horários de pico matutino, mais marreteiros, entre 6 e 8 horas e posteriormente, entre as 17 até às 20 horas, um verdadeiro festival de cores, formas, pessoas, gritos e anúncios.

Compunha no trem, também, pedintes, deficientes visuais, pessoas com inúmeras deformações, atrofias, amputações, feridas expostas no corpo, todo tipo de sem sorte que disputava *qualquer centavo* dos passageiros. Do senhor negro, obeso, com a receita médica em mãos pedia *qualquer ajuda*. Esse senhor tinha um pé em forma de uma bola desproporcional de carne dura, escura, com ferida aberta no início do calcanhar até a perna. Outro homem de quase 40 anos que, em um corpo esquelético e amarelado, braço esquerdo com as iniciais de um nome tatuado em azul, pedia a *atenção* dos passageiros com uma história que era mais ou menos assim:

Olha gente estou aqui pedindo ajuda. Infelizmente dez anos atrás, minha filha de cinco anos foi estuprada e morta por um animal. Não posso chamar esse monstro de gente. Eu que tinha minha vida tranquila não pensei duas vezes, não vou mentir pra vocês, matei esse monstro que fez isso com a minha filha e a justiça dos homens me colocou na cadeia. Eu que tenho família fiquei quase dez anos preso e por meio de uma seringa contaminada contrai várias doenças, entre tantas, o vírus do HIV. Hoje estou aqui nessa situação, faz três dias que não me alimento e ontem me desesperei quando minha outra filha pediu um arroz com feijão. É por isso que eu venho me humilhar, pedir qualquer ajuda pra vocês.

Também estava presente cotidianamente um *anão*, branco, que tinha uma *doença rara*. Segundo ele, a enfermidade gradativamente atrofiava seu corpo e, por esse motivo, perdeu o movimento das pernas. Ele andava com um acompanhante que o colocava dentro do vagão em cima de um Skate, e empurrando com as mãos encardidas argumentava em uma expressão sorridente e bem articulada:

Peço ajuda de vocês, pois infelizmente Deus me fez assim. Tenho inúmeras dificuldades de locomoção e não consigo me aposentar. Só posso contar com

a ajuda dos filhos de Deus.

Dessas viagens apareciam corriqueiramente os *crentes* que ainda hoje individualmente pregam nos trens, mas que no início dos anos 2000 realizavam verdadeiros cultos itinerantes. Vagões lotados de *irmãos*, com mulheres de saia, cabelo grande e os homens em seus paletós, muitas vezes surrados e a fé inquebrantável. Aproveitavam o percurso para o trabalho ou o retorno para casa e pregavam *a palavra*.

Entretanto, essa composição gradativamente vai se tornando indesejada, sendo mapeada, combatida em um processo amplamente divulgado de *modernização* nos últimos anos¹². Um apanhado de decretos, regulamentos e elementos disciplinares se fazem presente para administrar essa multiplicidade em circulação (FOUCAULT, 2008, p.74) Agora em trens *modernos*, a composição metálica que aglutina a população é gelado, *limpo, silencioso e seguro*. Menos cadeiras, mais espaço e mais pessoas por vagão. Câmeras na entrada da estação, nas plataformas, nos vagões monitoram a circulação dos *usuários* em nome da *nossa tranquilidade*. Espalham-se seguranças nas plataformas, aumentam os muros, constroem outros tantos para se evitar burlar. Parafernália de tecnologias se acopla com a possibilidade de efetuar uma denúncia via SMS - *caguetagem*, dizia um interlocutor de Luzia. Advertências na parede do vagão *educam* os passageiros: *não é permitido sentar-se no chão*. O sistema de som recomenda: *proteja sua saúde e da sua família não comprando produtos do comércio irregular em trens e estações*.

Duplas de seguranças terceirizados, vestidos de uniformes azuis, circulam nos vagões em busca da resistência de alguns poucos marreteiros. Outros tantos seguranças trafegam à *paisana* à procura de marreteiros e, não obstante, policiais ferroviários vestidos de suas fardas beges e pistolas na cinta olham a todos, sisudamente, para a *nossa segurança*.

Hoje são outros *tempos* e para cidade que transito, constituída à beira de uma estrada de ferro, também ocorreram mudanças, *creceu muito*, dizia-me um interlocutor. Uma cidade que *oficialmente* comemora anualmente a chegada do *pioneiro – fundador* que com a sua família adentrou em lugar *que nada tinha*. Um imigrante, branco, europeu, que com *muito trabalho* comprou terras e depois de muitos anos conquistou nome de rua, praça, escola, bem como os muitos *europeus* que por lá chegaram no início do século XX. Muitos mineiros, paraibanos, piauienses, baianos, alagoanos, cearenses, maranhenses, pernambucanos e outros

¹² Os valores referentes a esse “Plano de expansão e modernização” segundo relatório de administração da CPTM (2012) está previsto no plano plurianual 2012-2015 o gasto de 9,4 bilhões.

tantos *de fora* chegaram no final do século XX ¹³, mas nunca ganharam o mesmo *prestígio*. Esses *últimos* corriqueiramente associados com as *mazelas*, ao *atraso* da cidade ¹⁴.

Muitos imigrantes veem o *sonho da casa própria* se concretizar no final dos anos 80 quando no rádio AM, Zé Bétio [um radialista popular da década de 1980] esbraveja *joga água nele* para despertar o *pai de família* de seus afazeres como *chefe da casa* e nos intervalos do programa anunciava a *oportunidade de morar no que é seu* em um loteamento na cidade de Luzia.

Nos anos de 1980 é momento de crescimento com ruas recém-asfaltadas, sendo a pista perfeita para carrinhos de rolimã por entre ladeiras e o espaço para um futebol de rua da molecada. Os *campinhos* de inúmeros campeonatos gradativamente saem de cena para mais moradias. Estas construídas em regime de mutirão com a *laje batida*, ápice de um sonho e o momento de contar com a ajuda e a comemoração dos parentes e amigos – antes da última lajota colocada, o fogo aceso, comida, bebida e muita música. Antes mesmo do *acabamento*, a mudança, pois o *importante é estar no que é seu* e a certeza que para evitar o *mal olhado*, a *inveja*, espada de São Jorge e/ou arruda na entrada.

Se por algum motivo o recém-nascido adoce, o diagnóstico: *bucho virado* ou *olho grande* e pra enfrentar essa mazela: galho de arruda, oração e muita fé ¹⁵. A possibilidade de pedir uma ajuda no terreiro do bairro não impede que muitos *tiozinhos* tenham fé em Padre Cícero e no Frei Damião. Na igreja católica o padre ora por um mundo mais justo e igualitário na terra e sempre apoiando um candidato *trabalhador*. Outras tantas igrejas “evangélicas” falam de Deus e da guerra contra o Diabo - e para o dia de São Gosme e Damião muitos doces para as crianças.

Na quermesse que lembra o *norte* em época de São João aglutina barracas organizadas pelas escolas e paróquias em trabalho voluntário e artesanal para colher recursos. A solidariedade agrega famílias, pois se a Dona Maria empresta açúcar para a dona Luzia e a dona Ilda pede café para dona Luzia, estabelece mais do que meras trocas de mercadorias, se constrói laços afetivos que ampliam famílias e em certa medida perpetuam responsabilidades recíprocas. A reza, a comida, o *sotaque*, a música em parte traz vergonha para muitos filhos de

¹³ Esse processo foi poeticamente registrado nas letras de Patativa do Assaré e devidamente musicado por Luiz Gonzaga (1964) [...] agora pensando segui ôtra tria. Chamando a famia. Começa a dizê: Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo, nós vamo a São Palo. Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia. Por terras aleia. Nós vamo vaga. Se o nosso destino não fô tão mesquinho, prô mermo cantinho. Nós torna a vortá. Vivê ou morre.

¹⁴O trabalho de Dadalto e Rodrigues (2013) analisa que na região metropolitana do Espírito Santo existe, também, grande fluxo migratório de nordestinos que vão residir nas periferias da cidade e recebem a denominação de “baianos” pela “população nativa” Dadalto e Rodrigues (2013, p. 150).

¹⁵ Para possível explicação, ver o documentário Benzeduras (2008).

nordestinos, dos imigrantes e demarca a distinção de geração, dos filhos paulistas que assimila o preconceito embutido a tudo que se remete ao nordeste, *atrasado, feio, de baianão*.

No bar toca Barto Galeno, Odair José, Amado Batista sobre os amores e condutas proibidas de uma cidade que não os enxergam, e nas ruas, jovens se identificam com música que apresentam o cotidiano de suas vidas e de muito *superstar do noticias populares*¹⁶ nos anos de 1990. Em época de férias, no céu muita pipa e na terra muita *treta*, o menino que corta a mão com linha de *cerol* [cortante utilizados nas disputas entre pipas] imediatamente coloca um punhado de terra e aperta com a outra mão *pra parar de sangrar e lapidar a sua capacidade de lidar com a dor*. A cidade cresce, os parentes vão chegando e, na medida do possível, com uma referência para se hospedar. Primos, primas, tios, tias na luta por um emprego de servente, pedreiro, porteiro, cozinheiro, garçom, faxineiro, de *qualquer coisa*.

O aprendizado da rua ensina que tem muito *leão de chácara*¹⁷ na vila e alguns que passaram um tempo *guardado* [preso] ensinam que *malandro mesmo é o trabalhador*. Um garoto que, no meio do tumulto, vê pela primeira vez um corpo baleado, não consegue esquecer os olhos *estalados* e a boca aberta do *defunto* e uma geração cresce distinguindo um disparo de arma de fogo de um rojão no ar¹⁸.

O truco e futebol de rua, aquela algazarra de desempregados que se divertem e passam o tempo no final de 1990, e na favela, aprende-se rapidamente que não se tolera *mancada* e que existe *respeito* e do outro lado do bairro a molecada também entendia que roubar na vila é *atraso de vida*. Aos sábados à tarde via-se passar em uma Kombi branca o *pé de pato* [justiceiro] e toda sua moralidade que não tolera *safadeza*.

Nos anos 2000 Luzia carrega sinais de mudanças. Vinte câmeras acopladas a um sistema de monitoramento por 24 horas espalhadas em *pontos estratégicos* da cidade. Novas viaturas e mais de cem guardas municipais vinculados à Secretaria de Segurança Pública Municipal criada em 2009, trabalho intensificado com mais policiais civis e militares. As câmeras possibilitam registrar *um acerto*. Da praça, dois homens dentro do carro se cumprimentam, sorriem, um entrega a mala, o outro abre e conta o dinheiro. Saem para a padaria ao lado, a câmera acompanha um bate papo rápido, um café, a despedida, tudo devidamente registrado, filmado.

Carros não são mais raridades, tráfego pesado, trânsito, reclamações. Veículos que

¹⁶Referência à música um Homem na Estrada de Racionais Mc's (1993).

¹⁷ Um indivíduo com "cara" de mal, mas inofensivo. Outra leitura, um indivíduo que trabalha de segurança.

¹⁸ Referência a esse tipo de aprendizado está presente no trabalho de Barbosa (1998).

cortam vielas estreitas e que sobem *morros*¹⁹. O *giro loko* agrega motoqueiros em passeios pela cidade que, sem itinerário prévio, esbravejando estalos de seus escapamentos por vários cantos da cidade - a polícia militar tenta reprimir, acabar, apreende motos, aplica multas. No próximo encontro acionado *pelo face* [rede social facebook] outras linhas, percursos, horários. O *fluxo* desconcerta a noite de muita gente e agrada muitos adolescentes, jovens e adultos. Lança perfume, *pó* (cocaína), *chá* (maconha) e *pedra* (crack) acompanham para quem estiver na disposição, acompanhado de muito *Funk*, hoje menos *apologia*, mais *ostentação*. A Fluidez dos encontros se põe a prova a cada repressão policial e novos encontros agendados.

É nesse cenário de modernização rápida, com todos os conflitos que ela traz, que minha pesquisa de campo se desenvolveu. É desse cenário cotidiano e nas linhas de força que o condicionam, que por vezes redundam em litígios de diferentes tipos, inclusive homicídios, que retiro as narrativas que seguem. Dessas narrativas, tento extrair um modo de analisar esses litígios, e esses homicídios, de modo a compor uma ciência social específica, que ainda não encontrei na bibliografia, centrada nos saberes vividos nas periferias como tais. Busco uma compreensão a partir dos fragmentos, gramáticas e contradições que experimentei em campo, dando força às vozes que ali encontrei.

Portanto, uso o recurso de fragmentos de narrativas, pequenas histórias, trechos de diários de campo, como escolhas elucidativas para as questões de pesquisa. Do mesmo modo, é dividido em um capítulo inicial a respeito de *antigamente*, uma inferência habitual, mas não totalitária, aos anos de 1980 e, sobretudo 1990, em dois espaços distintos e cada vez mais interligados [a *quebrada* e a *cadeia*] para problematizar velhas e novas políticas de quebrada, compondo uma história social local. O segundo capítulo apresenta as transformações políticas com a presença do enunciado PCC e as intersecções com os polícias. No terceiro capítulo, de forma proposital, uso uma estratégia de escrita em que ocorrem aproximações e recuos da prisão e rua para pensar analiticamente os acontecimentos de maio. Por fim, discorro a respeito das linhas tênues que interseccionam crime e estado, em um exercício menos conclusivo e mais provocativo.

¹⁹ O crescimento do uso de carros e motos é concomitantemente acompanhado de crescimento de acidentes e mortes. No período de pesquisa, ouvi diversos relatos de acidentes e mortes, sobretudo envolvendo motos. Lembrando que esse bem carrega uma importância simbólica muito grande. Muitos interlocutores me questionavam: *Por que você não tem um carro? Por que você não pega um gol bolinha?*

CAPÍTULO 1 *ANTIGAMENTE*: Modos de gestão da violência

As linhas abaixo seguem em torno das percepções de meus interlocutores a respeito de *antigamente*, uma inferência habitual, mas não totalitária, aos anos de 1980 e, sobretudo 1990, em dois espaços distintos e cada vez mais interligados [a *quebrada* e a *cadeia*]. Essa incursão sociológica apresenta um recurso rentável analiticamente, pois expõe uma certa política e justiça constituídas ao longo de uma história social de e além de Luzia. Com isso, observa-se a discussão atual, que conquistou grande repercussão midiática e acadêmica em torno da emergência do PCC nos espaços prisionais e periféricos de São Paulo. Para tanto, as linhas abaixo foram construídas em um recurso nada usual, na qual as falas dos meus interlocutores [por meio de histórias de vidas, fragmentos de narrativas, de músicas e literatura] conquistam um estatuto central no texto.

Antigamente na quebrada

Marcela, *branca*, de família do *interior* de São Paulo, *recém-casada* e com dois filhos teve a *oportunidade*, no início de 2004, de realizar um sonho: ter *sua casa*, o que ocorreu quando *mudou de vez* para a favela Janaína, em Luzia. Uma *favela* à margem da linha férrea estadual que, em sua outra extremidade seguia paralelamente à margem de um rio completamente poluído há pelo menos duas décadas. Tornou-se região de disputa judicial: de um lado a Companhia de Trens Metropolitanos de São Paulo [CPTM] vinculada à Secretaria de Transportes do Estado de São Paulo, proprietária da área; e na outra ponta moradores, um grupo da teologia da libertação²⁰ e a Prefeitura que reivindicavam a área para fins de habitação. A favela se constituía de 150 famílias oriundas de moradias alugadas da cidade de Luzia, de outras ocupações que sofreram reintegração de posse em cidades vizinhas, além de famílias que vinham de diversos outros estados, sobretudo do nordeste²¹ e Minas Gerais,

²⁰Dessa composição religiosa interna à Igreja Católica existe uma tradição em interlocução com movimentos sociais, que teve importante influência no contexto rural e urbano do país, do qual a cidade de Luzia também fez parte, sobretudo no final dos anos de 1980 e 1990. Sader (1998) apresenta dados referentes aos anos de 1970 que “calculava-se em 80 mil [comunidades eclesial de base] para todo o país” (SADER, 1998, p.156). Contudo, os anos 2000 apontam uma reconfiguração dessa nova religiosidade e a expansão de outras denominações religiosas. Para um estudo aprofundado ler: Almeida (2009).

²¹ Como sucintamente descrito na introdução deste trabalho, um volumoso deslocamento populacional de áreas rurais do nordeste para os grande centros urbanos, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, foram sentidas ao longo da segunda metade do século XX. Marcado por um primeiro grande fluxo, da segunda metade da década

motivadas por *parentes* que os avisavam da possibilidade de virem para ter *algo que é seu*, compondo ruas conhecidas pelos moradores: *lá nos pernambucos* ou rua dos *mineiros*.

Marcela vivia do *trabalho* de *marreteira* [trabalho ilegal nos trens da CPTM] como muitos moradores daquela localidade. Já tinha adquirido *experiência em faróis* na adolescência. Vendia balas, *Trident*, *Suflair*; *Joely*, *Coca-Cola* ou água, *tudo dependia do horário e temperatura; dia de calor é mais água e coca*. Paralelamente, no início de 2004, já fazia alguns carretos [nome dado às viagens para entregar drogas] para um irmão [membro do PCC] no intuito de levantar uma *moeda* [um dinheiro] em uma oportunidade que vinha em decorrência do *conhecimento* do seu tio no *crime*.

Na condição de moradora, começou a acompanhar o *dia a dia da favela* e no seu olhar via muita *opressão, na qual as famílias ficavam no meio*. Entendia a existência de uma convergência de forças opressoras no cotidiano daquele território oriundo *da política municipal*, por meio do *abandono e descaso*. Também entendia que ali existia uma *opressão da polícia, eles também matavam*; e, por fim, no seu olhar a *opressão do tráfico*, configurado na sua argumentação como *outro tipo de tráfico*, mais precisamente *um tráfico do escreveu, não leu, o pau comeu*, um tráfico

A *Polícia* e o *Tráfico*, respectivamente Estado e *crime*, são lapidados na argumentação da interlocutora por meio da menção a um substantivo feminino, sinônimo de coação, tirania. Em suma, seu olhar explicita uma *política*: entendida como *do abandono e descaso*, que operacionaliza um “racismo” entre os que devem viver e os que devem morrer por meio de possibilidades cotidianas (FOUCAULT, 2005. p. 310) como descreve a interlocutora:

Quem morava para baixo não ia para cima. E quem era de cima não ia para baixo. Tinha o tráfico do João, que era o dono e tinha o tráfico do Silas, o Lucas, o pessoal que ficava na escada, lembra? O tráfico da escada e o tráfico na ponta da estação. Até 2004 era assim, de 2003 até 2004 ficou essa rivalidade. Onde a polícia aproveitava a situação e entrava e fazia o serviço²². [Marcela]

Múltiplos vetores de forças e a *rivalidade* atravessavam corpos - os *favelados* e os *não favelados*, e internamente os *moradores de cima* e os *de baixo* [nós e eles]. Estes movimentos marcaram muitas vidas ao longo dos anos de 1980 e 1990 nas periferias de São Paulo, e para

de 1930 até o final dos anos 1970; e um segundo período, nos anos de 1980 até a década seguinte. Durhan (1973) aponta que se trata de um fluxo migratório pautado em grande medida por uma “empregada familiar”.

²² Esse *serviço* que Marcela narra ironicamente, não se trata das atribuições e delimitações constitucionais do exercício policial. Refere-se à capacidade de acionar a possibilidade de morte, “esculacho”, “prisão ilegal”, “sequestro” e outras tantas táticas por esses agentes do Estado que estará submetido à reflexão central ao longo dessa dissertação.

Marcela causava estranheza se perpetuarem naquele território no ano de 2004, pois, segundo ela, *já não era mais assim*. Esse ordenamento populacional que ao longo de pelo menos duas décadas foi apreendido por Feltran (2012, p. 8), por meio de seus interlocutores de pesquisa, como “épocas das guerras”, e como argumentou um interlocutor que se refere à década de 1990 em Luzia como a *época em que a bala comeu solto*.

Portanto, a partir da descrição de Marcela de um *tráfico nada a ver*, se faz necessário realizar um experimento sociológico para recompor as linhas narrativas do período das *matanças* em Luzia, e de um outro *tipo de tráfico*, e com isso esquadrihar, ou simplesmente compor, mais vozes acerca do debate que ficou conhecido como uma época de *muita guerra*, seguida de um período de *paz*.

ANOS 1990 NA QUEBRADA: tempos violentos

Pisou na bola, bum (sons de disparos de armas de fogo)
Pisou na bola, bum, essa é a lei
Pisou na bola, bum
Pisou na bola, bum [...]
[...] Aí, se liga nos 10 mandamentos da rua:
Andar sempre ligado no movimento da área
Não fale nada que te meta em parada errada
Estar sempre esperto no que acontece
Mano cagueta é mancada, só morre se deve
Sê sangue bom, mano de rocha e ter ideia quente
Sempre tomar atitudes certas e conscientes
Andar sempre maquinado é o necessário
Nunca se sabe o que te espera, esteja preparado
Num ser malandro demais, ande na paz, na sua
Talvez um beck na mente, essa é a lei da rua
Sistema negro no ar
Visão de Rua vai além
Vacilô (bum), morre
Essa é a lei (tribunal a um 171). O Apocalipse. Ndee Naldinho (1999) ²³

Ritmo e poesia, expressão artística desde a *época das guerras*, *época das matanças*. O RAP tocado nas ruas e casas de Luzia, que verbalizava histórias e identificava jovens em suas descrições densas e diretas; e da literatura, especificamente na que foi intitulada como *periférica*, seus escritores de *quebrada* anos depois compõem densas referências a essa época (FERRÉZ, 2003; 2000). Elejo arbitrariamente um trecho de um autor para compor essa escrita:

²³Ndee Naldinho, um rapper da década de 1980, que fez muito sucesso em São Paulo e em Luzia. Cabe destacar que nos diálogos com muitos interlocutores as discussões transitavam a respeito de RAP, como disseram vários interlocutores, *o som que fala a realidade*.

Na rua de cima morava os inimigos,
Na de baixo os metidinhos.
Na seis os folgados,
Na doze os mocinhos.
Eram tempos violentos,
Os homens cuspiam primeiro.
Sérgio Vaz. Ruas Selvagens. Colecionador de Pedras. 2011.

A respeito de *antigamente*, meus interlocutores descrevem muitas *tretinhas de vila*, período de *corpo na viela*; e Benedito, um interlocutor e morador do bairro Miriam, na cidade de Luzia, desde 1979, descreve a rotinização desses acontecimentos que conduziam a uma certa banalização e conta alguns motivos para os desfechos de morte:

Antigamente era muito homicídio. Antes tinha muito morto na viela, umas nas valas de esgoto ali embaixo. Sempre tinha um ou outro ali. Morreu outro ali, sempre na viela. A molecada falava que tinha um morto enchia pra vê, todo mundo ia lá pra ver [registra-se algumas risadas do meu interlocutor]. Naquela época era muita briga, na época do Gilberto [casa de festa da cidade, que se manteve até o final dos anos 1990 em Luzia]. Era muita rixa contra outro bairro. Antigamente era muita porrada. Agora mudou tudo. Antes era, ah, o cara do [bairro] Margarida é pá, folgado! Era mais por isso. [Benedito]

Pertencimento territorial e *tretas* com outros territórios/sujeitos compunham esse cenário social em um verdadeiro *degradê* de tipologias positivadas, eu sou da *vila pá*; e outras tantas negativadas: *vila dos forgados*, dos *metidos*, dos *mala*, evidentemente em um contexto de múltiplos desfechos. E sobressai dos diálogos com os interlocutores a figura do *boy*, *playboy*. Um ser carregado de pejorativos em um contexto de *ódio*, capitado também na expressão musical: “Hei, boy, o que você está fazendo aqui, meu bairro não é seu lugar e você vai se ferir”. Hey Boy. Racionais Mc's (1994). Uma composição urbana o *boy*, *playboy* que se faz, em grande medida, por um atravessamento que pode decorrer do não pertencimento territorial e/ou conhecimentos entre os procedimentos/*proceder* que se operacionalizam localmente; um ser fadado ao não pertencimento – evidentemente uma construção com fissuras, como descreve Luciano, um interlocutor, *morador das antigas*, a respeito do seu amigo: *ele era boy, mas tinha um proceder pra trocar*.

Tomar biqueira

Cada um tinha um cara que comandava a sua vila. Antigamente era assim, eu vila pá, aqui comanda eu. E ali na outra vila era outro cara. Aí pra tomar uma biqueira tinha que pá. Aí meu tio morreu nessas, tudo com interesse de tomar

a biqueira dele. Aí tomaram a biqueira, automaticamente não tem mais aquela pessoa ali no bairro vem outro. [Benedito]

Treta de quebrada, tráfico em disputa por espaços, campo de forças que se digladiavam. Território e tráfico, em uma dimensão de conflito externo [uma vila contra a outra/ as biqueira em disputa], e como explicou Luciano de forma didática: era por território, né? Um ambiente social que constantemente produzia frações, rupturas, entre bairro/pessoas e também, obviamente, atravessado por sujeitos urbanos que quebravam essas cisões como descreve o interlocutor: tinha rolê que eu tava e nem sabia que tinha uma treta de vila, mas eu nem aí. Desenrolava uma ideia e pá. Mas tinha festinha que você nem podia colar por causa das tretas.

O certo pelo certo

Outra figura urbana na década das *matanças* pode ser capitada na *lembrança* do interlocutor de uma cidade próxima de Luzia:

Todo final de semana ele ia limpar o canela seca [revólver] dele lá em casa. Pegava óleo de máquina. Girava a roleta, tirava as balas. Tinha aquele negocinho que encaixa na roleta. Aí ele ficava, passava. Pegava a flanela. Tinha todo um ritual. Todo sábado ou no dia que ele tinha folga. Ele falava vai lá no bar, isso no comecinho dos anos 90. Ele sempre pedia pra eu comprar uma Jurubeba Leão do Norte, umas duas cerveja, uma carne seca, uma linguiça. Sempre levava alguma coisa em casa. Falava pra minha mãe, faz um torresmo pra gente. O que agradava ele era essa simplicidade da vida. Tomar uma cervejinha, comer um torresmo, trocar ideia, contar piada. Ele era assim, se você fosse aliado dele, ele te dava tudo, te tratava como um rei. Mas era aquela coisa, era o certo pelo certo. Malandragem tem que fazer as coisa certa, mas se a pessoa começar com patifaria vai arrumar o dele. Assim, ele não gostava que ninguém mexesse com ninguém na quebrada. Tinha uma treta ele ia lá. Por que da treta? Lembro que se não me engano foi em 92, essas datas aí. Um cara bateu na minha tia. Ele deu uns tiros no cara, quase matou. Lembro que eu tava em casa. Isso 92 se não me engano, posso tá enganado, mas essas datas aí. Aí tava lá pobre, ferrado, sem nenhum role. Tava lá assistindo Gugu, sábado à noite. [registra-se algumas risadas do interlocutor e minhas]. Aí ele chegou todo assustado, se vê como é, muda, né? Por mais que o cara seja frio. Eu nunca esqueço, ele chegou todo assustado em casa. Pediu uma camisa. Tinha uma beliche. Ele pediu pra dormir na minha cama. Já guarda esse revolver aí, vou trocar de camiseta [imitando a fala do Tio]. Aí minha mãe perguntou: o que você fez? É que eu atirei num cara ali embaixo, vou dar um tempo aqui [imitando a fala do Tio]. Eu fiquei na neura. Se os caras descobrir que é meu tio e vier cobrar a bronca. Porque era bem nessa época das *matanças*. Mas como o cara, sei lá, ficou ela por elas. [Evair]

Uma figura urbana com arma em punho, que faz o *certo pelo certo*, produzindo, portanto, uma forma de *segurança* local para seus pares. Algo que Manso (2012) refere como uma forma de “limpeza social” dentro do processo de transformações do “significado social dos homicídios em São Paulo ao longo dos anos. Algo como um “instrumento de controle do crime”, que ocorreu pelo menos desde os anos de 1960, e predominantemente a partir de 1970, primeiramente com a centralidade dos “esquadrões da morte” dentro da Polícia Civil e, posteriormente, na Polícia Militar (MANSO, 2012, p. 15). Contudo, não foi possível capturar impressões que viriam a fazer par com esse norte argumentativo do autor, pois as inferências capturadas dos interlocutores em relação aos homicídios em Luzia nas [épocas] antigas operacionalizam-se com múltiplas justificativas [justiça do *crime*, brigas, dívidas] e sujeitos [não somente os popularmente conhecidos como *pé de pato*], como demonstrado ao longo do texto.

Vem na moral dobrando a esquina

Para este, tantas falas descrevem vários dos seus feitos: tapa na cara, prisão, *soco na boca do estômago*, tiro, *extorsão* e morte. *Eles matavam pra caramba!* - são registros comuns de quase todos os meus interlocutores que se referiam à década de 1990 em Luzia, quando descreviam *os polícia* ²⁴. E de uma circunstância de contenda decorrente de um desafeto entre o *gerente da boca* e um policial militar, que entendia o gerente como alguém *folgado* demais nas negociações. Mércia descreveu como perdeu seu amigo de infância:

Foi de dia, mais ou menos assim agora, tava chegando o final de tarde. Então tinha muita gente. Ele tava sentado no escadão, ele e mais dois mano como sempre. Aí os caras [policiais militares] chego de surpresa e falou vocês dois pode vazar que nois que só o Zóio. Aí ele levantou pra correr e eles deram um tiro na perna. Aí jogaram pra dentro do camburão. Bom, aí outras

²⁴ *Os polícia*, em geral, na argumentação dos meus interlocutores refere-se aos policiais militares e policiais civis. No final da década de 1990, o grupo de Rap chamado Face da Morte cantava “... Me lembro da minha mãe dizendo pra mim Deus te abençoe meu filho e que você seja feliz. Me lembro de uma pá de mano guardado. Salve, salve faxina Renato. A minha mente dispara o coração acelera. Já to imaginando o caixão e as velas acesas. O necrotério lotado. Várias pessoas chorando e os comentários: foi a polícia foi a polícia. Aqueles filhos da puta de farda cinza. Tudo isso eu penso em fração de segundos. Mas com certeza eu sei que sou mais um defunto. Ele vem, bem devagar e na maldade. Lá dentro tem uma rapa de covarde. Eu to escutando um barulho conhecido. Tipo assim mais ou menos de gatilho. Meu moleque vai chorar e vai ser foda. Quando ele olhar o meu corpo descendo na cova. Que sufoco parece um pesadelo. Não sou o último e nem o primeiro. Não vejo a placa nem o prefixo. Só o farol brilhando o meu crucifixo. De repente eu escuto uma voz bem seca: deitado no chão, filho da puta, mão na cabeça! O final é esse daí você já sabe. Mais um jovem morto pelos covardes. É o tático cinza, é o tático cinza. Vem na moral dobrando a esquina” Tático Cinza. Face da Morte (1999).

peessoas viram a mesma viatura, com os mesmos policiais lá na [uma área de matagal perto do bairro onde Zóio foi preso] Eles [policiais militares] judiaram pra caramba dele. Quebraram todas as juntas. Com certeza eles quebraram ele antes de ter atirado. Imagina a dor de quebrando um pulso, quebrando o cotovelo. Quem ouviu disse que só ouvia os gritos de dor. Isso feito pela polícia que teoricamente está aí pra servir a população. Sei que no velório ele tava com três tiros na cabeça, três no abdome se eu não me engano, e o que ele levou na perna. [Mércia]

Ódio e os traumas de parte de uma geração de adolescentes e adultos das periferias de São Paulo, que corriqueiramente escutaram ou presenciaram ações policiais em um tempo que a Polícia Militar “matou mais de mil suspeitos por ano, um número sem similar em qualquer outra cidade do mundo” (CALDEIRA, 1997, p. 158). De um modo ilustrativo, alguns interlocutores descreviam que na *época da quermesse* da cidade, quando o DJ tocava uma das músicas mais ouvidas *daquela época*, em certo trecho baixava-se o som e ouvia-se o grito de muitos: *Eu não confio na polícia, raça do caralho. Homem na Estrada. Racionais Mc's* (1994).

Foram muitos os finados

Os interlocutores da faixa etária dos 30 aos 40 anos descreviam com sorriso no rosto e muita nostalgia o que consideravam sendo uma *época* de muita *zoeira, muito rolê, várias mina* [mulheres], *nem por isso deixei de viver, curtir a noite*, mas ao mesmo tempo demarcado pelas narrativas de homicídios, conflito - um período que como nunca se *matou tanto*, e desse registro de saturação de descrições de mortes ainda muitas *mães* seguram as *lágrimas* e muitos *trutas* lembram dos seus amigos. *Douglas, lembra do Zóio, do Romário? Vários!* Dessa memória, o estilo musical que mais verbalizou esse lamento foi o RAP paulista, e não foi à toa que foi *tocado* à exaustão em Luzia: “Saudades mil” (509 E, 2000) a voz já dizia: “Peço a Deus que você esteja bem. E que meu truta esteja em paz, aleluia, amém”. Ou, na descrição seca, “Como se fosse hoje ainda me lembro. Sete horas, sábado, quatro de Dezembro. Uma bala, uma moto com dois imbecis mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz”. Fim de Semana no Parque. Racionais Mc's (1994). E, por fim, o Rap que abordou de forma raivosa esse período, e não menos escutado em Luzia:

No Maverick branco, acelera Nino e leva pro hospital, morto Edinho. Me dá uma notícia lá da detenção, o beijoleta tava lá e agora só oração. Eu me lembro do choro, do desespero da tiazinha. Um tiro na perna, mané toca-fita. Por essas merdas eu já vi tanto fulano morto. Lembro do Lula na sua goma, com tiro no olho.

[...] Vou acender uma vela e orar em silêncio por um futuro menos sangrento. Pra eu não ser um cadáver sem reconhecimento. Feliz dia dois de novembro.

Dia dos Finados. Versos Sangrentos. Facção Central (1999)

Tinha uma lista

Era possível registrar os conflitos entre pessoas de distintos bairros, os *pé de pato*, as ações da polícia, o tráfico em disputa; contudo, talvez uma figura abominável por diversos desses grupos citados atravessava o cotidiano periférico de Luzia; e José, um interlocutor que tinha sua *biqueira* em Luzia no período de 1992 até 2001 explica:

Muita morte, muita morte. Morreram muito. Tinha uma lista. Em Luzia tinha uma lista nessa época [1990] que falava vai morrer tantos, porque o negócio está muito descontrolado. Os usuários viram viciado. Os usuários é uma coisa e os viciados é outra coisa. Os viciados começam a falar demais, começa a roubar os vizinhos onde ele mora, onde ele reside. Começa a estragar a imagem da polícia. Aí começa a morrer muita gente. Morria, matava muito naquela época. Começa pelo vício a sensação de poder. Ele começa a roubar para sustentar o vício. Aí sai do mundo do vício e da droga e cai pro crime, onde começa a roubar. [José]

Noia, esse personagem contemporâneo, que leva imediatamente ao pensamento de desordem e descontrole, que tem sua ação em grande medida reprovada pelos próprios moradores do bairro e a morte como uma possibilidade, uma morte com certa previsibilidade. Interlocutores se referiam a alguns de seus amigos mortos como pessoas de percursos traçados no qual serem assassinados era possibilidade concreta, quase que sugerindo que sua conduta e sua condição de *noia* justificasse sua morte: *ele tava muito desandado na droga, tava dando muita pala* [muito motivo], *tava roubando a vila*, etc. Como descreveu o *traficante* desse período:

Você sabe, os noia é uma peste, uma praga invadindo a casa de vizinho, da população e trazendo escândalo e bagunça. [José]

Nesse degradê da figura do *noia*, a perda de sua humanidade, *uma peste, uma praga* corriqueiramente associada a determinadas substâncias, algumas falas registram que *antes* (numa menção à década de 1990) o uso da cocaína era *muito mais* marginalizado e associado, em grande medida, à figura do *noia*. Uma interlocutora comenta: *quem cheirava era noia. Noia de tudo*, algo com uma carga de marginalização e estigmatização no tempo, território e substância. Mendes (2005) compunha uma figura que “calculava tudo em termos de droga”:

No morro ele era conhecido como “Noia”. Uma fixação, uma paranoia por drogas. Uma errância que desembocava num beco sem saída. Só o que o negava, o definia. Já sofrera vários espancamentos e até atentados à sua vida. As pessoas passavam por ele e já não o viam. Fizera-se transparente. Sua existência perdera conteúdo e consistência. Desprezado, era ninguém, embora, contraditoriamente, todos o conhecessem. (MENDES, 2005, p. 25).

Resolver problema

Até aqui vozes proferidas descreviam um *tempo de muito corpo no chão* e compreendiam o ambiente, de certa maneira, como um campo de *desordem, bagunça*. Porém, no transcorrer desse estudo, acompanhei narrativas que vislumbravam uma certa *ordem, lei*, uma certa *justiça* – trazendo mais elementos para compreender esse contexto. Essas descrições apresentam um universo complexo num tempo de *muita guerra nas quebradas*, como Camila problematiza em uma situação que *acompanhou de perto*:

Eu lembro que um rapaz começou a roubar os bares lá embaixo [no final do bairro Margarida]. O filho da Dedinha [senhora negra e nordestina, que vagava sempre alcoolizada pelo bairro se prostituindo por qualquer cigarro ou dose de pinga]. O cara roubava a padaria, roubava gás, roubava passe de trabalhador. Minha mãe mesmo foi roubada duas vezes. Tanto que meu padrasto tinha que buscar a minha mãe no ponto de ônibus. Aí de tanto o povo reclamar, veio uma ordem, eu não sei de quem, com certeza veio dele [Gavião, o dono da biqueira na favela Margarida na década de 1990 - até início dos anos 2000]. Amarraram na árvore [o rapaz que realizava furtos e roubos], mataram e esquartejaram ele todinho. Também tinha outro que andava com ele. Ele demorou pra morrer, morreu bem depois, encontraram lá embaixo, perto do córrego. [Camila]

Gavião, esse *traficante* do bairro Margarida regia *ordens* em certa medida por clamor de parte dos moradores daquela *quebrada*, em um exercício da morte supliciada e didática, como descreve outra moradora do bairro:

Naquela época eu sei que ele [Gavião] mais matava quando acontecia de roubar família, roubar morador, roubar trabalhador. As mortes eram mais por isso, né. [Fernanda]

Família, morador e trabalhador são postos em interlocução com esse *tráfico* e *dono*, em um movimento complexo de troca, de interlocução de sujeitos, compondo relações sociais no mesmo território, algo dificilmente sustentável pela via única da repressão. As falas desses interlocutores destacam a presença de relações complexas de poder, e Camila compõe mais

elementos a esse *tráfico normalizado*:

Eu não lembro do começo do Gavião, mas sei que ele começou a tomar conta dali. Era muito normalizado. Respeitava as crianças, ele passava na rua dava doce, cansei de pegar doce, pegar dinheiro com ele. Os bares ficavam abertos até mais tarde, ali era dele! Eu lembro uma vez que tinha um rapaz fumando no meio da rua e as crianças estavam passando. Aí um rapaz que trabalhava no tráfico pegou o menino e deu uma surra. Não podia fumar na rua, usava escondido, no canto [Fernanda]

Outro morador do bairro lembra com saudosismo a figura do Gavião e suas atribuições:

Os moradores não tinha nada contra. Mas quem pisasse na bola, era daquele jeito. O cara era tranquilo, tava no bairro, ajudava todo mundo. Na favela ajudava todo mundo, cesta básica às famílias carentes. Ele morreu por disputa de espaço. Com ele não tinha essa coisa de roubar aqui e ali. [Benedito]

Nada contra, mas não podia *pisar, na bola*, expõe a respeito de uma reciprocidade que não tolera desacordos em um ambiente tenso e estratégico de profusão de vetores de força e, do outro lado da cidade de Luzia, da boca de um *dono de boca*, ouve-se mais elementos para cartografar esse *tráfico de antigamente*, suas interlocuções e linhas de resolução de litígios:

No geral não [referência a outros pontos de tráfico na cidade]. Eu tinha uma visão diferente. Trabalhava comigo. Primeiro tomava café e almoçava, jantava. Não era nada bagunçado, não. A pessoa tem que tá forte e firme na batalha da vida. A gente tinha uma visão diferente, um lazer, uma pizzaria. Você tem que saber contornar, igual qualquer empresa. Tem que ser assim, o funcionário satisfeito. A gente entrou [no tráfico] e tinha muito amigo, muita gente nasceu aqui e foi criado aqui. Então a gente tinha um controle mais fácil de lidar. Havia uma cumplicidade maior. Tô precisando de tanto, tô com problema assim, preciso pagar uma coisa. E a gente tinha essa visão. A gente tava ali para resolver o problema. [José]

José, esse traficante na *época das mortes* imprime mais elementos para compreensão desse contexto e discorre a respeito das suas atribuições e de seus *funcionários*:

Eu cheguei a trabalhar com uns doze. Seis pessoas no turno de doze por doze [horas]. Ia até umas cinco da manhã. Ia revezando entre eles, de acordo com a necessidade. Tem dia que tem, tem dia que não tem. E sempre tem alguém de confiança na gerência. A gente ia nas casas das pessoas, ia nas famílias. Ó, tô precisando de uma cesta básica. Ó, tô precisando disso e daquilo. Pagamento de uma conta, sempre a gente trabalhou o social, às vezes é a situação que faz o momento. Então, o que acontece a gente sempre trabalhou com essa visão de ajudar. A gente tinha um respeito perante as famílias ali no bairro. Às vezes a gente olhava pra mãe, não sei o que as mães pensavam

quando chegava uma ajuda, mas a gente também dava um aconselhamento também. Ladrão é ladrão, bandido é bandido. E traficante é traficante, cada um faz sua função. O traficante comercializa um produto, mesmo ilícito, mas ele não tem a função de matar. Agora o bandido é aquele que rouba e mata. Cada função, uma função. Tem gente que vive de 171, só vive de 171. Nois mesmo no bairro não tinha problema com roubo, com vizinho, com nada. Agora, lógico, a gente zelava. [José]

Estas vozes divergem de certezas analíticas de que jovens com “suas autoestimas degradadas acabam cedendo à sedução exercida pelo tráfico” (SOARES, 2007, p. 4) ou de que territórios onde os “traficantes controlam militarmente” produzem verdadeiros “refúgios privados” (ZALUAR, 2002, p.24). Muitos interlocutores expõem, em certa medida, obviedades acerca de que esses *donos de antigamente* são sujeitos que têm amigos, vizinhos, parentes no bairro, que, em grande medida, nasceram e se criaram na *quebrada*²⁵. O antigo *vapor* na época que ainda não era disciplina [uma referência a disciplina do PCC] relembra a *gerência* com saudosismo:

Tramei [trabalhei], ainda não era disciplina, era com a Loira [uma Dona de tráfico em uma favela em Luzia na década de 1990]. Ela ajudava bastante gente, só que não podia pisar na bola. Pisou na bola com ela já era. Porque ela ajudava, ganhava o dela e ajudava a pessoa que tava trabalhando com ela. Tudo que precisava, tava aqui [nesse momento o interlocutor aponta para a palma da mão]. [Carlos]

Por uma questão de espaço e dinheiro

A complexa relação do tráfico com a *quebrada* em sua capilaridade local se sustenta em um período de muita contenda em torno do *negócio do tráfico* e aponta para uma sofisticação de longa data:

Eu aluguei um ponto de um traficante menor. Hoje é dividido por regiões, até mesmo porque tem todo um sistema que controla isso aí, toda uma situação que controla. Naquela época não era diferente, não era. Era menos precisão, hoje o negócio é mais. Assim você é mais velho do que eu e começou a vender ali, eu não poderia vender ali num raio de tantos quilômetros, por uma questão de espaço. Porque ia fazer um comércio ilícito em cima de outro comércio, vamos dizer assim. Aí o que fiz? Vou alugar o ponto dele, vou pagar o que ele ganha, o que seria o lucro dele. Eu pagava

²⁵ Cabe registrar que essa descrição do tráfico como proteção da localidade em que está inserido não é uma exclusividade paulista. Justificativas parecidas são descritas no trabalho de Lyra (2010) “... pra mim bandido não é aquele que vai lá, mete a mão no revólver e dá tiro. Bandido é ajudar a sua comunidade, nós tá ali pra ajudar a comunidade, não tá aí pra esculachar, tá pra defender nossa comunidade, ajudar os moradores, ajudar aqueles que precisam.” (LYRA, 2010, p. 12)

ele todo mês e tiro ele de cena. Cada um tem a sua maneira de trabalhar, a quantidade pra comprar, o jeito de negociar. Durante um tempo eu pagava, depois ficou eu mesmo dono do ponto num raio de dois quilômetros. A gente conhecia todo mundo e sempre tem aqueles mais velhos, que falam, olha você pode ir lá. [José]

Um *tempo* narrado por muita disputa de território/tráfico, mas também, cercado de negociações, consentimentos, *escutar e respeitar os mais velhos no negócio e, sobretudo, respeitar o perímetro*, a área de cada *comércio*. São técnicas postas em prática, conectadas a um arcabouço de saberes que ao longo dos anos foram lapidadas, compondo uma história social do *tráfico*, do *crime*, da *quebrada* como também descreve outro *traficante das antigas*:

Os lugares que vendia era pra quem só conhecia mesmo. Você não podia era ficar vendendo na rua, na área do cara. Porque aí você atravessa a área do cara. Como aqui não era tão próximo uma da outra [biqueira], tinha um espaço bom. Aí foi que, ah vamos vender ali na praça. Ali vendendo no fliperama. Eu pegava de um cara que até morreu. A gente pegava da biqueira, aí a gente conheceu esse cara que fornecia pra essa biqueira. Tipo o cara falou eu tenho aqui, vocês me dão a minha cota e o lucro é de vocês. Ah, demorô! Eu fiquei até com medo. Nunca tinha me envolvido com esses bagulhos aí. Aí, vamo !. Era um cara que conhecia nós. Sabia quem era nós. Aí começamos a virar. Aí nós era moleque, colava no fliperama, ficava no fliper, tipo o dia inteiro jogando e saia pra fumar. Quando a gente tava lá virava as parangas [maconha]. [Gilberto]

Estratégias, *conhecimento*, um aprendizado em torno da negociação do espaço de venda, não se sustentável somente com a violência, a tomada, os conflitos:

Porque é sempre assim, ó. As pessoas que vão presas, aquele pessoal mais velho. Eles pegam muitos anos e a boca acaba desativando, aquele espaço acaba desativando por si só. Porque o cara de repente vai ficando zuado. Hoje não, hoje tá mais controlado, mas naquela época acabava desativando e a gente ativava. E quando a pessoa saia vinha questionar. Aí havia uma negociação, qual o motivo e tal. No meu caso que eu era sempre realista. Todo mundo conhecia a gente aqui, nascido e criado aqui. Peguei uma situação financeira difícil eu comecei a comercializar aquele produto, e minha intenção não era permanecer naquela situação. [José]

Dessas estratégias outras demandas, interlocutores e seus subterfúgios:

É essa pressão da negociação, existe vários órgão da polícia, né? No começo veio vários policiais menores [posteriormente o interlocutor me explica que se trata dos policiais militares que realizavam a patrulha rotineira pelo bairro], aí depois aqueles militar conhece o outro polícia, aí é civil, uma coisa mais agravante a situação, né? Aí vai apertando, apertando aquele comércio até eles parar aquele comércio ali. Aí acaba para não ter choque, ter confronto por não ter condição de pagar. Aqui é uma cidade pequena,

então eles vinham toda semana, toda semana passava. Tinha uns [policiais] que era mentiroso. Falava que tava ali só porque a população tava denunciando. Várias situações, vários fundamentos. Olha o negócio está muito escandaloso, a população, os vizinhos tão ligando lá e nós têm que vir aqui pra esfriar a área. Tem que conversar, tão denunciando. Tem que ver quem é que tá denunciando [imitando a fala dos policiais] Isso não cabe a nós. Nós tá ali pra trabalhar, não pra tirar a vida de ninguém e denegrir a imagem de ninguém. Compra quem quer, eles pegavam a parte deles e ia embora. O que acontece a gente vai alimentando isso, aí só que do mesmo jeito que a sociedade vai viciando, eles vão viciando. E eles vão querendo mais e mais e o comércio não tem condição. Por isso que gera muita morte o comércio não tem condição de bancar essa pressão da polícia. [José]

O interlocutor por fim compõe um elemento moral na discussão para resolução das contendas, mesmo em período de *matança*:

A gente sabe que tem a traiagem, a briga pelo poder, ninguém confia em ninguém. Todo momento você pode ser apunhalado pelas costas. O sistema [aqui uma referência ampla as relações morais no crime] não tolera esse tipo de situação. É a pessoa, é a pessoa. Tem que ser resolvida por ele, né? Não pode mexer com família, não pode mexer com nada. Agora, no meio de todo o sistema, a sociedade tem pessoas que trabalham dentro de uma visão e sempre outras não. [José]

Puxa o revólver nada disso/ Um bom lugar

Puxar um revólver, nada disso. Então vê se leva o meu conselho/ Porque eu não quero ver um rio vermelho de sangue pela ignorância dos inventores que não querem dar um chega de tantas armas invadindo o nosso mundo. Aos inventores eu digo: Oh, vagabundo, puxar o revolver, nada disso. Puxar o revolver nada disso.

Menos um irmão chega disso. Ndee Naldinho (1991)

Se por um lado já se operacionalizava uma série de estratégias e políticas *de quebrada* com a presença do tráfico, cabe também destacar um sentimento social expresso nas músicas da década de 1990 que tocavam em Luzia, onde desde Ndee Naldinho, em 1991, até o “Maestro do Canção”, no final de 1990, enunciavam paz, união, humildade entre os *malandros* e as *quebradas*:

Sobreviver no inferno
A obsessão é alternativa
Eu quero o lado certo
Brooklin, Sul, paz eu quero, próspero
Eu vejo um fim pro abandono
Deixa rolando, ninguém aqui nasceu com dono
Mas, por enquanto, ainda tem muita mãe chorando
Um bom lugar. Sabotage (2000)

Movimentos de *quebrada* na década *das matanças*, experimentações políticas capilares e dispersas em circunstâncias locais, contudo, envolto em um sentimento coletivo de saturação de mortes e mobilização de novos enunciados e comportamentos.

ANTIGAMENTE NA CADEIA

Briga toda hora

Contudo, do outro *lado da muralha*, uma composição populacional ²⁶ constroem seu *dia a dia na cadeia* e Samuel, morador de Luzia, mais precisamente no bairro Margarida, *por lá* esteve e apresenta mais elementos para cartografar certas políticas em uma zona de interlocução *quebrada e cadeia*. Um interlocutor *negro*, de *família de pernambucano* de onze irmãos. Nasceu em Recife e logo *com nove anos* veio para cidade de São Paulo, Durante a infância, adolescência e parte da fase adulta, *quando não estava preso*, morou na *zona leste* e em sua na última *saída* decidiu que era *hora* de mudar de *ambiente*. Por dicas de amigos veio morar em meados dos anos de 1990 em Luzia. Conta que com onze anos parou de estudar para trabalhar na feira, *nas barracas*, ajudando *as senhoras nas sacolas* por qualquer *moeda*, e explica:

A gente que é pobre, você sabe como é, conta com aquele dinheiro contado todo mês do pai. Mas como eu me virava na feira sempre tinha um banquete, entendeu? [Samuel]

O *crime vai arrastando devagarzinho*, argumenta Samuel; com os primeiros *furtos* em [19]74, [19]76 nas farmácias e mercados da região, comenta de certa *raiva: mano, imagina final de ano todo mundo bonitinho e você sem nada?* E com dezesseis anos começou a conhecer um pessoal que *roubava casa quando não tinha ninguém* e desse dinheiro usava *só pra fumar maconha, beber vinho e jogar bilhar*, e descreve o acesso às drogas ilícitas naquele momento:

Só maconha, nós era periferia. Cocaína era muita cara, era só no centro da

²⁶ A prisão desde Foucault (1997) aponta para certa seletividade para quem adentra. Wacquant também demonstra da experiência prisional estadunidense que durante a década de 1960 ocorreu uma redução de 12% na população encarcerada. Posteriormente, na década 1970 até o ano de 1991, ocorreu um crescimento de 314% (passando de 200 mil detentos para 825 mil), com recorte seletivo para com os “afro-americanos” que desde a década de 1970 multiplicou por cinco o número de detenção. (WACQUANT, 2001, p. 29).

cidade. Onde tinha, lá pro lado de Perdizes é ali Largo Treze, Praça da Bandeira, Patriarca, Praça da Sé. Ali você achava muito assim, tinha que ter um conhecimento, conhecer alguém pra poder chegar na pessoa. Muitas vezes passava por três pessoas pra chegar na cocaína [Samuel]

Sua história de vida orbita em torno do que o próprio interlocutor narra como *coisa pequena*, que posteriormente foi *crescendo e querendo mais* e *passou para mão armada* em uma época em que a *polícia matava muito*. Nesse momento do diálogo Samuel ressalta: *tinha aquele esquadrão da morte na leste. Vixe, matou demais e*, por fim, descreve sua primeira prisão na *época da ditadura*, em 1981. Lembra e conta do registro de uma série de medidas estatais, ações do crime e presos de interesse para a argumentação. O Interlocutor transitou *um dia* no *32ª DP* e logo foi encaminhado para o *Carandiru, Pavilhão nove*:

Vou te falar, o primeiro impacto foi assustador. No primeiro dia lá eu nem acreditei que estava preso. Comecei acreditar quando chegou a boia no panelão, chegar pãozinho em saco, um monte de preso com a roupa igual, era uma roupa quase cor de rosa na época. Um ou outro morrer na facada, um monte de gente tatuado, um monte de gente de cabeça raspada. Briga toda hora, campo, pátio, galeria, xadrez. Aí senti que realmente estava preso. [Samuel]

Saiu em 1983, ficou na rua *uns seis meses* e preso em *flagrante em um assalto de novo*. Encarcerado por quatro anos e vagando por *4ª DP de Santo André, Pestana e Vila Palmares*. Cabe destacar que desse período de “grande turbulência” (SALLA, 2007, p.74) no sistema carcerário paulista, uma parcela majoritária da população encarcerada estava alocada em delegacias, cadeias públicas vinculadas à Secretária de Segurança Pública, que não apresentavam condições mínimas adequadas para suportar essa massa populacional ²⁷, e Samuel descreve que esse seu *vai e vem* contribuiu para um aprendizado *de cadeia* em um contexto de muita *treta* e sem qualquer menção a “política de humanização dos presídios” implementada no governo de Franco Montoro (SALLA, 2007, p. 75) e da sua última *saída*, *caiu* em um *homicídio em março de 1990* e dessa vez passou 11 anos *guardado*:

Já era conhecido no crime. Aí saí e caí nesse homicídio e tinha outro assalto. Passei no 41, Vila Rica, 42, 49, 15 e do 15 [referência aos distritos policiais na cidade de São Paulo] mandou para o Carandiru de novo no final de 91. Pavilhão 8 cada um por si, quem tem, tem amigo, quem não tem, né? Muita

²⁷ Conforme apresenta Salla no final do ano de 1976 em São Paulo existia 17.192 pessoas encarceradas, com 9.392 “presos na rede” da Secretaria da Justiça e 7.800 nas cadeias públicas (OLIVEIRA, 1978, p.28). Em 1986 segundo dados obtidos pelo autor da Comissão Teotônio Vilela, havia 11.276 presos nos estabelecimentos penais e outros 12.815 nas delegacias e cadeias da capital e do interior (PINHEIRO; BRAUN, 1986). Total de 24.091 presos. (SALLA, 2007, p. 73)

briga, brigava por bobagem. Por causa até de pão, um cigarro, dois cigarros, era motivo de uma facada. Muita morte, era comum, era normal, virava uma rotina, era como se jogar futebol todo dia, todo dia tinha cadáver no pátio, às vezes se matava até dentro do campo. Normal. [Samuel]

A história de vida de Samuel, em grande medida, apresenta descrições próximas de outras tantas histórias periféricas e de cadeia; e Gilberto, morador da Vila Edith em Luzia e também pernambucano da cidade de Catende, compõem essa cartografia circulante periférica e de *cadeia*. Gilberto narra que em 1972, com a morte da mãe, filho único, veio para São Paulo para morar com a avó e logo em seguida foi morar com os tios em Luzia. Argumenta que teve uma infância boa, sem *luxo, mas também sem miséria*, com poucas descrições, enfatiza: *tudo que eu sofri depois de maior foi porque eu procurei!* Um sofrimento que o interlocutor se refere a partir de uma ação que ele também pouco descreve:

Metemo a cara e fomo, isso em 1989. Pegamo uma casa de câmbio em [menciona um bairro da cidade de São Paulo], nessa aí uma pessoa morreu e os home grudaram. [Gilberto]

Seu corpo entregue ao Estado, expostos a vagar: *7º DP, depois para o 33º, Mangaló, para o 6º DP do Cambuci, aí do Cambuci, fui para o Carandiru e:*

Lembro até hoje. Eu bem dizer molecão, chegando na cadeia. No dia que eu entrei na cadeia, eu vi um cara levando a cabeça de um cara pendurada para o diretor. Foi na hora que eu olhei pra mim mesmo e falei: meus Deus, onde eu vim parar. Era raro não morrer alguém. [Gilberto]

Dois moradores de Luzia com suas vidas marcadas no corpo e na alma pelo cárcere, e pelo *Carandiru*, com falas descritivas em torno de muita morte, muito *corpo no chão* apontando certa dinâmica *naquela época* e com descrições que escancaram outra característica, a sua seletividade. Quando questionado da existência de outros presos de Luzia, Gilberto enfatiza:

Tinha! Tinha o finado Laércio que morreu no massacre. Tinha o finado Zé, que morreu também no massacre. Tinha mais gente. Eu não me lembro o nome dele que morava no [bairro] Aline. No [bairro] Margarida [uma pausa de segundos] tinha o Beto Beiçola, o finado Edvilson, não, esse morreu antes do massacre, morreu de HIV. [Gilberto]

O *dia a dia* narrado pelos interlocutores seguia com riscas estatais possíveis, em uma constante distribuição dos corpos e almas desde a entrada:

Separação era assim [separação na Casa de Detenção de São Paulo – Carandiru]. Se você tá chegando a primeira vez. Seu pavilhão de origem é o nove. Entendeu?, era o pavilhão nove. Se é a segunda vez, você vai direto para o pavilhão oito, se você não tiver problema com ninguém. Se você tá chegando, o diretor pergunta: você tem inimigo? Se você tiver inimigo e você fala, você vai para o pavilhão cinco. Era o pavilhão de seguro, que não era nada de seguro. Era o pior do que os outros pavilhão, porque lá tinha bicha, tinha tudo, entendeu? Nos outros pavilhão não podia ter bicha. Jack [estuprador] nem no cinco ia. Ia para o seguro do seguro²⁸. Era uma cela igual castigo, você fica isolado. E quando você chegava na triagem²⁹ o Diretor falava e mostrava, tantos morreu num ano, tantos morreu no mês e tantos morreu na semana. Quantas facadas. Tinha uns que morria, os caras mostravam a foto parecia um queijo suíço. [Gilberto]

O *sistema* [neste caso uma inferência ao sistema prisional] com suas tantas políticas ao longo da década de 1980 e 1990:

O sistema pegava pesado, o sistema era rígido. Aí numa dessa eu fui [para a tortura] por agressão. Por exemplo, os caras amarram sua mão para trás e te joga dentro de uma caixa cheia de água e te segura embaixo até que eles veem que você está quase explodindo. E aí gaguejou e não falou, te coloca de novo. Onde você pegou, pra quem você deve? [imitando a fala do torturador] Isso é o afogamento. Tinha também o pau de esticamento, amarrava os braços e as pernas e aqui no meio deitado tinha uma manivela que ia esticando, parecia que ia arrancar as pernas, os braços. Tinha também o cano de ferro, onde pega arregaçava. [Samuel]

Cotidiano, no qual condições mínimas no cárcere eram negociadas, vendidas:

Quando você chegava você tinha que comprar seu colchão. Eles não te dão nada, eles te dão uma calça que se você puxar uma linha desmancha toda. O colchão vamos pôr assim [exemplificar] era cinco pacote de cigarro, entendeu? Era vendido entre os presos, mas os funcionários já vendiam para os presos entendeu?, O cara ganhava em cima. [Gilberto]

Não obstante, no espaço prisional cabia aos “indisciplinados” a velha máxima: isolamento, *tranca dura*. Contudo, restavam poucas estratégias de sobrevivência:

Eu já fiquei de tranca, quase um ano direto. Trancado sem ver a rua, sol, sem ver nada. Sem ver o sol, só no chão como tá aqui [nesse momento o sol de outono se recolhia e somente batia uma pequena fresta no piso da sala] O sol ia pra cá, pra lá e já era. Sem por o pé ali fora [aponta para o quintal da casa onde se realizava a conversa]. A partir [do momento] que você chega na

²⁸ Segundo Marques “seguro” é uma composição que se situa na perspectiva do campo de força que se configura um determinado estabelecimento prisional. Ler Marques (2009).

²⁹ “[...] Aí, ladrão! Aqui é a sua nova casa, morô?, eu mando e você obedece, se ver inimigo já avisa logo e vai pro cinco, certo? [...] Me jogar em um lugar qualquer. Porém malandro é malandro e mané é mané.” Triagem. Dexter. 2000.

tranca, você tem que marcar na cadeia. Por exemplo, hoje é dia nove, marca nove na parede. Faz um círculo assim e quando amanhecer eu faço um risco. Aí eu encho aqui, encho ali, aí eu conto. [Samuel]

Sempre havia subterfúgio, alguma espécie de resistência, como descreve Gilberto:

Fui pro pote (castigo). Fiquei trinta dias lá. Taquei fogo no colchão e comecei a gritar. Aí os presos fez um tumulto. Aí me levaram para enfermagem, queimei os braços e as pernas. Graças a Deus nada mais aconteceu. Aí me tiraram do castigo. [Gilberto]

Composições de forças

Tanto Gilberto como Samuel são enfáticos em destacar que a prisão é composta, em seu microcosmo político e social, não só de *crocodilagem*, *safadezas e tretas*, mas também de afetividade e *consideração*.

No meu barraco [cela] existia um ritual, isso mais ou menos em [19] 90. Eu não participava, mas eu tinha uma consideração por eles. Eu não participava, porque os caras que eu convivi, oito caras, tinham AIDS no barraco. Oito caras tinham o vírus do HIV, um inclusive morreu no meu colo bem dizer. Levei ele pro hospital, quando cheguei no pavilhão de volta tive a notícia que ele tinha morrido, só foi o tempo de deixar ele. Eles pegavam a cocaína, tirava um pingo de sangue de cada um. Misturava com a cocaína, aí depois eles distribuía em todos os braços. Isso se chamava coquetel familiar. [Gilberto]

A cela e sua *família* compõem um intrincamento afetivo e também político, que Mendes, autor que transitou em diversos estabelecimentos prisionais em São Paulo ao longo de mais de duas décadas, assim teoriza: “a cadeia era perigosa demais para se ficar isolado” (MENDES, 2011, p. 176) e descreve:

Na política do xadrez, João sempre do meu lado. Mesmo contra Dé. Se eu fechasse questão, ele me apoiava. Thomaz não fazia parte dessa família. Sabia que éramos fortes assim, mais ou menos unidos. A cela, com cerca de um metro quadrado e meio para cada um de nós, era um bairro. Tinha famílias. Relacionava-se com o resto da cidade, o presídio. (MENDES, 2011, p. 178)

Amizades

Vozes das antigas ecoam combinações:

Vou falar pra você. O melhor lugar para tirar cadeia se chamava Detenção [Casa de Detenção São Paulo. Conhecida como Carandiru], era o melhor lugar para tirar cadeia, porque você fica solto o dia todo. Eu tinha um trânsito, eu andava em todos os pavilhões. Eu também dava aula de capoeira, entendeu? Pegava um cigarro, fazia um corre pra arrumar um leite. A gente conhece gente, ou você faz amizade ou faz inimigo, eu acho que eu fiz mais amizade. [Gilberto]

A composição de “solidários entre si” não parece ser nenhuma novidade, prática que se registra desde o surgimento dessa instituição (FOUCAULT, 1997, p. 224). Para esses interlocutores, pragmáticos de uma política que se faz a duras penas, além do risco cotidiano da morte, é necessário compor e aglutinar, pois outras forças se constituem:

Os bandidões santistas da cadeia não gostavam de paulistanos. Com frequência estes últimos eram mortos por motivos fúteis, irrelevantes. (MENDES, 2011, p. 171)

Serpentes Negras: um devaneio?

Uma composição de cela, a família, uma aglutinação regional, de *quebrada*. Tanto Samuel como Gilberto, como outras vozes, complexificam esse contexto e apresentam em suas narrativas a existência de um coletivo, uma solidariedade entre presos de longa data:

Tinha o Serpente Negra, que imperava dentro do presídio nessa época. Era mais no Carandiru. Era um, como se diz, era uma facção que eles só brigava por eles mesmo. Eles não brigavam pelo sistema, pela população carcerária. Eles brigavam só pra eles. Então, se um deles fosse mandado para algum lugar, eles reuniam ali entre eles, por debaixo do pano, eles não apareciam, ninguém sabia, poucos sabiam quem era da Serpente Negra e eles arrumava um advogado, arrumava dinheiro, pagava advogado para tirar aquele, pra tirar do castigo. Só entre eles; população [encarcerada] pra eles não existia. Por isso não cresceu, não vingou! Porque só pensava neles. Hoje em dia existe outra facção que pensa no sistema inteiro, por isso cresceu. [Samuel]

Segundo Alvarez, Dias e Salla (2013, p. 72), “a existência das serpentes negras nunca foi comprovada”, contudo funcionou como um alicerce de oposição para uma “política de democratização dos espaços prisionais”, política que foi experimentada na gestão do governador Franco Montoro. Padre Valdir, entretanto, descreve esse coletivo como o

“primeiro que se tem notícia dentro dos presídios paulistas”, um coletivo criado durante o “período da ditadura”, que se caracterizava por “ações pacíficas” e de reivindicações coletivas, como “greve de fome coletiva, silêncio total, resistência em fazer a barba, não comparecimento quando solicitados pela administração” (SILVEIRA, 2006, p. 106). Para complexificar ainda mais esse diagrama político carcerário, Gilberto define *os Serpentes* como uma força opressiva aos que não compunham com *eles*:

A Serpente Negra era um grupo, uma facção também. Os caras batiam nos caras, entendeu. Corria por eles. Eu já peguei o final. Não tinha ajuda, eles pegavam o que os caras tinham. Essa facção já era de cadeia né, não existia na rua, entendeu, era só na cadeia essa facção [Gilberto].

Falas divergentes, confusas, diriam muitos; entretanto, pergunta-se: um jogo de força de quem fala? Como fala? De onde fala? Umas apagadas, outras sobrepostas. Nos resta, para este experimento sociológico, levá-las a sério como outras tantas autoridades, acompanhá-las nesse caldeirão de narrativas *de cadeia*, para cartografar linhas individuais, ora coletivas, que perpassem celas, pátios e presídios com seus desenhos borrados, desorganizados em seus reflexos e lampejos.

Comissão

Dessas composições narradas, surgem algumas arquiteturas em busca da *conversa*, de *trocar ideia*:

Naquela época existia gangue dentro da cadeia. Zona Sul, Zona Leste, Zona Oeste. Os caras que saber de onde o cara é [aqui Samuel descreve uma situação hipotética de conflito]. De que quebrada é? Da onde? Então vai falar com os líderes. Naquela época tinha comissão. Da comissão da Zona Sul. Nós é da Leste. Conversava, conversa, conversa. Às vezes não dava entendimento, era todo mundo ignorante, só pensava em faca, faca, faca. [Samuel]

A configuração de um artefato coletivo composto por regiões da cidade de São Paulo, que se materializam na cadeia. Um esboço coletivo, frágil, como descreve Samuel, que tentava *conversar* para os inúmeros litígios cotidianos. Falas verbalizam que, mesmo na *época da guerra* e nas incontáveis mortes e corpos caídos, existiam forças em composições coletivas, na tentativa de resolução dos litígios.

Mendes (2011), em sua *passagem* pela cadeia Pública de Santos, narra estupros: “acordar com alguém sendo comido parecia mais prisão ainda, mas era excitante (MENDES,

2011, p. 165) e morte:

[...] de repente, tumulto. Os companheiros aglomeraram-se. Márcio no centro. Logo o grupo caminhava com ele suspenso no ar. Os guardas nem se interessavam, rotina. (MENDES, 2011, p. 168).

Contudo, o autor também descreve um dissenso com o pensamento do companheiro de cela: “a visão de vida do velho era retrógrada. Pra ele valia a lei dos mais fortes. Fodam-se os mais fracos” (MENDES, 2011, p. 178); um comportamento prisional em mutação? Talvez, clarões momentâneos de forças em convergência para a constituição de outros enunciados, outras moralidades e comportamentos, como descreve Mendes a respeito de um experimento de cela na Cadeia Pública de Santos, em que ele mantinha “uma filosofia de convivência pacífica” (MENDES, 2011, p. 86).

Federação

A partir da experiência prisional na penitenciária de Franco da Rocha, em 1985, Mendes descreve uma técnica coletiva complexa:

Quem dominava a penitenciária, claro, era a polícia. Mas entre os presos, e até com ciência da diretoria, a Federação de Esportes é que controlava. Era formada e dirigida por presos, compostas de um presidente, um vice-presidente e um secretário. O Zé Vitor era o presidente, o Zé Maria, o vice. O cargo de secretário ficava mais ou menos vago. Vários companheiros faziam a parte burocrática, improvisadamente. [...] A visitação ocorria aos sábados e domingos. Às quartas acontecia a reunião dos representantes das equipes. Era dali que emanava o poder da Federação. Quem representava uma equipe financiava e organizava. Naturalmente, quem fazia isso eram os que tinham mais condições financeiras e conceito perante a massa. Ser representante de equipe equivalia a um status de dominação e importância. (MENDES, 2011.p. 202)

Segundo Mendes (2011), essa técnica coletiva de presos era sentida no cárcere para além da organização de “trabalhos”, “festas” e “campeonatos”:

Estávamos tão disciplinados e levando as coisas tão a sério, que proibimos o consumo de drogas na praça de esportes. Quem ousasse seria convocado à Federação para conversar. A disciplina autoimposta tinha que ser rígida. Muitos representantes de equipes vindas de fora para nos enfrentar confessavam que em nenhum outro lugar havia tanta lealdade no esporte. (MENDES, 2011, p. 216)

Para o autor, o grau de articulação e adesão desse experimento produziu uma

experiência coletiva “pacífica”:

A partir do momento em que percebemos, na prática, que algumas normas poderiam nos beneficiar, passamos a acatá-las. O respeito às regras do futebol de salão, o regulamento disciplinar da praça de esportes, o diálogo permanente para resolver desafetos e conflitos, resultaram numa convivência pacífica. A praça de esportes tornara-se um local apreciado e elogiado por presos, visitantes e diretores. [...] A tranquilidade provinha do cumprimento das regras estabelecidas por nós mesmos, que faziam de nós uma comunidade organizada e produtiva. (MENDES, 2011, p. 219)

No debate

Fomos – eu, careca, Leno e dois sujeitos do xadrez dele – para federação. A questão seria resolvida pelo presidente. No debate, a que compareceram dois companheiros que vieram de Santos comigo, ficou claro que eu fora roubado. Leno foi obrigado a devolver o dinheiro. Pedi desculpas e saiu, com a cara toda machucada. Ainda teria que pagar multa na Federação por causar tumulto indevidamente. (MENDES, 2011, p. 203)

O conceito do presidente

Uma liderança pautada na força:

O Zé Vitor me conhecia desde os tempos de Juizado de Menores. Era um dos presos de maior conceito, na época, em todo o sistema prisional do estado. Em 1971, assassinara o diretor da Casa de Detenção a facadas. Assisti à cena. Ele correria atrás de uns companheiros, armado de faca, no pavilhão 8. Grande e forte, conseguira esfaquear alguns, mas seus inimigos acabaram escapando. Estava com receio de ser espancado barbaramente, como sempre acontecia. Por conta disso, recusou-se a entregar a faca quando intimado pelos furadas. Só a daria ao diretor. Era uma forma de evitar a sanha dos funcionários. O diretor veio e lhe deu sua palavra de que não o espancariam se entregasse a arma. Zé Vitor acreditou. Conduziram-no às celas disciplinares, e o diretor foi o primeiro a lhe bater na cara. Em seguida determinou que os guardas o moessem de pancada. O Zé amargou meses de cela-forte e depois foi mandado para o pavilhão 5. Pavilhão de castigo, onde ficavam os presos mais perigosos. Passado algum tempo, seus inimigos foram jogar bola naquele pavilhão. Não deu outra. O Zé saiu atrás deles distribuindo facadas. No fim da refrega, os guardas queriam a faca. Novamente ele se negou a entregar, exigindo a presença do diretor. O besta veio, imponente, com a mesma promessa. A lâmina varou o peito. (MENDES, 2011, p. 204)

Certa Consciência

Fernando Collor era o Presidente...

A prisão, como não poderia deixar de ser, continuava violenta, e a convivência difícil. Ainda que nunca mais tivesse atingido os padrões de

violência anteriores, pois já havia certa consciência. (MENDES, 2011, p. 288)

O desenho frágil que se apaga e se refaz, a cada novo contorno, aperfeiçoamentos, refutações, resistências talvez esse seja o cotidiano carcerário paulista, não estático, mas em movimento. Da *consideração* pelos membros de cela, de uma *política de xadrez*, uma desejada *paz*, até complexa política *da Federação* – são simplesmente arranjos políticos que se constroem diante da morte cotidiana de miscelânea de nordestinos, pobres, pretos, periféricos, encarcerados. Contudo, o *massacre*, aos olhos dos meus interlocutores, reverbera outras composições para um grau de articulação coletiva em outros patamares depois da *maior das covardias*. Para esses interlocutores a carnificina e o luto foram propulsores de uma aglutinação de enunciados e comportamentos sem precedentes no sistema carcerário paulista e, conseqüentemente, nas *quebradas* de São Paulo.

As matemáticas e suas reverberações

Quando estourou a rebelião nos tava tudo livre. Aí o choque invadiu, a Rota, GATE, todos eles invadiram. Já entraram metralhando. Não teve resistência. Como você com uma faca vai resistir a uma metralhadora, entendeu? Tava na minha cela, morava doze pessoas, no terceiro andar, no 313 E. No 309 E morreu todo mundo, mas não foi só lá não. Se eu não me engano, 340 E morreu todo mundo. Total, quando a gente foi fazer as matemática. Os faxina levantou na cadeia, tava faltando mais de trezentas pessoas na contagem, então morreu mais de trezentas pessoas. Da minha cela a gente escutava os gritos e o barulho das metralhadoras, você escutava. Eu presenciei, ó! Eu tava assim deitado no chão com a porta aberta, vamos supor daqui ali ó [aponta mais ou menos dois metros]. Nos também era pra ser metralhado, eu lembro até hoje, eu sou capaz de jurar isso aí, que nós ia tudo morrer. Chegou um cara, um polícia na porta e falou pra nós bem assim: “Cabou o boi, hein!”, aí chegou outro polícia e nós tava tudo deitado pelado já. Aí chegou outro polícia e chega, chega, chega. Eu lembro até hoje disso aí. Isso é a mesma coisa de eu tá vendo na minha mente, eu tô falando pra você, eu tô vendo, entendeu? Tô vendo tudo. É um negócio que vai demorar para apagar [registra-se alguns segundos de silêncio. Um pigarro do pesquisador e a fala: “difícil”]. Foi covardia total [alguns segundos de silêncio]. Aí depois acabou tudo. Aí começamos a descer todo mundo no pátio pelado com ordem deles [policiais], aí quando chegava na escada um entrava para o esporte [setor de esporte] e outro descia a escada pro pátio, um entrava outro descia, o cara que tava na minha frente ele entrou e até hoje não vi mais falar dele. Quando o esporte tava cheio eles metralhavam todo mundo. Se só escutava os gritos, parecia casa do terror³⁰ [silêncio].

³⁰ “[...] respondeu que transportou de doze para, digo, de treze para quatorze cadáveres do 3º andar para o 2º andar; que, em um determinado momento, assistiu quando um dos presos que transportava cadáveres logo em seguida ao arriar um corpo na sala de esportes recebeu um tiro de revólver na testa, caindo sentado tombando com os olhos arregalados por cima do cadáver que acabara de transportar”. Depoimento de Luiz Henrique Soares

Você vai e você desce, [silêncio] era escolhido né. Só que ninguém sabia o que ia acontecer. Quando o esporte enchia aí você só escutava os gritos. Aí eles jogavam no buraco do elevador entendeu. Eles também começaram a arrastar os corpo e furar. Isso já no começo da noite, pra falar que foi os presos [silêncio]. Nesse caminho nós saiu pisando em corpo, tinha banho de sangue na galeria. Você não via o corpo, você pisava nele entendeu. [Gilberto]

O interlocutor de Luzia e sua narrativa, que insiste no relato daquela tarde de *garoa* de 2 de Outubro de 1992 compõe-se com mais uma voz que *estava no* [pavilhão] 8 naquela das *maior das covardias*:

A lembrança é triste demais, muitas vezes não gosto de lembrar. Mas muitas vezes eu lembro porque foi uma vitória, porque muitos não conseguiram atravessar aquela dificuldade, aquela barreira e eu consegui. E até contando um pouco a polícia entrou matou, matou, matou. Quando cansaram, acabou a bala, pararam de matar. Ia matar mais de que jeito? Acho que era uma e pouco da tarde. A polícia entrou, matou, matou, matou. Depois foi embora. No outro dia você achava pedaço de orelha, nariz, dedo, saco³¹, pedaço de braço, pedaço de barriga, tudo no meio do lixo, no chão. Os cachorros mordía, arrancava mas não come, eles não come. Eles não come carne humana, eles é treinado só para estraçalhar. Ele estraçalha e depois joga fora. Ainda achamos vários corpos no fosso do elevador no outro dia. Os polícia fez os caras se jogar. Os policia mandavam o cara deitar, colocavam na beira do fosso e pegava pela perna assim e soltava o cara do 5º andar [gesticula com a mão como se levantasse algo] é cair e morrer. Direitos humanos quando veio entra, ó [gesticula com os dedos]. O pavilhão tava limpo. Foi assim que aconteceu. [Samuel]

Abalos e movimentos sentidos a partir *daquele dia*, em um rearranjo na política carcerária e a configuração de uma composição de força nunca antes vista no Estado de São Paulo. Do campo das políticas estatais operacionalizou-se rapidamente a criação da Secretária de Administração Penitenciária (SAP), na Lei 8.524, buscaram-se “projetos” para desativar o Carandiru e, no ano seguinte, criou-se a Academia Penitenciária (SALLA, 2007, p. 79) e a construção de Centro de Detenção Provisória com que configuravam ³²:

Assim, enquanto as unidades da SSP mantiveram a população quase estabilizada em suas unidades num período de cerca de dez anos, a SAP praticamente teve a sua população triplicada, saltando dos 31.842 presos para 108.480 em 2004. (SALLA, 2007, p.84)

para Comissão constituída pelo Conselho de Defesa da Pessoa Humana (in) Machado; Marques (1993).

³¹ “[...] Pode afirmar que encontrou num xadrez possivelmente o 49 I do 2º andar um cadáver deitado de bruços, com as duas mãos unidas na nuca cheias de sangue; que, encontrou um outro cadáver na galeria nu, sem testículos e sem o membro sexual” Depoimento de Nivaldo Batista de Oliveira para a Comissão constituída pelo Conselho de Defesa da Pessoa Humana (in) Machado; Marques (1993, p. 119)

³² Para um entendimento aprofundamento da cronologia das políticas carcerárias paulista nos anos 2000. Ler: Salla (2007) e Biondi (2010).

Um time que mudou o jogo?

O mito de origem:

Eles vieram organizando já no final de 92, isso eu percebia. Foi em 93, foi um ano depois [do Massacre do Carandiru]. O PCC foi fundado em 15 de Setembro de 1993. Começou lá no Carandiru, lá na Ataliba Leonel [Avenida General Ataliba Leonel] que hoje é a feminina. Muita gente não sabe, mas era um time que se chamava PCC, então tinha vários times e os caras faziam um campeonato e os caras põem é... [um silêncio e o interlocutor abaixa a cabeça por alguns segundos] Ruim de Bola, 380, Gangue de Loco. E assim, vai jogar contra quem? Jogar contra a Gangue de Loco, jogar contra o 380, tudo isso dentro da prisão. Tinha o PCC, tinha o ZL, tinha ZN, tinha os times de vila. Vila Matilde, então, tinha vários times e tinha esse PCC, que depois veio a ser o Primeiro Comando da Capital. Eles já vinha organizando no final de 92. [Samuel]

São inúmeros os mitos de origem acerca desse coletivo, “verdades”, “mentiras”? O trabalho de Biondi (2010, p. 69) já alerta as inúmeras descrições para o mito de origem acerca desse coletivo, e para uma “amnésia coletiva” em que as diversas versões foram rapidamente abandonadas, e a partir de então os presos pareceram tomar como única, ou pelo menos preponderante, a versão publicada no livro de Jozino (2004), que se aproxima (futebol e ano) da narrativa elaborada por Samuel, mesmo que em localidades distintas. O que me resta é tão somente sacudir certezas, tencionar, provocar, realocar falas e, sobretudo, me ater ao movimento coletivo que essa massa produz, *dentro e fora*.

Observa-se que a versão de Jozino (2004) remete ao ano de 1993, precisamente dia 31 de agosto de 1993, por ocasião de uma briga em uma partida de futebol disputada entre o Primeiro Comando da Capital e o Comando Caipira, no Anexo da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté. A partir desse conflito configura-se uma ajuda mútua entre os membros do time. A respeito desse “começo”, Samuel, que *passou* longa data encarcerado e *viu o partido crescer*, tece alguns comentários:

Então, por exemplo, três pessoas aqui na penitenciária que tá dando problema, não quer manter a paz, sempre tá arrumando confusão. As vezes tá procurando uma coisa para melhorar com o Diretor, aí vem essas pessoas e faz a maior algazarra. Aí junta eu, você e ele. Ah, vamos matar esses cinco caras aí, pronto acabamos com o problema que tava apertando a maioria! Começou assim, com as pessoas inteligente, o Geleião, o Sombra, pessoas que viam um pouco além. Era gente estudada. Começou com as pessoas inteligentes. [Samuel]

Gente estudada, propositiva, unir-se em um contexto de longa história de carnificina dentro e foras das *cadeias*.

Primeiro se criou uma guerra

Para o interlocutor do processo de fundação para a *paz*:

Nesse processo, logo no começo, primeiro se criou uma guerra. Primeiro foi uma guerra. Vamos dizer, uma penitenciária tinha mil e quinhentos, trinta queriam a paz, e mil quatrocentos e setenta não queria, então aqueles trinta tinham que brigar com mais de mil para pôr na cabeça da maioria que precisa ser daquele jeito. Muitos não queriam, acabava matando essas pessoas que queriam a paz. Então morreu muitos. Oh, vou te falar, pra ter a paz hoje em dia, vou te falar, por baixo assim, de 93 para cá, quem queria a paz morreu umas 3 mil pessoas, pra poder ter a paz aí. O comando se fortaleceu. Aí a maioria viu que o comando tava morrendo pra ter a paz, morrendo pra ter a paz. Aí começaram a chegar junto. Que nada, tá morrendo uma pá de cara pra ter a paz e a gente vai ficar de braço cruzado. Vamo se juntá com os caras. Aí começaram se juntá. Mais um, mais cinco, mais e mais no Comando, no Comando. Daqui a pouco o Comando tava daquele jeito. Aí quando chegou 96, 97, o Comando estava já bem estabilizado. [Samuel]

Ao longo dos anos de 1990, a nova cartografia de forças e a expansão dos enunciados de *paz* configuram-se no sistema carcerário paulista às custas de uma guerra. São complexidades de um processo amplo e conflituoso, de múltiplas forças e estratégias, com elementos velhos e novos:

Para tudo, vamos dialogar! Ninguém agride ninguém. Ninguém fala com funcionário. Ninguém trabalha, ninguém vai fazer comida. Vamos dialogar! O diretor tinha que dar atenção. Qualquer dono de firma que para todo mundo tem que dar atenção. Isso já em 91 e 92, e isso cresceu né? [Samuel]

A composição de forças e difusão em torno de enunciados de paz, diálogo, *resolver da melhor forma*, começam a ganhar expressividade ao longo dos anos no sistema carcerário paulista, especialmente a partir da *maior das covardias*³³, sem não resistências. Cabe destacar que a operacionalidade desses enunciados, de um comportamento propenso ao *diálogo* e resistente aos *buchichos* ocorreu, paralelamente, com operacionalização estatal de expor esses corpos/enunciados/políticas em corriqueiras transferências; *vivia em trânsito*, dizia um Samuel. Mas somente com a exposição da “megarrebelião”, que ocorreu simultaneamente em 29 unidades prisionais no ano de 2001, novas políticas estatais seriam postas em prática, sobretudo com a Resolução SAP (Secretária de Administração Penitenciária) 026, de 4 de maio de 2001, que instituiu o Regime Disciplinar Diferenciado. Uma resolução que se caracteriza pela saída do encarcerado da cela para banho de sol durante uma hora por dia, e as

³³ Conforme já mencionado em outras oportunidades. Uma referência habitual quando se trata do “massacre do Carandiru”

demais 23 horas em total isolamento. Segundo Teixeira (2009), a resolução pauta-se por uma “esfera maior de indeterminação”, de seu uso pelo diretor técnico da unidade prisional com a aprovação do Coordenador Regional das Unidades prisionais em conjunto com o secretário adjunto³⁴.

O conceito do *boy*

A recorrência no diálogo com os interlocutores de expressões como *ter mente pra trocar uma ideia*, usar a *cabeça*, *dialogar*. A figura do líder parece se sustentar na figura que saiba ser estratégica e astuta suficientemente para planejar as necessárias atribuições desejadas. Samuel ilustra em sua narrativa a sua admiração por um líder:

O cara é inteligente demais [referência ao boy, segundo meu interlocutor um *dos cabeças*], inteligente demais, fora do comum! Começou a ver muita coisa errada dentro da cadeia. Coisa errada, coisa errada, coisa errada. Ele já tinha uma coisa com ele. Falava não pode ser assim, cara. Ele juntava seis, sete e falava. Tem que ser assim pras coisas melhorar pra nós. Se continuar assim, vai ser a vida inteira assim, as coisas vão piorar. Comunicativo, trocava ideia, tava sempre à frente dos outros. Ele era assim. Eu tive a oportunidade de morar com ele no mesmo barraco, no mesmo xadrez, entendeu. Sempre à frente, sempre olhando pra frente. Às vezes os caras comentavam. É quem sabe daqui um ano as coisas podem melhorar pra nós. Daqui um ano não, daqui um mês! Sempre na inteligência! [Samuel]

Um líder, uma liderança pautada no diálogo e na *inteligência* como recurso para o consentimento³⁵. Observa-se nessa composição social para meus interlocutores uma distância da liderança, “do presidente”, como narrado por Mendes (2011), alguém que detém atributos intelectuais e/ou força física que o destaque. Para essa nova liderança, capacidade de *desenrolar uma ideia*, de *ter ideia pra trocar* são capacidades ímpares e necessárias nesse novo contexto. Duas considerações finais dos meus interlocutores a respeito do PCC:

Porque eles trouxeram a união, eles trouxeram união. Porque antes era muita covardia. Querendo ou não eles trouxeram mesmo, pros presos, né? [Samuel]

Prisão naquela época era bem pior do que hoje em dia, bem pior! Tem gente que fala mal do PCC, mas hoje o PCC quer renovar. Eles ajudam o

³⁵ Biondi (2010. p. 105) narra uma configuração *a priori* no surgimento do PCC, pautado em uma estrutura piramidal, que segundo a autora a distribuição da liderança e a destituição do quadro piramidal efetuado por Marcola.

presidiário, eles ajudam o presidiário!³⁶ [Gilberto]

É com esses fragmentos e narrativas que meus interlocutores contam sobre a mudança de um regime a outro, de um enunciado a outro, de um modo prático a outro, de uma estratégia a outra para administrar os problemas, os conflitos e a violência letal em Luzia e na *cadeia*. Falam daquilo que a bibliografia, do meu ponto de vista, de modo reducionista, contextualiza somente como “fenômeno PCC”. O que os interlocutores insistem em verbalizar é um processo histórico amplo de interlocução *cadeia* e *quebrada*, de longa data, em cujo contexto o PCC se enquadra com suas especificidade e dinamismo.

³⁶ Menções parecidas são verbalizadas por diversos interlocutores que tiveram a suas vidas riscadas pela experiência prisional no final da década de 1980 e início dos anos de 1990. Biondi (2010, p. 72) registra algo parecido narrado por um interlocutor: “ah.. o Partido! Com o partido a nossa situação melhorou muito, não tem comparação”.

CAPÍTULO 2. *CABEÇA FORMADA*

Cabeça Formada

O Comando estourou em 2005, mas o comando já vinha fazendo sua formação desde 2002 na rua, mas ninguém se manifestava, o Comando e tal. Era sempre aquele grupo que tinha a cabeça formada, né, de como lidar. [Marcela]

Quem é favela não ignora. Vejo os ladrão, só na união. Humilde então, considera irmão. Assim que é ladrão, atitude e união.
A Cultura. Sabotage [2000]

A trajetória de vida de Marcela nos anos de 2004 e 2005, no cotidiano da Favela Janaína³⁷ e por outras *quebradas*, compõe um olhar posicionado a respeito das transformações que ocorreram em algumas localidades da cidade. A interlocutora, em sua descrição, narra que tinha objetivo de morar definitivamente no local, desejava o *melhor daquele lugar* e argumenta que aprendia no *dia a dia* que enunciados do *crime* ali presentes já não ocorriam em muitos outros lugares por onde ela circulava, *naquele tempo*:

E aonde eu frequentava outras regiões e via que não era assim. Por exemplo, eu gostava de acender uma fogueira no meu quintal e aí passava um morador e falava: apaga isso, apaga a fogueira. A ordem é pra ninguém ficar fora de casa meia-noite. Aí eu falava, não... isso aí não tem nada ver. [Marcela]

A fala de Marcela é sintomática em referência à disparidade de *ritmos* entre a favela Janaína e outras localidades que ela frequentava nos anos que se seguiam. Sua narrativa se atém na discrepância da prática cotidiana do *tráfico* na favela, pautado, em grande medida, por uma ação centralizadora, que *só pensava neles*. Como demonstrei no primeiro capítulo, diversas experiências do cotidiano periférico de Luzia eram pautadas pela presença de um *tráfico* oxigenado por ações legitimadas por parte dos moradores, dada sua alta capacidade de audição das demandas provocadas; entretanto, Marcela corrobora um coro recorrente entre interlocutores, que apontam que *antigamente no crime* e na *quebrada*, existia *muita patifaria*, muita gente que gostava de mandar.

Os meus registros de campo apontam para existência de uma produtiva interlocução entre *tráfico* e moradores periféricos, como demonstrei anteriormente, produzindo uma micropolítica e *justiça*. Intervenções sociais pontuais, ou no ordenamento cotidiano dos bairros, com suas *leis* apresentadas, em grande medida apreciadas por moradores com que tive contato. Contudo, estudos como os de (HIRATA, 2010); (FELTRAN, 2012); (TELLES E HIRATA, 2010) observam, nos anos 2000, a expansão de enunciados e comportamentos que

³⁷Descrição aprofundada da trajetória de vida de Marcela presente no primeiro capítulo.

circulam em torno do *tráfico* e do PCC em diversas localidades periféricas da cidade de São Paulo. Em Luzia pude vivenciar e posteriormente estudar essas transformações que estão, também, no curso das redes de meus interlocutores.

Aí veio a ordem, o tal de PCC, Partido

Marcela denunciava no ano de 2004 o que se grafava no muro de algumas escolas e residências em Luzia: 1533³⁸ ou PCC. Neste período, realizei um trabalho social em uma escola na cidade, mais precisamente em um bairro perto da minha antiga residência, e pude perceber a capilaridade desses enunciados por meio de uma conversa entre dois adolescentes de idade em torno de 14 anos. Na quadra repleta de pichações, entre elas um *ying e yang* [símbolo oriental do equilíbrio das forças, também usado pelo PCC], os garotos me diziam que na festa no dia anterior estava presente um irmão [membro batizado do PCC] na maior *humildade*³⁹.

São inúmeros registros, pichações e conversas de *boca miúda* referentes ao surgimento desses enunciados em bairros da cidade de Luzia, algo que aos olhos do cotidiano de muitos moradores passavam despercebidos. Grande parte, arrisco-me a dizer a maioria, *nada via*, nada compreendia, a não ser pelo alarde midiático que esse enunciado PCC produzia. Entretanto, Benedito, um morador do bairro Margarida, um sujeito que *antigamente trabalhava para o tráfico*, portanto alguém que em certa medida conhecia códigos de conduta do *crime*, lembra bem *desse tempo*:

Os caras falavam esse é do PCC, esse é do PCC. Os caras respeitavam, aí eu via que era quente mesmo. [aqui uma expressão de verdade; verdadeiro]. Entendeu? [Benedito]

Vale mencionar que é um momento com distintas reverberações, resistências e uniformidades entre territórios na cidade de Luzia, que para minha compreensão não podem ser lidos de forma homogeneizante e totalizadora. Moradores de pelo menos dois bairros ainda hoje comentam que o *PCC aqui não entra. Aqui não tem vez*⁴⁰ acusando o grau de complexidade desses enunciados no contexto urbano contemporâneo, e expondo uma

³⁸ Que significa PCC em código alfanumérico.

³⁹ Uma etnografia que debruça com profundidade nas interlocuções entre adolescentes, “quebrada” e “crime”. Ler Malvasi (2012).

⁴⁰ Obviamente um campo de estudo interessante e necessário. Entretanto, em decorrência da minha posição na pesquisa e minha rede de interlocutores, não houve avanço para aprofundamento nesse espaço, para esse tipo de pesquisa. Minha posição e meus contatos evidentemente permitem avanços e também bloqueios.

fragmentação de experiências comunitárias locais. Contudo, Benedito lembra da sua *quebrada*:

Aí começou os irmão tomar os espaços. Isso 2003, por aí. No início foi de guerra. Aí veio a ordem, o tal de PCC, Partido. Aí começou a colocar gente pra cuidar da vila, gente daqui mesmo. E aquelas biqueiras que antigamente que era do [bairro] Marcos, que era da Loira. O do [bairro] Margarida que era da Márcia [gerência], que na verdade era do Gavião. Os irmão foi tomando tudo. Se você não se afasta, é melhor você se afastar e deixar os caras tomar conta. [Benedito]

São forças em intersecções que se estabelecem por *tomada* de *biqueira*, por composição de *simpatia*, *aliança*, *ajuda*. *Não é. Mas corre junto, esse aqui é mas só vive de chapéu*⁴¹. São múltiplas composições, estratégias e reverberações deflagradas, como veremos mais adiante, mas que de imediato afastam qualquer leitura centralizadora, uniformizante.

Arma

A maioria não trabalha armado [se referindo aos pontos de venda de drogas ilícitas nos anos de 2004, 2005 adiante na cidade de Luzia]. Um ou outro lugar que usa arma. Acho que só no Bronze [bairro de Luzia] que o cara fica armado. Nos demais um cara que fica armado e ainda de canela seca e olhe lá⁴² [Antônio]

Mesmo que outro interlocutor me alerte em referência a esse período, *mas elas sempre tiveram aí*, ou que Marcela me explique onde e como guardava as armas colaborando com a percepção que elas poderiam ser acionadas na medida do necessário, esse objeto de poder gradativamente vai desaparecendo do cotidiano periférico de Luzia ao longo dos anos 2000, raramente se ouvem seus sons e dificilmente as vemos⁴³. Evita-se a arma, na perspectiva dos meus interlocutores, por múltiplos processos: 1) alguns *vapores* argumentam que esse processo vinha *já antes*, uma referência ao período anterior à presença dos enunciados do PCC. Segundo eles, muitos gerentes e donos não *gostavam de deixar armas nas mãos de moleques!* – e ainda, não precisavam se armar, pois negociavam com outras biqueiras as delimitações do espaço de venda de drogas ilícitas [algo apontado por José no primeiro

⁴¹ *Viver de chapéu* ou *vive de chapéu atolado* é algo aproximado de como estar com os olhos coberto pelo chapéu, boné, *bombeta*. Estar de olhos encobertos.

⁴² Em leitura do trabalho de Grillo (2013), observo a capacidade de seus interlocutores em descreverem armas, especificidades, etc. Na minha pesquisa, no cotidiano, não presenciei nenhuma arma. Somente a visualizei em uma tarde de sábado em uma das “biqueiras” mais movimentadas. Era um gerente com *um canela seca, as outras tão guardadas*, me alertava o interlocutor. Parece-me um universo de disparidades, comumente associado ao “crime organizado”.

⁴³ Cabe ressaltar como destaque na introdução. Parte de uma geração de adolescentes crescida na década de 1990 nas periferias de Luzia procurava distinguir disparos de arma de fogo aos de rojões e como alertava *os caras da antigas* em um olhar depreciativo aos jovens *de hoje: esses moleques não sabem nem a diferença de um rojão e um disparo de arma de fogo!*

capítulo], algo como uma micropolítica de paz. 2) Nos anos 2000 as delimitações de espaços de venda e as novas técnicas de mediação instituídas com os *debates*, possibilitam ainda mais tornar o uso da arma de fogo desnecessário.

Palavra

Os acontecimentos que Marcela descreve a seguir apresentam um ponto privilegiado das mutações, das inflexões que ocorreram na favela Janaína em Luzia, com o seu ato de protagonismo em 2004:

Onde eu tô morando acontece isso, isso e isso [imitando a argumentação que expôs para o irmão/PCC]. Tá errado! Quem é que tá na palavra lá? [imitando a fala do irmão]. Eu falei, não irmão, não tem. Lá a palavra que deu é deles, pronto e acabou. Mas eu tenho uma sugestão, irmão. Se você fechar comigo, a gente levanta aquela favela. [Marcela]

Descompassos, mudanças e as incontáveis expressões do cotidiano periférico que ecoam polissemia. A palavra, primeiramente uma referência a um substantivo feminino, quem é que tá na *palavra*, referência à figura [pessoa] do *irmão* [membro batizado do PCC] que fixa e reverbera enunciados. Segundo, na argumentação de Marcela, um adjetivo, *lá a palavra que deu é deles* [...], uma inferência à palavra adjetivada, ponto de radiação de um poder indiscutível, autoritário, do *pronto e acabou*.

Levantar e organizar

A configuração da construção de uma solução para os *problemas* na descrição de Marcela exige velhas/novas formas com a presença do *tráfico*, mas com outro tipo de *cabeça*. A interferência do *tráfico* se faz presente no cotidiano; contudo, operacionalizado por outros enunciados. A interlocutora descreve:

Compra ela [ponto de venda de drogas ilícitas], irmão. O cara lá embaixo tá vendendo. Compra ela, eu garanto que vai se levantar e vai organizar, vai ajudar aquele povo que tá sofrendo. O irmão falou. Faz lá a proposta, que a proposta que ele fizer a gente fecha. Aí falei pro irmão, eu não sei quanto de dinheiro. Não importa, a proposta que ele fizer a gente fecha [imitando a fala do irmão]. [Marcela]

Levantar, organizar e ajudar a partir de um ponto de drogas são os anseios de Marcela

compondo com um novo ser político o cotidiano de bairros na cidade de Luzia. Composição nova que intersecciona o *tráfico* com um comportamento de ética, enunciado PCC que tanto se aglutina com preceitos circundantes de longa data no sistema carcerário e periférico de São Paulo, referentes a *humildade, igualdade, coletividade, respeito, paz, ordem, lei*. É plausível compreender a composição desses enunciados PCC, pelo menos em Luzia, em intersecções, confluências com inúmeros enunciados e comportamentos que de longa data vigoravam nos espaços periféricos e, talvez, em grande medida, decorra daí a força de reverberação que conquista ao longo dos anos 2000.

Aqui é Comando!

Composições de forças, estratégias, táticas compunham o contexto do tráfico e dos bairros em Luzia, que abarcavam a relevância em ter um *respeito na quebrada*, manter a lei no local. Marcela seguia com suas ambições, no intuito de acabar com aquela *opressão* e colocar de vez a *paz*:

Aí foi eu [Marcela] e outro irmão, em novembro de 2004. Chegamos lá para conversar com o João [traficante], todo mundo tinha pavor dele. Aí eu falei para ele. Eu vim fazer a proposta de compra. Olha que ele era marreteiro [vendedor ambulante] também, e ele hahaha, tá de brincadeira, você é da parte de cima, e foi comprada. Eu falei, olha se eu fui comprada não é interesse seu. O que eu tô falando pra você é que o Comando quer comprar. Bota o seu preço que o irmão me deu essa autoridade. Ele falou, eu vou colocar o preço, será que ele vai ter pra pagar? Eu já logo emendei, será que você vai ter cabeça para contar? Quero 70 mil! [imitando a fala de João] O irmão presenciou e ligou para o irmão Batista. O irmão perguntou: ele quer pra quando? O João falou eu quero pra agora! Demoro, aliás já te mando o dinheiro. Daqui uma hora eu tô aí. A biqueira do [bairro próximo à favela] trouxe o dinheiro. Aí foi, deu os setenta mil para ele. Ele contou umas dez vezes e não conseguiu contar. Aí o irmão falou para ele. A mesma pressa que você teve pra receber o dinheiro eu tenho para você sair daqui. Eu quero que você saia daqui agora. Eu não quero que você coloque o pé aqui dentro, porque o que eu puxei [me informei] de você lá fora. Porque você tava mandando matar inocente, mandando matar criança aqui dentro. Porque aquele menino de dezessete anos era criança [acusação da morte de um adolescente na favela meses antes]. [Marcela]

Marcela descreve o desfecho pautado na aquisição da *biqueira*, uma legível dimensão financeira com toda a sua logística e negociata (a negociação, a *biqueira* mais próxima para trazer o dinheiro da compra, o acompanhamento do irmão na negociação e, por fim, a aquisição). Palavras, gestos, procedimentos que se operacionalizam sem perder a dimensão

moral dos tipos de *tráfico* em jogo. *Matar um inocente* na argumentação desse novo *crime é justiça* sem amparar nos procedimentos que cercam o *debate* (FELTRAN, 2010).

Para finalizar esse momento na favela Janaína, a interlocutora narra que ficou *feliz* com a aquisição do *irmão* e a possibilidade de *ajudar aquele povo*; e conta que conquistou novas atribuições:

Aí eu sentei com eles e falei: irmão, agora e com vocês. Com vocês não Marcela, com você! [imita a fala do irmão] O quê? Não, irmão, fiz a minha parte, negociei com vocês, agora o negócio e com vocês. Não, senhora! Você vai levar isso aqui. [imita a fala do irmão] Eu disse, mas não entendo nada. A gente te prepara e você vai levar. A gente sabe que você tem condição de levar isso. A gente vai começar com um salário básico pra você. Só pra você coordenar a situação aqui [aqui mais uma vez imita a fala do irmão]. [Marcela]

Seus *trabalhos* anteriores para o *Comando*, sua conduta de *resposta* e sua *disposição* em acabar com a *opressão*, agregado ao fator de ser *moradora* da favela, compõem a sua *caminhada*, gabaritando-a a exercer uma função nevrálgica de *gerência* do *tráfico*⁴⁴. Contudo, a *Palavra*⁴⁵ da localidade, como explicita Marcela, propõe acabar de *vez com a toda opressão naquele lugar*. Isso não se refere somente à aquisição de mais uma biqueira que está em disputa, concomitantemente existe uma luta de moralidade, uma forma de *administrar* específica com esse novo enunciado. Entretanto, Marcela pondera em sua argumentação que ainda faltava algo:

Qual é o outro ponto que tem rivalidade? Então esse ponto pra nós é escreveu não leu o pau comeu, como eles falam, não é? Ou eles entram no nosso **ritmo** ou cai fora. Nós não vamos dar um centavo [imita a fala do irmão]. Já tinha puxado a capivara [pesquisado a respeito] deles todinho. Não tinha suporte nenhum, o João já tinha. No debate, armamento, na droga, né? Os caras de cima tava para acabar mesmo, para matar, para brigar, né? Aí eu falei, não vai ser fácil, irmão? Vou precisar de uns quinze caras para me ajudar. O irmão falou quinze vai ser pouco. O irmão mandou seis carros com cinco, seis irmãos. Teve carro grande que veio com sete irmãos. Marcela, qual é o ponto? [imitando a fala do irmão] Essa mulher não se dá com essa. Esse cara não se dá com esse comércio. Então eu falo com esse

⁴⁴Mesmo não sendo uma pergunta da minha pesquisa, era recorrente as explicações de meus interlocutores a respeito do assunto. Por meio das histórias de vida vinha um turbilhão de descrições para o momento de entrar no tráfico. Ouvi de tudo um pouco, desde fatores econômicos, oportunidade de *levantar uma moeda e logo sair fora*, impressionar *umas minas*, e mesmo o interlocutor que dizia *eu não preciso era só pra manter o nosso uso, etc.* Barbosa (1998, p.93) também observa um leque diverso entre os motivos para ingressar no tráfico.

⁴⁵Biondi (2010, p. 146) argumenta que “hoje o PCC evita a noção de voz por considerá-la totalizante a ponto de calar as múltiplas vozes que deveriam compô-la”. A *Palavra* que Marcela exerce configura-se dentro de um contexto do início dos anos 2000, quando ocorria uma tentativa de “supressão da autoridade”, como argumenta a autora; entretanto, cabe destacar que movimentos hierarquizados e rígidos teimam em nascer e são fonte de preocupações de parte dos meus interlocutores.

cara. Você fala com essa mulher. Isso em novembro, às sete horas da manhã. Essa equipe vai falar com o grupo da Nice. Sete horas da manhã, você, você, você. Aqui é o Comando. Você, você, você. Aqui é o Comando. Aqui agora é Lei. Acabamos de comprar a biqueira. Aqui vocês não pode isso, isso, isso. A palavra maior é dela. E se vocês ciscar nós vamos mostrar o que é o Comando, porque o Comando não veio à toa. Foi todo esse tramite. [Marcela]

Naquela manhã de novembro de 2005, a fala *aqui é Comando*, um novo *ritmo*, são pontos de divisão no processo de administração de litígios na favela Janaína.

Recuperar, aproveitar e expelir

O *tráfico* passa por transformações na descrição de Marcela:

Fizemos uma proposta. Não queremos que vocês saiam. Se vocês ficarem é do jeito da gente. Nós vamos precisar de olheiro. A gente trabalha com olheiro e com vapor [o vendedor varejista]. Podemos recuperar vocês. Como vai ter gente lá debaixo vai tá no suporte também. Nós não quer que ninguém saia. A gente comprou a biqueira do dono, não quer dizer que o vapor dele não pode trabalhar. Se não quiser ficar [no tráfico], pode ficar de boa na favela, mas não pode mexer com ninguém. Ficou assim: o vapor debaixo ficava na parte da manhã e o vapor de cima ficava na parte da noite. Não se encontravam, só se encontrava na troca [de turno]. E aí começou a ter o contato, conversar e acabou ficando entre eles. [Marcela]

Essas narrativas de um cotidiano marcado por aquisição e resolução dos litígios na favela Janaína, apontam para a obtenção do *ponto* debaixo e administração do conflito entre grupos rivais, através da estratégia de distinção de turnos. Trata-se de retenção do litígio a um patamar interno ao coletivo, sem a necessidade de expulsão ou morte. *Recuperar*, somar e não dividir trilham os enunciados “paz entre os ladrões” já captados por Biondi (2010). Entretanto, essa composição não poderia superar algumas distinções como narra a interlocutora:

Eu falei: pra mim você não serve para trabalhar [referente ao dono da biqueira da parte de cima da favela]. Não quero você comigo porque eles pegaram um moleque, fizeram o que não devia, por questões de achar que ele estava levando informação para baixo [tráfico debaixo]. Mataram o menino da forma pior possível. E foi ele o mandante de tudo, vestiram o garoto de menina, abusaram do moleque, bateram, espancaram. Aí, pra resumir, pra dar um fim, colocaram o corpo do moleque na linha do trem. [Marcela]

Negações e aceitações morais que absolvem uns, mas também expelem outros. Era viável *aproveitar*, absolver esse *tráfico* com seus vapores e olheiros; contudo, não era possível compor com *safadezas* aos olhos do novo *crime* - estranheza com a morte, com a morte sem *debate*, sem réplica, tréplica. Superadas as desavenças internas nessa composição, seguia-se o *tráfico* e as configurações de salário: *Vapor*: carga de cem *trouxinhas* de maconha, cem de *pedra* [crack] e cem de *pó* [cocaína]: R\$3.000,00. Lucro da venda para o *vapor*: R\$160,00. *Olheiro*: somente R\$150,00 por semana, *era um moleque que ficava lá soltando pipa, jogando bola e só olhando as novinha*. E, por fim, a gerência: *Valor que variava muito, em torno de mil reais por semana*.

Por que não pode matar

Recentemente muito se discute referente ao enunciado “paz entre os ladrões” (BIONDI, 2010); (FELTRAN 2010, 2012); (HIRATA, 2010); (MARQUES, 2009) algo constitutivo e difundido entre os moradores de Luzia, segundo os interlocutores, e capitado na letra de RAP desde a “época da guerra”. Contudo, a *paz* é propagada com menos resistências e outras tantas utilidades, como Marcela explica:

Eu era a única ruim no meio das mulheres. Eu falava para eles [irmãos] a pior coisa que vocês fizeram é essa lei do sumário. Pra mim não existe sumário. E você lá, o cara desandou [nessa situação tem o sentido de sumir, desaparecer] a droga e o cara fica andando pra cima e pra baixo com a dívida que você pagou. Porque não pode matar, no máximo pode descer o coro. Mas amanhã o cara tá dando risada e vem pegar droga com você. Aí os caras falam deixa isso aí pronto e acabou. Porque matar leva polícia para as comunidades e isso só atrapalha o vapor. Não vende droga. Tem que rodar dinheiro. Se vem polícia acaba tudo, fecha biqueira. Dias de polícia ali, só da acesso para a polícia ali dentro, então fica por isso mesmo, a gente vê a forma dele pagar. Põe ele de olheiro, manda ele fazer uma entrega ali na biqueira, manda ele levar um dinheiro para outro lugar e isso aí que é o sumário. [Marcela]

Marcela destaca a utilidade e funcionalidade dessa *paz* no cotidiano da venda varejista de drogas ilícitas, algo que não é nenhuma novidade ali, pois desde Barbosa (1998, p. 98) observa-se que contenda interna na favela é sempre “[...] chamariz para a presença da polícia, elemento altamente indesejável na medida em que paralisa os negócios”. Telles e Hirata (2010) apontam nos anos 2000 uma maior estruturação e ampliação do mercado varejista de drogas ilícitas do que em décadas anteriores. A “paz entre os ladrão” e a “paz nas quebradas”

proporcionam a esse “mercado” um importante elemento para circulação de usuários e, portanto, dinamismo nas vendas.

A Dádiva

Não se espere, contudo, que o PCC e suas demandas por justiça constituam o embrião da revolução social e da construção de uma nova sociedade baseada na justiça, na igualdade e na democracia. O que está em jogo são interesses em torno de negócios, como bem o demonstram os estudos de Zaluar e de Misse. Suas lideranças não têm pudor punitivo; não hesitam em matar e aplicar justiça sem direito à defesa. Esperam vencer seus inimigos; porém, não esperam conquistar a simpatia, a solidariedade e o apoio daqueles que vivem atormentados por suas ações criminosas. Não têm projeto político para a construção de uma sociedade democrática; sua concepção de sociedade é tosca, fundada na lealdade entre “irmãos” e na concepção do social como família extensa, constelação de interesses materiais e morais. (ADORNO; SALLA, 2007, p. 15)

Na política do *dia a dia* narrado por Marcela, ela e seus pares produzem uma espécie de experiência coletiva de ações rápidas, práticas e acessíveis, nas quais conceituações como “tirania” ou “democracia” e outras tantas valorizações, *a priori*, não se encaixam para dar conta de processos múltiplos e por muitas vezes contraditórios, que a todo momento se transmutam. Em grande medida, os interlocutores provocam para que se observe um estado de coisas do hoje, que se faz por processos pautados no *olho no olho*, por pares de identificações social, racial e na *ideia* - e no conhecimento de saberes nivelados por igual, diferentemente dos procedimentos do jogo democrático e dos protocolos institucionais – esses cada vez mais baseados na hierarquização, elitização e no escalonamento social. Como descreve Marcela, com um sorriso no rosto, o fim da *guerra*:

Com o fim da guerra, aí que teve o bate papo na praça. Você podia fazer a unha da sua vizinha lá debaixo, você podia sair com a sua criança pra qualquer lugar. Ir para reunião com a sua vizinha. [Marcela]

O que essa voz insiste em complexificar é que não somente se trata de um jogo em torno de interesses dos *negócios* com a compra de uma *biqueira*, a desconfiguração do outro *ponto* ou simplesmente fazer o *comércio movimentar*. De forma constitutiva e não eliminatória, o intuito é exercer uma política e justiça local, *colaborar com as pessoas*, como em certa altura do diálogo afirmou Marcela, e dessa dinâmica a interlocutora fazia o que dela se esperava, visitas aos moradores, *tomava café nas casas*, *trocava uma ideia* e executava melhorias. Dessas atribuições descreve algo que presenciei, *você lembra disso né, Douglas?*

Mandou colocar pedregulhos na rua da creche e na rua principal da favela, pois os moradores não suportavam mais andar *naquela lama*, organizou festa do dia das crianças em 2005 com entrega de brinquedos ⁴⁶, promoveu a definitiva ocultação das armas na frente dos moradores, além da proibição de *qualquer vapor* em desrespeitar morador ou simplesmente *aumentar o tom de voz*. Na descrição dessas ações, a interlocutora lamenta:

Tinha aquele senhor doente na rua do Carmo, que depois morreu. Lembra? A gente alugou táxi para levar ele no hospital. Mas na avaliação do Comando não compensava pagar o táxi, compensava mais comprar o gás de oxigênio. Isso foi debatido. Eu falei: ‘irmão na minha avaliação não tá compensando pagar o táxi. O tiozinho cansa, pega trânsito. Compensa mais a gente comprar o gás de oxigênio e no caso a gente pede uma enfermeira, e se for o caso a gente até paga a enfermeira’. Aí os irmãos falou: ‘fechô’. [Camila]

Você não tá no Rio de Janeiro, não, parceiro!

A gestão do cotidiano atravessado por um novo operador tangencia não somente situações de litígios, mas também marca em grande medida no fazer viver de inúmeros moradores dessa favela. Interlocutores se referem a esse período, como “quebrada redonda”, uma expressão corriqueira para descrever que as coisas estão funcionando em uma perspectiva positiva. Contudo, nesse período, Marcela aponta uma contenda e ilustra o grau de articulação dessa nova força e, sobretudo, indica que são novos tempos e modos de gestão:

Eu já tinha uma confiança dos vapores que trabalharam com ele [o traficante antigo que vendeu a biqueira]. Ele foi visitar a favela e soltou essa piadinha. A gente tem que formar um grupo, já tá aqui, já tá em casa mesmo [imitando a fala do antigo dono]. Aí o vapor, que era confiança dele, mas ele pegou confiança comigo. Um cara que eu falei quando eu fiz a proposta dele ficar. Eu falei te dou uma oportunidade de você conhecer o trabalho, de conhecer o que a gente faz em outras favelas por aí. Aí quando o João falou isso. Ele [o vapor] sequestrou o João e me chamou. Eu liguei para o irmão e falei. O irmão falou tô indo aí agora. Ele tomou uma pisa, um coro, um coro e nunca mais voltou. Antes disso eu fui conversar com ele. Que história é essa? Que conversa é essa? Você tá de brincadeira, tomar biqueira do Comando. Você não tá no Rio de Janeiro não parceiro! Porque no Rio de Janeiro é assim, os caras tomam. Os caras vão lá. Matam quem tá na gerência e fica com o grupo dele. Aqui em São Paulo não existe isso! Então firmeza dá de frente com o Comando! [Marcela]

Marcela didaticamente apresenta que se trata de um patamar nunca antes presenciado e discrepante de outras experiências que insistem em ser associados, Rio de Janeiro e São

⁴⁶ Desse período fui abordado por Marcela na favela Janaína. Você tem filhos, sobrinho? Sobrou brinquedos. Quer levar uns?

Paulo. A interlocutora destaca que aqui “não é Rio de Janeiro”, pois praticamente a “tomada” de um “ponto” é algo que não mais acontece e, com a ascensão dos enunciados PCC na favela Janaína, deve-se ater para resolução de conflito, como aquisição de um ponto de droga, deve-se passar por um amplo “debate”. “Tomar” um “ponto” estaria em desuso e custaria um preço político a quem ousasse tal feito.

Atrás de dinheiro

O epicentro é o ponto de drogas, mas a zona de arbítrio se expande e afeta todo o entorno (TELLES; HIRATA, 2010, p. 43)

Redesenhado o campo de disputa com seus procedimentos e sujeitos, a interlocutora descreve outro eixo nevrálgico do cotidiano de seu *trabalho*, objeto de preocupação: a intersecção com *os polícia*. Hirata (2010, p. 281) já expôs em sua etnografia a relevância da “delegacia” no funcionamento varejista da droga em São Paulo, sua argumentação esclarece que existem sobreposições “dos pontos que são as biqueiras e os pontos das delegacias de polícia” para manutenção de uma “primeira forma de extorsão”, “compra do alvará de funcionamento”. Contudo, Marcela com sua experiência na favela de Luzia, na Região Metropolitana de São Paulo, complexifica essa cartografia com a participação de outro protagonista:

Eles não tava lá para fazer a abordagem que eles fazem no cotidiano. Eles estavam lá atrás de dinheiro, de grana. Começou com a Polícia Militar. Quando a Polícia Militar entrou lá e queria acerto, o Comando começou a pagar. Era 7 mil a cada quinze dias para militar. A eles dividiam no grupo deles. Quando começou a bombar, a gente começou a fazer atividade, fazer festinha pra comunidade e passou da militar pra também a [Polícia] civil. 7 mil também. [Camila]

Sabe-se da movimentação e dessa intersecção entre *polícia e crime* e Marcela detalha um aprendizado de longa data, *dono de biqueira, gerente*, nesse momento, *não pode dar as caras*:

O acerto era assim, a gente pagava uma pessoa só pra dar o dinheiro. A gente não podia dar as caras [se apresentar]. A gente marcava o horário que era sempre lá naquela estradinha do Alex. Era toda segunda-feira, de manhã ou então à noite. Eles gostavam mais de noite. Eles ligavam os faróis do carro. Aí a pessoa se aproximava e dava o dinheiro. Isso em quinze, quinze dias.

Obviamente nenhuma novidade, nenhum achado sociológico. Redes de *caixinha* compõem o cenário social de Luzia, como narrado por José no primeiro capítulo. Um saber

que os *moleques* da *quebrada* logo apreendem. *Tráfico* varejista e *os polícia* em algum grau ou instância negociam. Sabe que onde transitam “mercadorias econômicas ilícitas”, operacionalizam-se, concomitante, outras tantas “mercadorias políticas” (MISSE, 2002, p. 12). Uma moradora de um bairro próximo à *favela* Janaína certa vez ironizava e teorizava, em referência ao que aconteceu com seu filho em 2005, *um depende do outro* em referência à sua desconfiança do combate ao *tráfico* efetuado pela polícia.

Talvez a moradora desconheça a historiografia que levou o “mercado das drogas” para o “proibicionismo” (PASSETI, 1998); (RODRIGUES, 2008) e suas leis. Contudo, a moradora entende na carne a “política de combate às drogas” e toda sua capilaridade, seletividade e extorsões. A interlocutora descreve que teve seu filho preso na porta de casa, *acusado de tráfico* em decorrência de uma *biqueira e seus meninos* não pagarem *os polícia*, estes trataram *de zoar*; e, por infelicidade, segundo dona Hilda, seu filho estava na frente de casa, exatamente do outro lado da *biqueira* na hora em que os policiais chegaram e não conseguiram pegar *os meninos do tráfico*. Essa mãe narra que sobrou ao seu filho ser *moeda de troca* para acertar a dívida com *os policiais*. Não houve acordo e seu filho ficou seis meses na *cadeia* aguardando julgamento para posteriormente ser inocentado.

Essa intersecção entre *polícia* e *crime* em contextos urbanos vem de longa data. Whyte (2005) em “Corneville” já descrevia uma certa “folha de pagamento” nas redes de propina policial para manutenção do “jogo de azar”, e Barbosa (1998) também comenta de uma “folha de pagamento do tráfico” no Rio de Janeiro, “suborno”, não somente quando um policial é subornado por uma pessoa para sair de um flagrante em uma situação pontual. O autor argumenta de policiais que estão na folha de “pagamento”, produzindo uma “indústria da mineira” (BARBOSA, 1998. p. 117). Para tanto, um interlocutor, um ex-policial militar que atuava na cidade de São Paulo, é pragmático:

Olha cara, se você não tá no jogo, tá fora. Eles podem te queimar ou jogar um BO e você ser expulso, ou até mesmo te matar. Tem varias histórias dessas. Tem a história de que um cara [policial] matou um sargento porque ele descobriu um esquema no posto de gasolina. É uma coisa muito enraizada. Eu te falei acho que é o 39 [batalhão], não lembro se é na Sul [zona de sul de São Paulo]. Meu, quem não quer esquema, não que ir pra lá. Todo mundo sabe que lá é embaçado. Geralmente em bairro de periferia é embaçado, é muito esquema. [Diego]

Em um *jogo* é preciso se ater à multiplicidade de fatores:

i) Participantes: quais são os membros beneficiários na rede de *caixinha*⁴⁷, mesmo que não seja com precisão é necessário saber a quem se paga? Policial militar, policial civil? De qual batalhão? De qual delegacia? Quais são os nomes? *Do outro lado*, quem são os depositários desse recurso? Mesmo que se desconheça o *dono* ou o *gerente*, é pertinente conhecer ao máximo de onde vem a fonte de recurso, *informação* é imprescindível, pois pode gerar maiores frutos, como *sequestro*;

ii) Condições: O tráfico necessita dentro desse jogo negociar as condições para *funcionamento* de seu *ponto*. O preço do jogo, da *caixinha*, varia conforme a lucratividade do ponto de venda de drogas ilícitas - submetida ao crivo da clientela que leva em consideração a qualidade e a localidade (de fácil acesso, com número de ruas para eventuais fugas, qualidade no atendimento). Em contrapartida, a Polícia Militar apresenta um efetivo numericamente maior que a Polícia Civil, e atribuições de policiamento ostensivo e de prevenção. Por causa dessa maior abrangência de atuação, aos olhos de parte dos meus interlocutores há um relativo protagonismo nas extorsões da Polícia Militar em comparação à Polícia Civil da cidade. Apesar da Polícia Civil apresentar um efetivo inferior ao da Polícia Militar, carrega a prerrogativa constitucional de produzir o inquérito policial, portanto é detentora de condições maiores de incriminação e assim pode, em certa medida, colher melhores frutos nesse “jogo”;

iii) Estratégias: Com a composição dos jogadores e as condições minimamente mapeadas, as estratégias são postas em prática. Cabe nesse *jogo* estudar o adversário e sempre ter informações privilegiadas de sua capacidade, ora por mecanismos de *investigação* policial, ou com práticas de achaques, ameaças, espancamentos e até torturas de *vapores* e *usuários*, sendo os *moradores e comerciantes* do bairro outra fonte de informação eficaz. Por outro lado, o *tráfico* tende a colher informações [saber se existe uma operação ampla de outras delegacias ou intervenções policiais midiáticas] internas dos adversários, para antecipar jogadas. Algo talvez consensual nessa jogatina é de que haja limitações, ora pelo inflacionamento do jogo ou por adesão de novos jogadores, conforme exposto a seguir.

O tráfico matou, mas a polícia matou bem mais que o tráfico

Marcela descreve a interrupção do *jogo*:

Aí o irmão falou que 14 mil na contabilidade não estava sendo lucrativo. A gente começou a pensar, pera lá, pagar 7 mil pra [polícia] militar e 7 mil pra

⁴⁷ Hirata (2010.p.282) descreve no seu trabalho como “alvará de funcionamento” pago aos policiais civis.

[polícia] civil. A gente decidiu, a gente não vai pagar mais nada. Aí foi quando eles começaram a matar, porque não começamos a pagar a eles. [Marcela]

A interrupção do jogo por parte de um dos integrantes gera consequências para além da disputa:

Um carro na entrada lá na saída do bairro Tatiana e outro lá na rua Patrícia. Isso PM e [polícia] Civil de dia, e aí a noite eles faziam a baderna, invadiam e quem pegava matavam, agrediam, batiam, isso tanto fazia ser trabalhador ou bandido. Vou falar por mim, meu marido foi sempre de bater cartão [trabalhar]. Então ele chegava todos os dias dez e meia. Quando ele chegava antes eu pegava ele com revólver na cara, mão na parede. Logo na descidinha da escada. Eles batiam, agrediam e tal. Quando eu via, eu gritava é meu marido, aí eles soltava. Era coro mesmo. E os demais que não tinham parentes? Era apanhar e no outro dia aparecer morto. Aí fulano sumiu, depois de três dias achavam morto. Nem todos que morreram ali foi o tráfico. O tráfico matou, mas a polícia matou bem mais que o tráfico. Eles começaram a matar, começou a tomar droga. Essa aqui [drogas] nós vai levar e leva você na próxima [imitando a fala dos policiais civis]. Aí pegava alguém, o cara falava: ah, mas eu não tenho nada. A polícia falava: ah, mais eu tenho na minha bolsa que da pra deixar você um ano, dois anos. Muitos foram inocentes para cadeia. Muitos, tudo forjado. Forjava droga, forjava arma, principalmente os moleque. [Marcela]

Um embaralhamento, a *zoeira dos polícia* com todas as suas arbitrariedades descritas acima, objetiva trazer o jogador para o seu papel estabelecido:

Porque enquanto o tráfico estava dando suporte para polícia. A polícia estava sendo boazinha da história, mas quando o tráfico começou a negar dinheiro. Eles [policiais militares e policiais civil] falavam se não pagar nós vai matar, nós nem quer saber quem é. Quando pegou esse menino que matou, que os outros só foi coro, leva para delegacia, vai preso, mas quando ele começa a formar mesmo, fazer o que eles tão falando. Ah, nós vai matar e mata, é foda! [Marcela]

Espancar, torturar, prender e matar como estratégias de reestabelecer laços e continuar a jogatina. O custo de um ambiente de insegurança que atravessa a favela gera insatisfação de parte dos moradores para com o *tráfico*, que passa a ser visto como incapaz de manter a *paz*, sofrendo também as consequências do decréscimo em suas vendas. E, no extremo, a morte de um *menino*⁴⁸ usada como exemplo pedagógico de que ordenamentos devem ser obedecidos.

⁴⁸ Segundo a interlocutora, Pedro tinha 17 anos, um adolescente que morava na favela. Era magro, negro e trabalhava para o tráfico como *vapor*, *serviu como aviso*, dizia Marcela.

Já que eles cornou nós, vamos cornar eles

Desarranjos urbanos contemporâneos embaralham e apresentam tantas outras intersecções e interlocuções:

Isso foi questão de meia hora. O irmão falou ‘você tem que sair agora’ [sair da sua residência]. Mas irmão, minhas coisas. Sai daí agora [imitando a fala do irmão]. Foi onde eu saí. Uma hora depois eles invadiram [a casa]. A civil, porque foi a civil que me queria. Foi a [policia] militar que deu as idéia pro Comando que eles iam invadir. Já que eles cornô [atrapalhou, prejudicou] nós, vamos corná eles. Tira ela de lá [imitando a fala do policial militar em diálogo com o irmão]. Se eles me pegam o Comando dava. Uma vez me pegaram, logo no começo [em 2004], em outra cidade e o Comando teve que dar 22 mil. Ou você dá ou a gente leva. Acho que ainda não é o preço de gerência, porque dependendo, dependendo do irmão quando se pega é de 1 milhão pra lá. [Marcela]

Longe do binarismo legal *versus* ilegal, regras e estratégias são estabelecidas na capilaridade, porosidade e fluidez de movimentos que, a meu ver, só podem ser registradas em sua situação local e, para tanto, exigem uma análise situacional sobre a constituição desse *tráfico* e de sua capacidade em se adaptar e se transmutar em outros territórios. Mas, agora, nos anos 2000, deve se ater aos enunciados circundantes em torno de *paz entre os ladrões, paz nas quebradas*.

O tráfico na favela Janaína se desfez e se recompôs em outra região da cidade. Os enunciados continuaram circulando, reverberando, se transmutando. Essa cartografia do cotidiano de uma biqueira e suas intersecções com as *polícias* apontam para o grosso dos conflitos ao longo dos anos 2000 em Luzia, que se por um lado a contenda interna do *crime* conquistou um grau de sofisticação (com os *debates*) nunca vista antes; justeza e performances, por outro lado, a velha prática da *caixinha* sempre presente com seus valores cada vez mais inflacionados em um mercado altamente lucrativo e, não obstante, carregado de ruídos em suas interlocuções.

CAPÍTULO 3. *QUEM MATA TAMBÉM MORRE*

Lembranças sobre Maio de 2006, anotadas em 2013

Naquele 15 de maio de 2006, infelizmente, tive aula à noite. Voltei em um trem vazio, por volta das 23h. As notícias sobre os ataques do PCC circulavam pela TV, rádio, internet, padarias, pontos de ônibus. Alerta máximo na cidade. A maioria dos estudantes e trabalhadores foi dispensada de seus turnos, logo cedo voltaram para casa. Alguns insistiram em se arriscar. Desembarquei na estação com apenas cinco pessoas. A rodoviária à frente estava vazia e escura – não havia ônibus circulando na cidade, os boatos sobre incêndios de coletivos fizeram as empresas suspenderem os serviços. Dois rapazes logo adentraram em um carro que os esperava e rapidamente desapareceram. Nós, os demais, seguimos sem articular qualquer fala, mas estabelecemos um acordo de andarmos junto. A noite silenciosa – clima de medo, morte, eu conheço; dois dos rapazes, alguns metros à frente, rapidamente acessaram ruas à esquerda. Sobramos eu e um jovem que seguimos no mesmo ritmo, sem nos falarmos. Após uns vinte minutos de silêncio mórbido, o meu companheiro de caminhada some por uma rua à direita. Agora sou eu e a minha mochila. Caminhei apressado, sabia do risco. Culpei-me por ter ficado na aula – muito vacilo! Pensei que talvez a mochila me ajudasse a me classificar como estudante, mas sabia que nesses dias isso não ajudava muito. Alguns poucos quilômetros para chegar em casa, avistei um posto de gasolina aberto à direita, provavelmente o único comércio aberto naquela noite. Estava vigiado por policiais civis. Quando me aproximei, um senhor saiu do fundo do posto e acompanhou atentamente a minha caminhada. Não precisou mostrar distintivo, eu sabia que era polícia. Passei rapidamente e, logo em seguida, no início de uma subida, avistei um rapaz descendo na mesma calçada. Passei por ele e nos olhamos, mas nada falamos; nem um gesto, somente olhares desconfiados. Olho para trás, ele entra em uma rua em direção a uma favela perto de casa. Mais alguns minutos de caminhada e vi um comboio vindo em minha direção. Era uma viatura da Guarda Municipal e mais duas viaturas da Polícia Militar. Passaram por mim vagarosamente, forrados de armas e de homens com *sangue nos olhos*. Parece-me uma eternidade. Olhei para eles no intuito de não demonstrar medo. Eles me mediram e passaram. Senti um alívio indescritível, como se meu coração voltasse a bater. Olhei para trás e notei o comboio conversando com o “segurança” do posto. Velozmente as viaturas cantaram pneu e partiram em direção ao rapaz com quem eu havia cruzado. Escuto quatro disparos, eu conheço bem o barulho de arma fogo; mais alguns poucos quilômetros e enfim chego em casa. Joguei

minha mochila no chão, tomei um banho, jantei e dormi. Nunca soube se aquele rapaz que passou por mim morreu e o que aconteceu na hora em que as viaturas dobraram a esquina⁴⁹.

O capítulo a seguir trata dos modos de regulação da violência letal em Luzia no ano de 2006. Explicitam-se nesses eventos e nesse território como os modos de administração da força de morte remontam a um dispositivo composto por políticas estatais e políticas de quebrada em choque nesse momento. As linhas de ação central para compreender os fragmentos narrativos apresentados abaixo serão: 1) ações cotidianas de pequenos e médios comerciantes dos comércios ilegais de droga e autopeças da cidade de Luzia e a interlocução *prisão e rua*; 2) ações-reações da Polícia Civil, Militar e da Guarda Civil em Luzia, vistas sempre a partir da ótica dos meus interlocutores. Em ambos os casos, a proposta é tecer, pelos fragmentos narrativos, uma perspectiva analiticamente rentável, para os propósitos centrais dessa dissertação, acerca da dinâmica dos conflitos que, em plano local, contextualizam a tensão e os homicídios de maio de 2006. É nessa tensão que se elabora, a partir da minha perspectiva, uma forma de compreensão das mortes em Luzia que, ao contrário de correlacionar variáveis estatísticas arbitrariamente, busca induzir dos processos sociais às linhas de sentido que permitem oferecer inteligibilidade ao social.

Se até aqui víamos essas forças, ações-reações e atores latentes em eventos cotidianos, regulando a possibilidade de matar e morrer nos territórios estudados, mas, sobretudo, quem deve morrer, em 2006 vemos sua explicitação numa situação de conflito sem precedentes na história urbana nacional. Se durante todo o texto analisamos as relações entre atores diversos, seja em situações e eventos críticos, seja nas rotinas aparentemente tranquilas do bairro, essas relações ficam visíveis nesses momentos.

Hoje outras “verdades” insurgem sobre às *daqueles dias*, outros pontos de vista, *números* cada vez mais relevantes no debate político e histórias que, em grande medida, foram provocadas pelos gritos roucos de familiares, de centros de direitos humanos, do Observatório das Violências Policiais, de trabalhos acadêmicos, mas de modo mais durável na constituição de um coletivo de *mães*⁵⁰ que rasgam as narrativas *oficiais*⁵¹ e, em seus dizeres, exigem

⁴⁹“Na noite de segunda-feira, 15 de maio, apesar do comandante geral da PM coronel Elizeu Éclair ter se pronunciado publicamente dizendo que estava “tudo sobre controle”, a terceira maior cidade do mundo ficou deserta e teve, com certeza, o maior índice de mortes por arma de fogo em uma só noite na história do Brasil” Crimes de maio . Sob a égide de um Estado repressor, dezenas de jovens foram executados na noite de 15 de maio de 2006. Naquela data, deram entrada nos IML’s do Estado 117 corpos”.

⁵⁰ Cabe destacar que não foi objeto do meu trabalho discorrer a respeito da luta das mães de jovens assassinados. Destaco no meu registro de campo que essas mulheres sempre estiveram “à frente” dessa luta, um exercício de protagonismo e coragem que me comovia. Lembro-me de uma mãe que teve seu filho assassinado em uma briga por um agente penitenciário. Essa senhora comentou comigo que desde então carrega consigo uma máquina

humanidade aos seus filhos mortos, *lutando por justiça*. Nessa época, entretanto, as narrativas foram bem mais homogêneas, quase sempre solicitando reforço na repressão policial ao que parecia ser a ameaça do *inimigo público número 1*. A grande mídia *acompanhou* os fatos com muita agilidade, com seu olhar e sua narrativa. A “Folha Online” bateu recorde de acessos, com 400 mil páginas visitadas por hora, quando o pico normal era de 120 mil acessos. O provedor “Terra” teve um acréscimo de 30% nos acessos⁵². O horário nobre da TV começou mais cedo. Das 17h às 19h, a média de televisores ligados bateu os 72%, percentual só atingido na segunda-feira anterior no horário entre 19h e 21h, e durante o “Jornal Nacional”; o total de televisores ligados atingiu 84%, número menor só se comparado aos dos jogos da seleção brasileira de futebol em copa do mundo (Folha de São Paulo. *Pânico em São Paulo supera 11 de setembro no Ibope*. p.E6. 17.05.2006).

O impacto *daqueles dias* reverberou de um modo singular na disputa eleitoral. O presidente que pleiteava à reeleição se posicionou:

O presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT) disse que a ofensiva promovida pelo crime organizado no Estado de São Paulo representou uma provocação e uma demonstração de força dos bandidos. Ele voltou a oferecer tropas federais para ajudar o governo paulista, mas o auxílio voltou a ser recusado pelo governador de São Paulo, Cláudio Lembo”. (Estado de São Paulo. Lembo recusa tropas federais. *Cidades*. p.C11 16.05.2006).

O governador licenciado Geraldo Alckmin, que pleiteava o cargo de presidente da república, acusava o Governo Federal de efetuar cortes no âmbito da segurança pública, e assim, num ciclo de acusações, prosseguiu a campanha eleitoral. Quem teria mais pulso e competência para combater o “crime organizado” e o “PCC”?

fotográfica para registrar os “abusos policiais”. Segundo ela, para evitar que outras mães passem pelo que ela passou. Um estudo que capta com um olhar crítico e sensível essa “luta” das mães no Rio de Janeiro é o trabalho de Vianna e Farias (2011).

⁵¹ Referente a esse período, diversas autoridades e intelectuais emitiam suas opiniões. Por exemplo, o economista e ex-presidente do BNDES, Carlos Lessa, quando perguntado a respeito da ação policial naqueles dias, afirmou: “Não leve a mal, mas quando o Estado está sob risco, é o único jeito. As pessoas estão em pânico. Nenhuma sociedade pode suportar esse processo de desmantelamento das instituições públicas”. (Folha de São Paulo. *Questão de Ordem*. Caderno Mais. P.5. 21.05.2006).

⁵²(Folha de São Paulo. *Com medo, SP bate recorde de telefonemas*. Cotidiano. p.C10. 17.05.2006)

CREMESP e “Análise dos impactos dos ataques do PCC em São Paulo em Maio de 2006”

Subsequentes aos acontecimentos, alguns estudos se dispõem a construir informações do período. Uma delas é a “Comissão Especial da Crise da Segurança Pública no Estado de São Paulo”, composta por uma gama de instituições: Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos do Estado de São Paulo (Condepe), Defensoria Pública do Estado de São Paulo, Ouvidoria de Polícia do Estado de São Paulo, entidades da “sociedade civil” de defesa dos direitos humanos, Ministério Público Federal e o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP)⁵³.

Esse estudo se debruçou em perícias médicas relacionadas às vítimas de homicídios de 23 IMLs do Estado de São Paulo no período de zero hora do dia 12/05/2006 até 13h30 do dia 20/05/2006, somando um montante de 493 “laudos de necropsia” com mortes decorrentes de ferimentos por arma de fogo. O levantamento observa a existência de regularidades e uma maior incidência de “óbitos” em dias e horários – por exemplo, no dia 15 de maio foram 117 “óbitos”. Registra-se nesse levantamento a informação de que os mortos são majoritariamente do sexo masculino - 475 casos, contra 18 mulheres. São predominantemente “jovens”, 219 com idades entre 21 a 31 anos, e 82 casos com idades de 32 a 41 anos. Foram constatadas 2.359 lesões a tiros, com uma média de disparos que levaram à morte de 5,8 por “óbito” no dia 15 de maio, com ferimentos “principalmente” no tórax, com 719 disparos, 30,48%, seguido pelos ferimentos na cabeça e pescoço, 649 disparos, 27,51%, e nos membros superiores, 391 disparos, 16,57% (CALLEGARI, 2006, p. 35). Nesse emaranhado de características dos “óbitos” de “maio”, por fim, observa-se que as vítimas apresentavam “marcas” de disparos que atingiram regiões vitais e em grande parte com baixa dispersão, ou seja, com “pouca distância”, além de um “grande número de disparos de cima para baixo” (FIGUEIREDO, 2006, p. 89).

Anos depois, em 2008, outro estudo publicado cruza os “laudos cadavéricos” com os “boletins de ocorrência” no período do dia 12 até 21 de maio de 2006, contabilizando 564 mortos e 110 feridos. A pesquisa aponta um “pico” de 118 mortes no dia 14 de maio de 2006, e na análise dos boletins de ocorrência observa-se que dos 401 “episódios” contabilizam-se

⁵³ Por outro lado, cabe destacar que promotores de justiça do Foro Central da Comarca da Capital do Ministério Público Estadual de São Paulo dias depois da semana de maio de 2006 manifestaram, por meio de um ofício, a solidariedade às famílias dos policiais civis, militares e outros agentes públicos, “bem como para reconhecer a eficiência da resposta da Polícia Militar”. (in) São Paulo sob ataque: corrupção, crime organizado e violência institucional em maio de 2006. 2011.

564 óbitos por arma de fogo. Nesse panorama das mortes destaca-se o registro da participação de “agentes públicos”, 85% estavam em serviço e 15% de folga. Mortes de “agentes públicos”, sobretudo nos dias 12 e 13, já os “civis” falecem fundamentalmente nos dias 14 a 17, e com a seguinte afirmação: “os dias de maior desequilíbrio entre civis e agentes públicos coincide também com os dias de maior letalidade” (CANO, Ignácio; ALVADIA, Alberto, 2008, p.11).

Por fim, o estudo enfatiza que as mortes de civis aconteceram não no período de ataques a policiais, mas no período de revide, “represália”⁵⁴. Portanto, esses são alguns tracejados, linhas, desenhos que compõem e dizem respeito a um contexto amplo que marcou o Estado de São Paulo. Agora, adentremos o cotidiano de Luzia *naqueles dias* para reverberar outras vozes, outros rascunhos com seus protagonistas e suas lutas por vida e morte.

Composições em disputa: o braço direito

Camila, com sua sagacidade e protagonismo na venda varejista de drogas ilícitas, teve um *olhar* sobre a *época da matança*. Uma mulher que chegou ainda *criança* em Luzia, em 1988 e de lá não saiu. Família vinda de São Paulo, capital, composta por pai, mãe e dois irmãos, *fugindo do aluguel* para a *casa própria*. Hoje está há quatro anos casada e é mãe de dois filhos. Comentava que teve uma infância *maravilhosa* e que o terreno de sua casa parecia um *sítio* em uma *época que era só cercar e plantar*. Entretanto, o bairro sofreu rápidas transformações inseridas em um macrocontexto de forte migração e de rearranjos urbanos na década de 1980 e 1990.

O transcorrer da descrição de sua história de vida, que durou dias, às custas de muita conversa, muita digressão em torno de amigos em comum e um universo simbólico comum (escola, bairro, amigos). Camila comenta ter passado por uma das *piores fases* de sua vida em 2005, mesmo que depois tenha afirmado: *eu posso falar, eu vivi a vida* [...] Foi nessa *fase da vida* que Marcela descreve que *sua melhor amiga*, Paula, iniciou um namoro com Raul, um *irmão* preso por *tráfico de drogas*, *cumprindo* em uma penitenciária do interior de São Paulo.

Paula, 19 anos, conheceu Raul, com 25 anos, em uma dessas *pontes* que fazia na *cadeia* [levar droga para dentro da prisão]. Logo começaram a namorar *sério*. O namoro se

⁵⁴Por fim, um último estudo que apresenta um panorama dos acontecimentos pode ser mensurado no trabalho de um órgão internacional que partiu para a discussão com entidades oficiais e outras fontes. Apresentando os acontecimentos que ocorreram em decorrência dos “líderes do PCC” acionarem uma revanche contra a extorsão que sofriam (Justiça Global Brasil, 2011, p. 26) desde o ano de 2005, e não se sustenta uma argumentação que aponte “PCC versus polícia”.

concretizou em um momento de pleno curso da política paulista de “encarceramento em massa”, em que o Estado de São Paulo aglutinava pouco mais de 120 mil presos⁵⁵. Sobre o relacionamento de Raul e Paula, Marcela me diz que:

Ele saía pra rua, voltava outra vez. Depois pegou uma saidinha e não voltou. E depois ficou de vez. Ela ficou em porta de cadeia durante quase 4 anos”.
[Camila]

Ficar em *porta de cadeia* se apresenta como uma experiência rotineira para centenas de familiares de presos, predominantemente de famílias advindas das periferias de São Paulo. A cidade de Luzia também é fonte crescente, sobretudo nos anos 2000, *dessa gente* que peregrina aos finais de semana ou *quando o dinheiro dá*. Esse passeio seletivo, marcado por fortes traços territoriais, sociais e raciais, produz em expansão uma verdadeiramente política aos pauperizados nunca antes registrada no país. Camila fala de um *amor* de Paula que supera os custos com alimentos, produtos de higiene pessoal, passagem, hospedagem e os custos morais gerados pela humilhação no processo *da revista*. Observa-se que essa experiência produz um verdadeiro aprendizado, compartilhado por outros parentes e amigos advindos da mesma camada social, racial e territorial.

Você pode chegar com a cabeça erguida

Morador do mesmo bairro de Camila e tendo muito a *contar* desse período, Mineiro⁵⁶ mostra um olhar sobre esses acontecimentos. O interlocutor, imigrante de Minas Gerais, tem voz calma, pausada. Vindo no final da década de 1970 para São Paulo em *busca de trabalho*, na adolescência trabalhou como ajudante geral e pedreiro, residindo de aluguel em bairros como Vila Piauí e Pirituba, na cidade de São Paulo. No início dos anos 1990 foi morar na casa de sua tia na cidade de Luzia, pois *queria mais independência*. Voltou a trabalhar como ajudante em inúmeras construções que compunham o cenário da cidade em crescimento. No início dos anos 2000, por intermédio de um colega, conseguiu um *trabalho diferente*, no desmanche de automóveis⁵⁷ na cidade vizinha.

⁵⁵Informações disponíveis em: <www.portal.mj.gov.br> . Acesso dia 25/11/2013.

⁵⁶ Apelido sugerido pelo próprio interlocutor.

⁵⁷Um comércio robusto com relativa aceitação, *muita gente comprava comigo*, dizia Mineiro e com poucos estudos sobre esse tipo de comércio em São Paulo, um trabalho que tangenciou em poucas páginas o assunto foi a pesquisa de Guaracy Mingardi (1998), pautada em documentos de uma CPI. O autor apresenta a estrutura de “uma quadrilha de ladrões de carros” com setores de “produção”, “comercialização” e “cobertura” que compõe o que se chama de “crime organizado”. Entretanto, compartilho do raciocínio de Misse (2007) quando o autor

Ele via esse trabalho como uma possibilidade nítida de sair dos *perrengues* [dificuldades] impostos pelos *bicos* [trabalhos esporádicos], que não possibilitavam *juntar um dinheirinho*. *Responsável*, rapidamente *pegou a manha do barato* e depois de um ano e seis meses de *serviço* já tinha um panorama geral da dinâmica do desmanche [fornecedores, clientes, administração, etc] que o gabaritava a abrir seu próprio negócio.

São anos de acentuada mutação da figura do trabalhador urbano – a tão citada “reestruturação produtiva”, que trouxe desemprego estrutural e instabilidade nas trajetórias laborais - ficou difícil a possibilidade de um emprego para vida inteira, e Mineiro se consolidava como trabalhador em uma “zona cinzenta”, situada entre os mercados legais e ilegais, mais um desses personagens urbanos que descrevem Telles e Hirata (2007, p.173), que transitam por empregos mal remunerados, precários, terceirizados, flexíveis, empregos temporários; informalidade e atividades ilícitas crescem fortemente, compondo o cenário social vigente e em expansão.

O interlocutor alugou um terreno ocioso próximo à rua onde sua sogra morava e iniciou as atividades⁵⁸. Abriu firma, *tudo certinho*, mas mesmo assim tinha que *molhar a mão do delegado todo o mês*, pagando para o chefe de investigação que *ficava à frente* do recolhimento da *taxa*.

Molhar a mão, essa intersecção com *os polícia*, garante a esse mercado uma espécie de *vista grossa*, aquilo que não deixa ser visto, mas que passa a receber um certo “olhar seletivo”, proporcionando a permissão de funcionamento por meio da Polícia Civil da cidade e a informação de antecipação de operações maiores, não regulares, que compunham as intervenções centralizadas na DIVECAR⁵⁹ (Divisão de Investigação sobre Furtos e Roubos de Veículos e Cargas), departamento também da Polícia Civil. Sobre a Polícia Militar, o interlocutor argumenta que eles sabem que a Polícia Civil já *toma conta* do ramo e, portanto, basta somente não *ficar dando pala*⁶⁰.

Mineiro descreve que sua *vida seguia normalmente*, realizou um *sonho*, comprou uma casa, carro e já tinha *juntado os panos* [morar junto], pois sua companheira estava grávida, e

aciona a palavra “crime organizado”, “mais esconde do que revela as pequenas nuances e as grandes diferenças da diversidade de atores, redes e práticas que caem sob acusação social” (MISSE, 2007, p. 140).

⁵⁸Telles e Hirata (2007) narram histórias de vida pautadas por uma “ampla zona cinzenta” em que coexistem o trabalho precário, o emprego temporário e os expedientes de atividades ilegais como formas de “sobrevivência” em tempos de “reestruturação produtiva e da chamada flexibilização das relações de trabalho” (TELLES; Hirata, 2007, 174).

⁵⁹ Departamento criado em 18 de fevereiro de 1986, Decreto 24764/86.

⁶⁰Quando questionei o que seria *dar pala* nessa circunstância, Mineiro informa que era não expor sua mercadoria roubada nas prateleiras e não cortar carro durante o dia. *A gente sempre cortava no final da madrugada, inicio da manhã*.

conta que depois de seis meses de *funcionamento*, recebeu uma proposta de seu amigo que era *irmão* [membro do PCC], em um *esquema* que consistia em fazer *um piloto* [nessa situação tem o sentido de dirigir um automóvel], *jogo rápido*, que não passaria de alguns minutos, daria uma *merreca*, e, sobretudo, era uma *correria pela amizade*. Mineiro conta que aceitou o serviço e no dia combinado, no final da tarde, fechou o desmanche e seguiu em direção à cidade ao lado. Estacionou em frente ao mercado *Barateiro* conforme orientação do amigo, que logo desceu do carro e desapareceu por entre ruas do centro da cidade. Passaram-se alguns minutos e Mineiro descreve que foi surpreendido aos gritos por policiais civis, *a casa caiu!*

Narra que foi levado para o *DAS* (Divisão Anti Sequestro)⁶¹ e acusado de *sequestro* junto com seu amigo. Ouviu seu amigo sendo *espancado* e depois foi também submetido a uma sessão de espancamento que acredita que *durou uma noite, mais ou menos das oito [da noite] até umas cinco*, sessão que teve o intuito de o *extorquir* e fazê-lo delatar mais pessoas⁶².

Sentado. Algema pra trás e chute e soco em vários lugares do corpo. Eles falando “vamo te quebrar todo!”. Chute nas pernas, na barriga, porrada na cabeça, fica até meio inconsciente. Aí quatro policial revezando e revezando a gente. Acho que cada sessão uma hora e pouco, quarenta minuto. Uma hora fiquei meio grogue, então fiquei meio inconsciente. Aí no outro dia minha senhora [esposa], sem notícia, pensou o pior, procurou nas delegacias, porque eu não liguei pra ela. Aí ela procurou um advogado e o advogado veio me procurar, eles falaram que eu não tava lá. Aí eles ficaram me segurando, tipo me sequestrando. Aí vieram a reportagem pra me filmar, pra passar na televisão [essa reportagem se refere à transmissão de um programa de tarde. [Mineiro]

Por fim, nada lhe *arrancaram* e foi então que *assinou* um *157* e *159* e ficou um *tempo guardado* no final de 2005, um período de consolidação de processos em intersecção em São Paulo em torno dos enunciados do Primeiro Comando da Capital nas cadeias paulistas (BIONDI, 2010); (MARQUES, 2009); (DIAS, 2011) e nas “quebradas” de São Paulo (HIRATA, 2010); (FELTRAN, 2012) e de Luzia como argumento no segundo capítulo.

⁶¹ Uma perspectiva a respeito do trabalho do DAS (Divisão Antissequestro). Documentário “Sequestro” de Jorge W. Atalla: <<http://www.youtube.com/watch?v=F90FQtiac54>>. Acesso em: 31 Set. 2014.

⁶² Observa-se que na década de 1980 Kant de Lima estudava os “métodos inquisitórios” dos policiais civis, e sua “ética” própria com um modo de “fazer justiça”, apreendido por meio de uma de “transmissão de conhecimento”. Lima (1989, p. 80).

O conceito dentro e fora

O interlocutor destaca que sua primeira entrada no sistema carcerário se configura entre os que tem proceder ⁶³, dignos de viver no *convívio*, garantida por um processo de reconstituição ampla de sua *caminhada* na rua, explicitando um campo de interlocução, conforme explicou:

Quando você não tem problema na rua, não é Jack [estuprador] e não tem problema com ladrão, você pode chegar com a cabeça erguida, entendeu? Você poder chegar sossegado. [Mineiro]

Chegar sossegado em tempos de PCC nos presídios paulistas se constitui por uma gama de procedimentos e enunciados na qual, mesmo *caindo* pela primeira vez, o interlocutor já conhecia em decorrência da circularidade que todo esse processo conquistou ao longo dos anos 2000 e, sobretudo, em virtude da sua *profissão*, que exigia o contato com *muito ladrão*. Um saber *de cadeia* com certo grau de conhecimento da *rua* ⁶⁴, conforme explica:

Uma base. Que nem eu fui preso, eu tinha um desmanche na rua, chegou lá, tinha um pessoal que já me conhecia lá dentro. [Mineiro]

Seu *conceito fora e lá dentro*, construído ao longo do tempo, e sempre objeto de apreciação dos demais, e sua personalidade *calma e de trocar ideia*, segundo ele mesmo explicou, um *cara cabeça* o habilitou a exercer a posição de *faxina* ⁶⁵ na cadeia, descrito da seguinte maneira:

Faxina na cadeia é a palavra da cadeia. Eu já conversava com a população, entendeu? Tipo o pessoal primário que está chegando. Não pode agredir

⁶³Marques (2009) observa atualmente que “proceder” pode ser compreendido como um substantivo, utilizado para expressar um conjunto de orientações que norteiam o cotidiano de encarcerados. E o proceder pode, do mesmo modo, ser um adjetivo, um atributo daquele que têm sua experiência considerada em consonância ao proceder (substantivo). Para mais esclarecimentos sobre o “proceder” no sistema carcerário paulista, sugiro como referências os trabalhos de Marques (2009) e Biondi (2010).

⁶⁴ No filme *Profissão MC*, de Alessandro Buzo e Toni Nogueira, destaco uma cena na qual *o primário chega na cadeia e*, antes de cumprimentar os demais presos, Criolo, protagonizado pelo próprio Rap Criolo, dirige-se ao *boi* [banheiro] lava as mãos e então vai cumprimentar a *família* [nessa situação refere-se aos moradores da cela], “...opa da licença de chegar aí” então é questionado: “e aí, sangue bom, já tirou uns dia mano?” [algo como já ficou preso]. O primário responde que não. Um estranhamento se instaura e mais uma vez é indagado “... essa picadilha e pá, mano, de você entrar, lavar as mãos, fazer uma higiene pra cumprimentar a rapaziada. Essa picadinha é que você já tirou uns dia”. Então Criolo responde: “a caminhada é o seguinte. Eu aprendi esse ritmo da rua, dos mais velhos, entendeu? Caso eu caísse um dia. Então, eu já fiz o procedimento, entendeu?” . Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=vuRHmVsSJ_A>. Acesso em : 30 Set. 2014.

⁶⁵Faxina é o posto estratégico no sistema carcerário paulista, que tem a função de garantir a limpeza, a entrega de remédios, a entrega de alimentação, e também é responsável por passar a *disciplina* para a população encarcerada.

ninguém lá dentro, xingar, mandar tomar no cú. Isso não pode. No dia a dia, eu tinha que conversar com a população. No dia a dia tem que ter respeito! [Mineiro]

O *conceito*, algo que deve ser constantemente trabalhado, não estático, mas em movimento, diariamente avaliado pelo coletivo de presos, *não é fácil*, enfatiza Mineiro. São anos em que a força dos enunciados *humildade, união, paz* conquistaram proporções em territórios distintos [*rua e cadeia*]. É época em que muitos jovens começam adentrar às prisões paulistas.

O gritão

Camila argumenta que Raul, mesmo encarcerado, *acompanhava de perto* sua esposa e suas *biqueiras* por ligações diárias em um meio de comunicação importante e central para o atual contexto das prisões. Sabe-se com regularidade o que acontece em estabelecimentos prisionais em localidades longínquas e tem-se o contato com as notícias do *mundão* [nessa situação uma referência ao mundo fora da prisão]. Esse objeto tecnológico estreita territórios em patamares nunca antes presenciados, e Samuel, *das antigas* [aqui uma referência a presos que cumpriram condenações longas], *passou muito sofrimento guardado*, e lembra:

Tava em Bauru e vi pela primeira vez. Vou te falar, foi uma mão na roda pra quem tá dentro da cadeia. Você deitado e conversando com os outros na rua. O cara deitado na cama e conversando com a família. Porra, né. [Samuel]

Instrumento tecnológico que quebra isolamento, aproxima territórios, portanto coloca as relações prisionais e de *rua* em um outro grau de análise na atualidade paulista. Expõe uma deterioração dos muros, não no plano físico da *muralha*, sólida, mas a capacidade de interlocução, em um diálogo permanente e constitutivo dos dois espaços e de vital importância nos acontecimentos de maio de 2006. Uma circularidade de informações (CUNHA, 2002); (GODOI, 2009); (MALLART, 2014).

E só chegar. Têm algum irmão. Sou irmão. Sou irmão Dinho qual o problema? Oh, irmão, o problema é assim, assim, assim. Sou de tal local, não tenho visita, não tenho um sabonete, um prestobarba. Aí, moleque, daqui uma hora você retorna aí que nós vai ver essa fita aí. Daqui duas horas. Tá aí o sabonete, a pasta, um chinelo, calça e camiseta. Depois se você quiser falar no radinho, a gente deixa você dar um gritão. Tem um número? Tenho. Chega mais tarde pra você dá um gritão. Que hora, irmão? Vem aí umas xxx horas da tarde. [Samuel]

Maximização da lucratividade

De outro *lado da muralha*, mais precisamente em Luzia, a interlocutora Camila conta que o namoro de Paula e Raul rapidamente derivou para *casamento*. A confiança na companheira permitiu que começasse a *cuidar 100% dos negócios*, e Camila narra que não *abandonou* a amiga de infância, pelo contrário, tornou-se *braço direito* de Paula na administração das *biqueiras* de Raul [encarcerado]. Descreve que o *dia a dia* exigia muita *responsabilidade*, pois somavam três *biqueiras*: na Vila Carlos, na Rua dos Meninos e na Vila João, está de *maior movimento*:

Fazíamos as cápsulas, distribuíamos e ela cuidava da parte financeira dele [Raul]. A gente ia nos lugares, levava droga, pegava dinheiro. Fazia tudo, ia no gerente pegar dinheiro, cobrava... A gente ia em São Paulo pegar mercadoria, andava em um monte de lugar, mais xxx pra pegar. Ele estava preso e ela responsável por tudo. [Camila]

O grau de racionalização do comércio de venda de drogas ilícitas:

Ele [Raul] não vendia crack. Ele não vendia porque tinha um cara que alugava o espaço dele pra vender a pedra. O cara pagava pra ele poder usar o ponto pra vender a pedra". [Camila]

Essa maximização do *ponto*, também passa maximização da venda, em uma equação perigosa do lucro sem perda de clientes:

Colocava muito pó Royal [Fermento Químico] e sal amargo [sulfato de Magnésio]. Colocava um copo e meio de farinha [cocaína], mais uns dois de pó Royal e um tubinho de sal amargo. Que eu acho que dava umas vinte gramas. Tirava o cheiro e a sensação do pó Royal. E depois batia tudo no liquidificador e colocava numa bacia. Aí a gente pegava as cápsulas, colocava com a colherzinha, batia e fechava. [Camila]

Barbosa (1998) apresenta que o comércio exige que a “mistura” aconteça em uma tênue equação, “lucra o máximo sem perder o freguês” que inclui, da sua experiência etnográfica, uma gama de possibilidades:

Uns dizem 'remédio', outros mencionam anfetaminas ou ácido bórico; alguém lembra de bicarbonato de sódio e a lista prossegue: farinha de trigo, fermento, talco, pó de gesso, 'maizena', sal de frutas, pó de mármore... Um assinala o cheiro de perfume da última que consumiu; o segundo, que já morou no Acre, intervém: 'Nada, é padu...' – referindo-se à coca silvestre que nasce no Brasil. 'Tudo o que for branco se mistura.' Mas nem sempre [...] (BARBOSA, 1998, p. 27)

Os anos de 2006 indicam que as políticas estatais apresentavam um redesenho, um possível rearranjo, com uma guinada repressiva. Marcela descreve que *já sentia um aperto* e argumenta: *parecia que já existia uma coisa meio planejada com mais policiais na madrugada*, e desse momento afirma que Paula desconfiava que seu telefone estivesse grampeado, e crava: *algo ia acontecer!* Elas receberam notícias que biqueiras na cidade estavam sendo *estouradas*, e uma nova linha refaz, mostrando um dinamismo e capacidade de se reconfigurar do *tráfico*. Paula alugou uma casa em *outra quebrada*, fora da cidade e não mais realizava a distribuição com a Camila, serviço transferido para Débora, pessoa de *total confiança* que já fazia o *transporte* do atacado para o varejo, e, como última medida, as drogas passaram a ser adquiridas já *trabalhadas* [embaladas e prontas para venda], sem risco de serem surpreendidas na *preparação*.

Clima estava pesado. Por coincidência às vezes a gente ia ali buscar um dinheiro e tinha um pouco de droga na bolsa e sempre tinha uma viatura passando. Tá entendendo? A gente começou a perceber que os caras [policiais] estavam seguindo os passos de todo mundo. [Camila]

E em maio de 2006 algo estava preste a acontecer, conforme anunciou Camila:

Antes dos dias das mães, na quinta feira, ela [Paula] me falou: Oh, eu vou visitar ele [Raul]. Pega o Alex [filho da Camila] na creche leva ele pra casa e não sai de lá!” [Camila]

Jegue, como a gente chama...

Em outra posição social, mas da mesma cidade, Fábio descreve também os acontecimentos. O interlocutor, *Negro*, 27 anos, ensino médio completo, nasceu e *cresceu* em Luzia, de família composta por dois irmãos, irmã, mãe e pai. Começou a trabalhar aos 17 anos como office-boy e posteriormente como auxiliar de escritório, até que viu que *não levava jeito praquilo*. Conseguiu *escapar* desse ramo com um emprego de vigilante e, no decorrer do trabalho, prestou concurso para Guarda Civil Municipal de Luzia, em um momento que *nem sabia o que era direito*, pois o que buscava prioritariamente era *estabilidade de emprego*.

Em 2003 iniciou as atividades como *guarda* e, no cotidiano do ofício, foi *aprendendo a gostar* e, atualmente, além de ter uma jornada de trabalho na Guarda Civil, complementa a sua renda com *bicos* [trabalho esporádico sem qualquer vínculo empregatício], uma vez que *só o salário não dá!* Apesar de sua dupla jornada exigir que ele ande armado, se mantém

atento, mais precisamente em *QAP total* [alerta total], e não enxerga a sua rotina de trabalho como estafante, acredita saber lidar com a imprevisibilidade do seu trabalho ⁶⁶.

Contudo, descreve um acontecimento que marcou a sua vida e a da Guarda Civil Municipal de Luzia:

Ocorreu na sexta-feira [12 de maio de 2006], tinha acabado de sair do serviço, umas nove horas. Recebi uma informação de um amigo que é polícia [militar]. Falou sobre a morte de um policial [militar] em [cidade próxima de Luzia] que, aliás, eu conhecia. Logo em seguida liguei para base e o rádio-operador informou que zeraram [mataram] dois parceiros nosso, nisso peguei a arma e fui para lá com meu amigo polícia. [Fábio]

Fábio lamenta a perda dos *amigos* de trabalho:

Um era antigo de serviço, mas o cara era gente boa. A vida do cara era trabalhar. Saía da guarda ia pro bico, descansava doze horas, guarda de novo e bico. Tinha dois ou três filhos. O outro eu conhecia mais, se formou comigo. Era casado, dois anos de casado. Logo quando entrou na guarda ele se casou. Não tinha filho. Trabalhava pra caramba também. Fazia bico e guarda, bico e guarda... [Fábio]

O interlocutor narra que dois de seus *amigos de trabalho* foram assassinados em um *posto* localizado em uma praça do bairro Margarida, e mesmo anos depois o interlocutor comenta sobre o assunto em uma fala firme, mas pausada:

Mesmo sabendo que estavam mortos, a gente socorreu para não deixar lá, caído no chão. Jegue como a gente chama. Zoado deixar os caras lá no chão, cheio de sangue. [Fábio]

Na argumentação do interlocutor, mesmo sabendo que os GCMs estavam mortos, era digno não deixar expostos, *zoado*. Um corpo levado para o hospital municipal de Luzia outro para a cidade vizinha, embaralhando as estatísticas de homicídios⁶⁷. Conclusão do interlocutor no transcorrer da madrugada: *aí que a gente começou a dar conta que era uma onda de ataque*.

⁶⁶ Em uma prisão efetuada por Fábio e seu companheiro de trabalho, os dois foram interpelados pelo preso: “[...] a pena é longa, mas não é perpétua. Uma hora eu saio!”. Fábio logo retrucou: “a cara é vim atrás. A cara nossa é quebrar”.

⁶⁷ A Secretária de Segurança Pública de São Paulo tem como fonte os boletins de ocorrência de homicídios e o Ministério da Saúde, outra fonte de dados, elabora seu material a partir dos Laudos de Necropsia emitidos pelo hospital que recebe ou no qual venha morrer a pessoa. Esse “caso” analisado pelo ponto de vista do CREMESP que colheu laudos cadavéricos dos IMLs de São Paulo, registra um homicídio em Luzia e outro na cidade vizinha.

Atritos no Sistema

No sábado, 13 de maio de 2006, Camila narra que foi informada por outros *irmãos* que a cadeia onde Raul estava com Paula no dia de visitas *virou* [instalou-se uma rebelião]:

As famílias estavam lá dentro, e aí o choque entrou até certa parte da cadeia. Aí bala de borracha, cachorro, um monte de coisa, tanto que minha amiga [Paula] levou duas balas de borracha nas pernas. Dois funcionários chegaram a morrer na facada e tudo isso aí também aconteceu em outras cadeias. [Camila]

Já Mineiro descreve que os dias *passam lentamente* na *cadeia* e as *ideias* circulam. Entendeu que já estava acontecendo muitos *atritos do sistema* [carcerário] naqueles dias, e quando ele completou em maio de 2006 *mais ou menos nove meses pagando cadeia*, foi *informado* de que ia *virar* ⁶⁸, e naquele dia 12 de maio uma rebelião se instaurou no Centro de Detenção Provisória em uma cidade da Região Metropolitana de São Paulo. Entretanto, sua maior preocupação era com seus familiares na rua, conforme expõe:

Eu acho que tava mais violento aqui fora do que lá dentro. Porque lá dentro, quem tá na faxina, no setor, tá na frente de tudo. Os acontecimentos, tudo tem que passar por nós. [Mineiro]

O interlocutor, de forma enfática, relembra que a condição de controle dentro do *sistema* era a melhor do que a de *fora*, já que o protagonismo dos seus pares conferia uma segurança que *fora* não era possível haver. E discorre a respeito de uma política de guerra:

O pessoal que tava preso já vinha mordido. Porque lá no fundão [interior de São Paulo] o polícia tava colocando vidro na comida dos presos e morrendo gente lá no fundão. Dessa aí vai se tornando esse atrito. Tinha que acontecer sim! Porque uma base que nem tinha irmão, que era mandado de bonde, eles catavam o irmão colocavam lá em cima, davam um coro e mandava pra outra cadeia, daí chegava e tomava outro coro e ia pro castigo. Então isso só vai virando uma turbulência, entendeu? [Mineiro]

Portanto, na voz do interlocutor a *verdade* é que a *guerra* somente foi produzida quando ocorreu um desarranjo no sistema prisional que ressoou nas *ruas* de Luzia, expondo a relevância do sistema carcerário paulista nessas imbricações contemporâneas:

Tudo vai retinho, vai reto. Agora se entortar de um lado [prisão], do outro

⁶⁸ Descrições desse processo por pessoas que vivenciaram essa situação podem ser vistas nos trabalhos de Biondi (2000), Jocenir (2001) e Mendes (2011).

lado [rua] entorta também. Tudo em sintonia⁶⁹. [Mineiro]

Processos de simetrias, de simbioses de ações/reações entre a prisão e a *rua*.

Ia ser tipo Carandiru

Nessa época Camila começou a encontrar mais outras peças para compreender o que aconteceu, e somente depois de duas semanas recebeu um telefonema de Paula explicando:

Ela me disse que também não sabia o que ia acontecer e que Raul falou somente que ia ter um ataque, mas ele não sabia que ia ter aquela proporção. Aí quando ela estava lá, ela ficou sabendo. Eles tinham que chamar a família porque senão a polícia iria entrar e matar todo mundo, ia ser tipo Carandiru. [Camila]

As histórias daquele 2 de outubro de 1992 ecoaram por radiais, raios, celas, vielas e entre familiares e ex-presos nas *quebradas*. Ainda *hoje* se comenta a respeito de um ato anual em que *todos* no pátio *oram* pelos mortos da chamada a *maior das covardias*. As estratégias que foram implementadas em maio de 2006, no ponto de vista de Marcela e Mineiro, estavam amparadas e devidamente para evitar a possibilidade real de haver mais um evento *tipo Carandiru*. Entretanto, o que os interlocutores *a priori* custaram alguns dias a entender é como mais uma carnificina se estabeleceu em outro território, com números ainda mais exorbitantes.

Camila relata que Raul, logo após o término da rebelião, foi refreado a uma estratégia estatal, submetido a uma série de locomoções dentro do sistema carcerário – um corpo exposto à máquina de encarceramento paulista conforme descreveu:

Ele ficou dois dias em Avaré, em RDD [Regime Disciplinar Diferenciado] e depois foi de “bonde” [transferido] para Martinópolis “dois meses. E depois foi pra uma [prisão] na divisa com Mato Grosso. [Marcela]

Os caras estavam matando mais que os próprios bandidos

Camila acompanhava *os ataques* pela televisão, com poucos contatos, pois *todos*

⁶⁹Recentemente tive a informação de que Mineiro foi preso mais uma vez e está no “fundão” [cadeias do interior de São Paulo]. Isadora [esposa] busca *tocar a vida sem ele* e Debora [sua filha] comenta que está muito triste por descobrir recentemente que sua mãe esconde as cartas de Mineiro endereçadas a ela.

estavam com medo, entretanto, no *final*, começaram a *chover* notícias *da rua* e argumenta a respeito das estratégias estatal e do *crime*:

Em todos os lugares tinha uma inteligência mesmo [referência à investigação policial], e as pessoas que participaram dos ataques eram próximas. Pessoas que já tinham articulado, já tinha dado o aval. O marido da minha amiga e o outro é o primo do Teco [outro interlocutor. Pessoa culpabilizada pelas mortes de guardas municipais da cidade. Um irmão que era disciplina do bairro Margarida]⁷⁰. Os caras [policiais] estavam matando mais que os próprios bandidos, eles estavam matando. “Ah, o PCC matou um monte!” [simula a fala e a ideia generalizada que havia à época] Não, eles que estavam matando! [Camila]

As mortes produzidas, sobretudo, pela maquinaria estatal deflagram um período de “tanatopolítica” (AGAMBEN, 2002, p.128). Camila argumenta que a *população* [aqui uma generalização das pessoas que não estão inscritas no crime] tinha um olhar errôneo do que acontecia:

Ao ver da população eram os bandidos, mas 70% eram os polícia. Os bandidos chegou uma hora que recuaram. Eles estavam perdendo gente, e levando a culpa. Eu sei porque era assim mesmo. Morria e jogava a culpa nos caras. [Camila]

O Exame Necroscópico

O primeiro “exame necroscópico” de um veículo localizado com um “corpo”, após o assassinato dos dois guardas municipais, expõe parte do que foi *aquela guerra*:

DO VEÍCULO E DOS EXAMES

- 1-um orifício transfixado no para-brisa, orientados da esquerda para a direita sendo um não transfixado, conforme mostra a fotografia nº 2, inclusa;
- 2-três orifícios na porta dianteira esquerda, orientados da esquerda para a direita sendo um não transfixado, conforme mostra a fotografia nº 2, inclusa;
- 3- um orifício não transfixado na caixa do assoalho, abaixo da porta traseira esquerda, orientados da esquerda para a direita, conforme mostra a fotografia nº 2, inclusa;
- 4-um orifício transfixado na porta traseira esquerda, orientados de fora para dentro, conforme mostra a fotografia nº 2, inclusa;
- 5-seis orifícios transfixados na traseira, orientados de fora para dentro, conforme mostra a fotografia nº 3;
- 6-dois orifícios transfixados no para-lama traseiro direito, orientados de fora para dentro, conforme mostra a fotografia nº 4, inclusa; e,

⁷⁰ Nesse momento da entrevista a interlocutora desabafa: “Eu nem acreditava, estava com essa pessoa [referência a Pedro, primo do Teco] um dia antes e não sabia de nada. Sabe, tudo já esquematizado”. [Camila].

7-três orifícios transfixados na porta traseira direita, orientados de fora para dentro, conforme mostra a fotografia nº4, inclusa.

Os referidos orifícios são característicos daqueles produzidos pelo impacto de projeteis de arma de fogo, dotados de intensa energia cinética.

Os seus sistemas de segurança para o tráfego, quando da perícia, funcionavam normalmente.

Em bom estado achavam-se as bandas de rodagem de seus pneus.

Laudo de exame de corpo de delito. Exame necroscópico. 28 de junho de 2006

Morte que gerou uma investigação com o seguinte relatório:

Diligência à favela X, na qual o investigador não localizou nenhuma testemunha, pois “*opera a lei do silêncio*” e a vítima era conhecida no bairro como traficante de drogas.

Tecido em poucas linhas, o relatório de investigação é constituído de uma armação semântica composta por dois vetores: território e *tráfego*.

O custo da guerra

As *biqueiras* de Raul ficaram com pouco movimento:

Ninguém estava querendo trabalhar depois que aconteceu isso. Estavam com medo, porque a polícia passava e saía atirando em todo mundo. Tinha caído muito as vendas, não estava aquele auge igual antes. [Camila]

A *guerra*, sob o ponto de vista das políticas *de quebrada*, se apresenta como algo desvantajoso, vidas ceifadas que estabelecem um significativo desarranjo nas relações *dos irmãos* com parte dos próprios moradores, que creem numa certa reciprocidade como garantia da ordem local. E também prejuízos financeiros para o *comércio*:

Tinha dois gerentes que aproveitaram esse clima e deram uns perdidos no dinheiro. Falou que a polícia pegou a droga, mas na verdade a gente sabia que tinha dado um perdido. [Camila]

A garantia de acordos na *guerra*, mesmos que frágeis, cai por terra, outras linhas, estratégias insurgem, outras forças estabelecem laços e reivindicam a participação:

Um carro parou, pegou e puxou ela [Paula] pra dentro. Era polícia [civil]. Levaram ela para um matagal. Aí bateu, bateu, bateu, bateu, por Deus que está no céu. Bateu nela que ela mijou, ela fez xixi de tanto que apanhou. Falando, me dá a droga, me dá a droga, eu sei em que CDP (Centro de Detenção Provisória) ele tá, já sei de tudo [imitando a fala dos policiais]. Ele nem estava em CDP, mas sabiam o nome dele. Sei do vulgo [apelido] dele,

eu quero a droga [imitando a fala dos policiais]. E ela estava com o dinheiro que ia pagar a mulher [o aluguel da casa onde morava] e uma droga que ela ia fazer um dinheiro com as cunhadas [esposas de membros do PCC] dela. Não estava entrando nada, o pouco que ela tinha era pra pagar a mulher. Ela estava com dois tabletes de droga [maconha], coisa pouca, acho que nem um quilo e com dinheiro, uns 500 reais. Eles pegaram tudo e falaram: olha a gente sabe onde você mora. Não abusaram [sexualmente], mas deixaram ela toda machucada e rasgaram a roupa dela. E aí com quem ela ia pedir ajuda, pra polícia? Ela conseguiu ligar pras cunhadas que socorreram, e aí as cunhadas ligaram pra ele [Raul]. [Camila]

Pessoal mais sangue no olho

Sua esposa lhe contou que dois indivíduos encapuzados adentraram o bar no momento em que Luiz jogava sinuca e dirigiram-se a ele dizendo: 'Eu quero é você, pode correr', e a seguir passaram a disparar contra aquele. [Inquérito policial a respeito de uma morte em maio de 2006. Descrever a pessoa idade, cor da pele, escolaridade]

Para Fábio, o guarda municipal da cidade, mais impactos foram sentidos no transcorrer dos dias de maio na Guarda Municipal em decorrência da *guerra*. Um desligamento, *o cara tinha medo de morrer* e posteriormente cinco guardas não exerceram mais *funções externas*, por fim, desse período de *aquartelamento* surgiram três movimentos simultâneos.

Primeiro, uma maior, *união do grupo*, pois segundo o interlocutor, até o momento, a rotina de serviço antes das mortes consistia em: *chegar lá, cumprimentar os parceiros, passar as ordens de serviço do dia, e rua. Pouco contato com todo mundo*, e a partir do velório, do enterro e da rotina de trabalho estabelecida inteiramente dentro da *base* surgiu uma maior *união*, uma maior *cumplicidade*. Um segundo movimento a partir desse *aquartelamento* e da *união* do coletivo provocou uma reflexão geral dos profissionais:

Ficamos quase um mês *aquartelados*, colocando a culpa no prefeito que não investia na guarda. Até então andávamos com um 38, um armamento obsoleto, viatura sem condições de rodar, efetivo reduzido, colete vencido, salário mixaria. [Fábio]

Essas reflexões levaram a composições de *guardas* que pressionavam tanto o *comandante* como vereadores e o prefeito da cidade com exigências de melhores *condições de trabalho*. E, por fim, posteriormente às *mortes* e esse movimento interno, Fábio argumenta que *começaram a chegar informações. Fulano de tal, fulano de tal estava envolvido*, e

rápidas mobilizações: *O enterro foi no domingo, na segunda começou a morrer gente!* ⁷¹.

Pô, quem mata, também morre: interlocuções entre território e tipo de “matáveis”

Para Fábio a guarda civil de Luzia constitui-se de gente que tem dez anos [de profissão] e nunca deu um tiro” e também se compõe de *peessoas mais sangue nos olhos*, uma prática que, segundo Fábio, não é exclusiva da Guarda Civil Municipal de Luzia, *toda corporação tem. Pode ter certeza que tem o pessoal que corre atrás do prejuízo*. Esse grupo *mais sangue nos olhos* é composto por guardas civis que, segundo Fábio, estabeleceram a *reação* em maio de 2006. De uma situação de *aquartelados*, em *choque*, para um posterior virada de mesa:

Aí começou a virar o negócio. A gente foi pegando confiança. Pô, quem mata também morre! Começou a virar o negócio. Começou a morrer ladrão pra caramba. [Fábio]

Portanto, o interlocutor chama a atenção para um rápido processo de denúncia/julgamento/execução dos “matáveis” (AGAMBEN, 2002. p. 148) Morte da “raça ruim” (FOUCAULT, 2005, p. 306) Conforme expõe Fábio: “começaram a chegar informações. Fulano de tal, fulano de tal estava envolvido” estabelecendo uma composição de denúncia fundada em dois demarcadores, território e um tipo de crime: *é o pessoal que a gente já conhece. Pessoal ali do tráfico, ali da área*.

A associação com o *crime*, o *bandido* – a figura abominável, presente em determinada área. Fábio acredita que os dados oficiais, os números sobre homicídios emitem uma verdade *maquiada*. Números que são sempre objeto de contestação: *acho que está maquiado isso aí. Desde a onda de ataque até o final do ano. Eu acredito que tenham morrido mais de cem pessoas* [somente no município de Luzia]. O saldo da guerra:

Eles viram que a reação foi imediata e foi forte. Eles tiveram muitas baixas, pode ter certeza. Muito mais que nós. Com certeza eles tiveram maior prejuízo que a gente. [Fábio]

E a certeza de novos conflitos: *tem nego que tá prometido até hoje. Não aparece, tá*

⁷¹ Conforme Boletim de Ocorrência da primeira vítima de homicídio “na segunda feira”, ela foi atingida por três disparos na região da cabeça e ombro. Este inquérito contém um termo de declaração (Trata-se de um depoimento dos policiais elaborado na delegacia do município de Luzia versando sobre o socorro à vítima.) em que os policiais relatam que socorreram a vítima, mas que esta veio a falecer no hospital e o veículo em que a vítima se encontrava foi revirado por populares. Este processo foi arquivado no dia 14 de fevereiro de 2007.

preso, mas quando aparecer... [Fábio]

Relatório de Investigação/ Termo de Declarações

A produção de uma narrativa oficial dos fatos e os procedimentos devidamente ritualizados em protocolos de investigações:

Relatório de Investigação

Visando atender à determinação de vossa senhoria, diligenciamos nas proximidades do local dos fatos, uma **área invadida**, conhecida popularmente como **“favela”**, com a denominação de xxx.

O fato se deu numa rua estreita, com iluminação precária, por volta das 21h30. Ainda nas mediações, apesar dos apelos, não conseguimos arrolar nenhuma testemunha ocular ou mesmo de “ouvir” dizer.

Todos os entrevistados afirmaram que ali impera a lei do “silêncio”, ainda mais se tratando da pessoa da vítima, que era conhecido no bairro como **“traficante de drogas”**.

A vítima residia a cerca de 1 km do local dos fatos, onde consultamos alguns moradores, que, no entanto, nada acrescentaram que pudesse contribuir com o entendimento circunstancial do que ocorrera.

Desta forma, sobra-nos confirmar que xxx, RG. Xxx SSP/SP., consta com **registro criminal por tráfico de entorpecente**, bem como ficha criminal nesta unidade policial, onde o mesmo fora averiguado em Disque Denúncia xxx versando sobre Tráfico de Drogas. E, com relação à autoria e circunstância, resta-nos aguardar fato novo que norteie novas diligências.

Este é o nosso relatório.

Luzia, 06 de julho de 2006.

Relatório de Investigação de um suposto homicídio que ocorreu no dia 13 de maio de 2006.

TERMO DE DECLARAÇÕES

Aos 27 dias do mês de dezembro do ano de 2006, nesta cidade de xxx- SP, na sede da Delegacia de Polícia local, onde presente se achava o Dr. Xxx, Delegado de Polícia Assistente, comigo, xxx, Escrivão de Polícia de seu cargo, ao final assinado, compareceu: xxx, Rg xxx, Filho de xxx, natural de Osasco – SP, data de nascimento 25/06/1968, Profissão: Policial Militar. Grau de Instrução: Segundo Grau Completo, residente a rua xxx, nº xxx, Centro- xx, tel. Xxx, sabendo ler e escrever declarou que: Na data dos fatos trabalhava como encarregado da Vtr M – xxx, juntamente com o motorista, soldado xxx, quando receberam determinação para dirigirem-se até a rua xxx, neste município, onde havia uma pessoa ferida por disparos de arma de fogo. No local encontraram a vítima no interior de veículo GM Monza de cor azul, com ferimentos na cabeça e ombro, possivelmente provocados por disparos de arma de fogo. **Como a vítima apresentava sinais vitais, promoveram seu socorro ao Hospital Municipal**, onde a mesma não

resistindo aos ferimentos veio a óbito; O veículo que a vítima conduzia colidiu contra uma parede e foi revirado por populares. No local não identificada nenhum testemunha do ocorrido. Nada mais disse e nem lhe foi perguntado. Lido e achado conforme, vai por todos.

Termo de Declarações referente a um suposto homicídio, em maio de 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

PRELÚDIO

Conversamos a tarde inteira na casa da família do seu Paulo: filho, filha, pai, genro e sobrinha. Mesmo me considerando um ente da família, noto o ar de reprovação do Seu Paulo com o tipo de trabalho que realizo. *Conversar com essa gente* para ele não é nada interessante. Ele me pergunta constantemente o que *exatamente* eu faço, quanto ganho *para fazer isso*. *Ôxi, que trabalho de doido!* Lembro que dias antes uma amiga reprovava o tipo de *trabalho* que realizo e me dizia, categoricamente: *Sei lá, tem gente que não tem solução!* Diante de tal reprovação, me vejo desconsertado, gaguejando para articular alguma resposta. Ora, mas o que responder? Não ter o ofício compreendido dói na alma, e optei por calar. Afinal, toda pesquisa tem seus custos, seus limites e suas marcas. Sei que não é a solução, mas vou procurar outros ares, outros interlocutores, deixar a saudade bater para retornar à casa do Seu Paulo. É isso.

Mas, voltando à casa... Ouço agora o Lucas, genro do seu Paulo, me chamar no portão. Quando apareço na porta avisto Vinícius, um moleque magro, negro, que aparenta uns 12 anos, dono de uma fala calma, pausada e séria. Queria conversar.

Saio à rua e me sento na beira do portão de ferro, na calçada. Vinícius senta do meu lado, são mais de 16h, o tempo mudou completamente, faz frio, estou com uma blusa fina sobre a camiseta, encolhido no portão. Vinícius está de bermuda azul, só de camiseta amarela e tênis, um *Timberland* surrado. Pergunto se ele quer a minha blusa, ele não aceita. Entre poucas pessoas que passam na rua, alguns que já voltam do trabalho; observo olhares de estranheza. A maioria me conhece, passam e meneiam a cabeça, outros param e apertam a minha mão e a do Vinícius. Continuamos a conversar. Ele fala que foi expulso da escola e do pingue-pongue de domingo, eu falo que trabalhei na mesma escola. Ele conta das *tretas* com a avó, eu recomendo que ele a respeite. Ela é sua mãe, e mãe é mãe! Falamos do bairro, de um amigo em comum que está *guardado*. Ele comenta que seu *patrão toma até remédio para dormir de tanta responsabilidade que tem!* Fala dos riscos do seu *trampo*, do seu amigo assassinado dois anos atrás, *quando ficou tudo embaçado*.

Um menino ali perto tenta *empinar* uma bicicleta e cai. Vinícius ri e brinca: *seu cabaço!* A partir daí a conversa toma outro rumo. Falamos de bicicleta, marcas, *rolês*, quadros, câmbio, pneu balão, pneu *slick*. Ele comenta que quer trocar o quadro, colocar outro câmbio, eu falo da minha *bike*, onde a *montei*... E assim seguimos a nossa conversa, despreziosa, de duas

gerações distintas, ele 12 anos e eu nos meus 33; diferenças geracionais, mas que se encontram nos papos de *quebrada*.

Conversamos e rimos. Entretanto, em certo momento do diálogo avistamos, a nossa esquerda, dois policiais passando lentamente em motocicletas emparelhadas. Mal se ouve o barulho do motor. Passam encarando Vinícius e seguem devagar em direção ao outro extremo da rua. Tenho a impressão de que vão retornar. Momento de silêncio, acompanhamos com os olhos aquelas duas motos desaparecerem de vista. Vinícius conta que fizeram isso semana passada, bem perto de onde estávamos, e imita o que aconteceu: conta que o colocaram na calçada sentado em cima das mãos e os policiais perguntavam para quem trabalhava, e a cada negativa eram socos no baço e na *costela*; depois, no fim do espancamento, falaram: *se a gente te trombar na noite você já era!* Ouço tudo isso impressionado, não só pela calma com que Vinícius narra, mas sobretudo pelo seu porte físico; ele é um menino macérrimo. Pergunto se ele está com algum *BO*, ele diz: *só do meu uso!* Prontamente Vinícius tira um punhado de maconha embrulhada em saco plástico transparente do bolso, olha para os lados e coloca dentro da meia. Então comento: estranhos esses caras. Ele responde: *Foi esse velho filho da puta!* [nesse momento aponta para casa da frente]. *Você viu que a janela estava aberta, e antes dos caras passar ele fechou e colocou a cortina?* Confessei que não tinha notado nada disso. Esbravejo: *Tamo de boa aqui, trocando uma ideia, como pode os caras caçar assunto?!* Alguns minutos depois noto o barulho, outra vez sutil, quase imperceptível. Barulho de motor de *camburão*. Uma caminhonete Blazer da Força Tática com quatro policiais dobram vagarosamente a esquina e vêm em nossa direção. *Já era!*, penso comigo. Lentamente o motorista se aproxima, manobra o veículo e pára mais ou menos na frente da gente. O veículo avança ainda um pouco mais pela calçada, quase tocando nossos pés. Um policial no banco de trás conversa no celular, eles murmuram algo, o motorista lentamente engata uma ré, faz uma manobra e retorna pelo caminho que veio. Braços envolvendo as portas, eles nos acompanham com os olhos até desaparecerem.

Vinícius comenta: *Você viu? Tô falando que esse velho liga pra polícia! Você viu que tinha um cara no telefone?* Comento: *eu só vi a cara de amizade deles*, e pergunto: *quando você tá lá do outro lado da rua os caras embaçam?* Vinícius: *Não. É só quando eu estou desse lado.* E me ensina: *Pra esses caras você não pode demonstrar medo!* Sugiro: *Mano, fica ligeiro... Eles estão esperando você moscar.* Ele imediatamente responde: *Eu sei!*

Já são quase 19h. Proponho: *Vamos dar um giro aí, porque tá embaçado, fica esperto! Mano, larga mais cedo essa porra!* Responde: *Pode deixar.* Despedimo-nos e prometemos um *giro*

de bike qualquer dia desses.

Três frentes de conclusão

Concluo este trabalho a partir de três linhas analíticas, retiradas da releitura dos meus diários de campo, talvez porque seja um registro acerca dos sentimentos gerados em decorrência da minha posição na pesquisa, que privilegia uma interlocução produtiva para a espécie de estudo que desenvolvo, mas que carrega, em certa medida, a efervescência de sentimentos e situações que fogem do controle do pesquisador. São com essas posições de campo que posso discorrer a respeito de mudanças e permanências de sentimentos, enunciados, de políticas *de quebrada*, termo mais abrangente que o conceito de partida: *políticas do crime*.

Os cafés, almoços e as caronas dificilmente poderão sair da memória; pelo contrário, grifam um movimento que evidencia a força do termo solidariedade, que nos momentos mais difíceis da pesquisa me empurrava a prosseguir com o trabalho. Essa força local, algo corriqueiramente expressado como *nóis por nóis*, são mais do que palavras, são gestos e atitudes.

Solidariedade que impulsiona vidas, quebrando muitas vezes binaridades postas cotidianamente. A aposta é que essa força que atravessa *quebradas, cadeias* e anos, compõe uma verdadeira política dos “infames” para lidar com a adversidade. Ações banais mensuram essa arguição, como a descrição de um rapaz que foi visitar seu irmão *guardado* e no pátio se deparou com um amigo de escola. Nesse encontro o visitante descreve que, em solidariedade, doou seu único par de chinelos. Outro exemplo é a composição complexa de cadeia, do crime, que diariamente tenta estabelecer comunicação para além das grades, reivindicando amenizar o sofrimento de *muita família*.

Esse exercício sociológico se produz em ambiente complexo e mutável, apreensível nas negações das marcações morais, mas também nas bifurcações e convergências daquilo que é chamado de *cadeia, crime, periferia*. Não foi raro ver vapores que no dia-a-dia do seu *trabalho* recebiam uma *palavra de Deus* e um panfleto de um *irmão* da igreja, ou o pastor que mantinha um diálogo com *irmão do PCC*⁷² - apontando que as binaridades existem, demarcam, mas são postas em tensão, em movimento, em interlocução, nos cotidianos:

⁷²Obviamente nenhum achado sociológico, Vagner Marques (2013, p. 24) recentemente publicou sua dissertação em que observa um irmão PCC que se converteu em uma determinada Igreja Evangélica Pentecostal, e que esse processo está longe de apresentar rupturas e uma postura “ascética às antigas redes”.

Continuo na casa do Seu Paulo, saio na rua para acompanhar o movimento. Não fazia isso havia anos. Sou tomado por uma sensação de nostalgia, ficar despreziosamente na porta de uma casa olhando para a rua, para o movimento. Trocar ideia. Sento na calçada em frente ao portão de aço. É tarde e a rua está vazia, olho duas meninas aprendendo a andar de patins. Acho que se passou mais de uma hora e poucas pessoas transitam pela rua. Vinícius grita no portão de uma casa no outro extremo da rua. Chama Mateus, um garoto mais ou menos da sua idade. Os dois se sentam na calçada e iniciam uma conversa. Acho que em uns vinte minutos, chega o tio do Mateus em um gol azul. Evandro, um pouco mais velho do que eu, hoje é um guarda municipal na cidade ao lado. Cumprimenta Mateus e Vinícius e, de longe, me reconhece. Acena, respondo com outro aceno. À distância, acompanho que a conversa prossegue com gargalhadas, piadas – hoje na rua do Seu Paulo, o *crime* e a GCM... Tudo junto!
Diário de campo, 5 de março de 2013

Por um lado, também era visível e necessário pensar crime *versus* Estado e suas políticas em movimento ao longo do tempo; para tanto, foi possível coletar dados e abrir flancos analíticos. Talvez um vetor temporal desse processo seja o que Barbosa (2006, p. 123) intitulou de “paradoxo”, ou seja: sem a repressão e sem a “complementariedade” do Estado não poderia existir o *tráfico* da forma que o conhecemos, com seus lucros e vítimas, propondo a se pensar em um poder “tangencial” ou “complementar”, portanto linhas em interligação. Essa análise dialoga, a meu ver, com a “gestão dos ilegalismos” tema abordado por Foucault⁷³, e serve para problematizar a cidade de Luzia e suas políticas acerca do assunto, bem como o embaralhamento desses processos na virada dos anos de 2010/2011 em diante. As três sessões seguintes permitem acessar a síntese das principais contribuições dessa dissertação ao debate.

Face cínica e face trágica das políticas estatais de “segurança”

Argumento que os homicídios em Luzia entre 2001 e 2011, majoritariamente, estão situados analiticamente nos jogos entre políticas estatais e do *crime* nas interfaces, nas suas artimanhas, que ora administram litígios e ilegalidades sem recorrer a violência, frágeis acordos, ora irrompem em conflitos fortes. Para contribuir com a minha argumentação, concluo a partir de fragmentos de narrativas que produzem “verdades” sobre uma morte ocorrida no final de 2010, e suas consequências, que me parecem resumir a linha

⁷³ Foucault (1997, p. 227) aponta a ineficácia de uma análise binária do legal e ilegal. O autor propõe avançar em um análise de como as leis funcionam para diferenciar ilegalismos internamente, “riscar os limites de tolerância, dar terreno para alguns, fazer pressão sobre outros”.

argumentativa exposta até aqui. Vejamos:

Mas sobre a morte do Pedro [político] foi isso mesmo. Olha, pelo que a gente soube, a galera que tava com o Pedro [apoiando] queria mais dinheiro. E tenho certeza que a Berenice [outra personalidade política local] sabia mais ou menos o que ia acontecer. Não que ela contribuiu com o assassinato, mas que o Anselmo [apresentado como mandante do homicídio na mídia] falou: ‘olha vamos tirar o Pedro de cena, você topa?’ Isso eu tenho certeza! Os mandantes foram esses. A gente tem informação que foi isso mesmo. O Anselmo logo no dia seguinte foi o responsável pela reunião sem o Pedro, ele que começou a tomar conta. Só que ele não previa essa repercussão e tudo mais. Mas que estava tudo articulado, estava! [João]
Trecho do diário de campo 23.03.2013

Outra narrativa sobre a mesma morte:

Você me entende? Essa morte do Pedro foi muito foda! Foi muita gente envolvida nessa parada. Tem o Márcio [prefeito de uma cidade vizinha] que dizem que pagou 6 milhões pra livrar o Pedro de um processo grande. Pra ele 6 milhões não é nada, mas o cara quer o dinheiro de volta. O negócio é feio aqui! Mano, a morte desse cara tinha muita gente! [Leandro]
Trecho do diário de campo 27.03.2013

Morte de um político local em decorrência de disputa por dinheiro; uma morte que se configura como o extermínio de um corpo “não matável”, um corpo acerca do qual se reivindicam esclarecimentos, exigem-se investigações, morte “publicizada” nos grandes meios de comunicação e que levanta um vendaval de denúncias:

Com a morte de Pedro a gente ganhou um espaço na TV. Então a gente começou a bater de frente, fazendo uma série de denúncias. As denúncias dos produtos superfaturados e outras coisas. Aí como a gente conseguiu um espaço na mídia, começamos a usar e fazer essas denúncias. Só que começaram a chegar as ameaças. [Leandro]

As reportagens mostram uma série de irregularidades em contratos públicos do município, entrevistas com políticos apreensivos com a própria segurança, falas de moradores nos telejornais assustados com o *rumo da cidade*. Nos jornais, uma nota registra que não se trata do primeiro político assassinado na cidade, o governador declara que *não foi um homicídio simples* e que *infelizmente* Luzia fica numa região com altos *índices de violência*. Outro político dispara: um *crime covarde* e com *fins políticos*.

Comoção generalizada e a necessidade de algumas medidas públicas para responder à “sociedade”. Quem *vai pagar o pato*? No dispositivo que gerencia a gestão de litígios em

Luzia, perscrutado nessa dissertação, afirmo que políticas do crime e políticas estatais estão embaralhadas ou em confronto, situacionalmente. Como esse dispositivo opera no caso de uma morte como essa, que afeta toda a comunidade local? Como se desdobram os acontecimentos?

Rapidamente, acontece a prisão de quatro *suspeitos do homicídio* que, conforme o Delegado, *são conhecidos da polícia e membros de uma facção criminosa*; logo em seguida os *mandantes* são presos e a respeito desse episódio um interlocutor argumenta a respeito de uma certa *seletividade* na investigação:

Alguém tem que *segurar o B.O.*, né? [alguém tem que se assumir a responsabilidade] Os caras que fizeram o serviço, é isso mesmo, mas tem mais gente. E dizem que existia uma série de documentos na fase do inquérito que mostravam várias ligações de celular entre Berenice e Anselmo, antes e depois da morte do Pedro. Só que essas gravações sumiram, por 300 mil reais. [Leandro]

Ainda mais medidas eram necessárias para se responder à “insegurança generalizada” que a mídia propagava. Uma série de *operações policiais* no início de 2011, também devidamente acompanhada pela imprensa local, cuidavam dessa parte do roteiro - viaturas e policiais da Polícia Militar e da Polícia Civil, junto com a Guarda Municipal, além do apoio da delegacia seccional da cidade vizinha e da Força Tática da Polícia Militar. Operações divulgadas amplamente, no intuito de apreender carros roubados, prender *traficantes* e foragidos. Mas então... Esse crime político teria a mesma lógica da *criminalidade comum*, da *violência urbana*? Para a imprensa, sem dúvida. Fundamentadas em uma *análise criminal* e destacando que não se tratava de *simples passeios de viatura*, afirmava certa vez o delegado ao repórter que acompanhava a *operação*: trata-se sobretudo de *mostrar pra criminalidade que a polícia está presente e atuante*.

A ritualização dessas *operações*, no caso dessa morte publicamente notada, revelava então sua face cínica de “combate ao crime”, que como já referia Whyte (2012, p. 144), geralmente apreende só os “peixes miúdos”. Nos desmanches da cidade o cenário era similar: algumas informações antecipadas invariavelmente levavam a uma abordagem policial seletiva e ao conseqüente confisco de peças *que menos vendem*, com o fechamento do estabelecimento até *a poeira baixar*. Nos pontos de drogas ilícitas, é parecido: algumas drogas apreendidas, *vapores* presos e alguns *noias* transformados em perigosos *traficantes* capturados acalmam a “opinião pública” e permitem, paradoxalmente, que a *ordem* possa se restabelecer entre as políticas estatais e do crime.

Contudo, essa face cínica se complementa por uma face trágica: a presença dos policiais de outras cidades e de diversas seccionais embaralham os acordos de extorsões estabelecidos entre policiais locais e o *crime*, sobretudo relativos ao *tráfico*. Aquilo considerado ordem, se torna incerteza. As situações importam ao analista, o modelo não é fixo. *Novos* policiais na área representam repressão, mas também novos acordos, novas *caixinhas* [propinas], com custos adicionais aos pontos de drogas, que muitas vezes não conseguiam suprir todas as exigências. O dinheiro circula. Prisões, extorsões e tortura são registradas:

[...] os *polícia* me chutaram, cuspiram e tudo. Falaram que se eu não falasse quem era o meu patrão iam me matar. [Vinícius]

Nesse período conturbado - um político local importante havia sido morto, o Estado demonstraria sua força – o mesmo vapor comenta:

Os *polícia* pediu 100 mil para o meu padrão. Polícia de outro lugar. Aí meu patrão não deu. Aí, uma mão os caras passaram em um gol preto sem placa, passaram metendo bala na biqueira. Nessa meu amigo foi morto e também uma mina. [Vinícius]

Mortes noticiadas na imprensa e lidas como banais, frutos da “violência urbana”. Narradas aqui e estudadas em contexto, produzem compreensão sobre os cenários amplos de relação entre *crime* e *polícia*. Essa interface também está por trás dessas mortes. Aqui, primeiramente sentidas localmente, com a intenção de reafirmar a capacidade de letalidade desses tentáculos estatais em expansão⁷⁴, como uma demonstração de força, de supremacia diante do adversário. O que interessa é o gesto pedagógico e a constatação de que, em determinados períodos, territórios e tipologias corporais são “matáveis”, porque suas mortes se tornaram moeda de troca, baliza para os acertos seguintes entre os regimes estatais e do crime. Essa face trágica vai além do medo de funcionários, usuários e moradores, além do prejuízo com a redução de circulação das pessoas no ponto de drogas e, conseqüentemente, redução nas vendas. Essa face, segundo alguns interlocutores, visa provocar novas *rodadas de negociação*.

Se no processo de análise essas duas faces aparecem como um decantado, no mundo das práticas é tudo “confuso” e “loko”. Um turbilhão de movimentos contribui, em grande

⁷⁴O registro do Fórum de Segurança Pública apresenta a Polícia Militar do Estado de São Paulo com um efetivo de 88.772; Polícia Civil com 33.591 e as Guardas Municipais dos municípios do estado com 26.657. Fonte <http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//8o_anuario_brasileiro_de_seguranca_publica.pdf> Acesso em: 11 Set. 2014.

medida, para a impressão que meus interlocutores dirigem à *quebrada*, como território *largado*, *abandonado*. *A quebrada tá largada*. As inferências a essa expressão local são inúmeras, durante a pesquisa de campo. Referem-se, sobretudo, ao retorno de mortes e também de furtos e *roubos* no bairro, que denotariam menor presença das políticas de quebrada locais do *crime*, apenas há alguns anos muito efetivas.

Em Luzia, o impacto das intervenções estatais decorrentes da morte desse político, centralmente as megaoperações do ano de 2011 em diante, tem seguramente influenciado a percepção dos meus interlocutores com relação ao que eles chamam de *quebrada largada*. A presença da polícia e sua alteração no cotidiano, *blitz*, prisões e agressões desestabilizaram a chamada *quebrada redonda*; ou seja, aquele lugar onde não ocorrem grandes problemas e no qual as resoluções dos litígios são internas, *tudo em paz*.

Desses anos pra cá, referência dos meus interlocutores aos anos de 2011 em diante, observa-se *também* mortes de *irmãos* em Luzia. Sobem as taxas de homicídio. A própria pesquisa para essa dissertação ficou prejudicada no momento em que um interlocutor-chave foi preso e outro assassinado, no final de 2012, como comento já na Introdução. Conforme analiso ali, essa situação estava atravessada por uma conjuntura extralocal, a *recomendação* do PCC para uma política imediata de *bater de frente com a crocodilagem dos polícia*, que levou ao assassinato de um guarda municipal e que, na mesma madrugada, colocou em exercício a “tanatopolítica” (AGAMBEN, 2007, p. 128) fundamentada em argumentos captados por moradores dos bairros da seguinte maneira: *de cada polícia morto, cinco vão cair* [vão ser mortos].

Percebe-se agora, portanto, que o movimento ascendente das taxas de mortes desde 2011 em Luzia, mas sobretudo em 2012, nesse contexto, responde à lógica de relação situacional entre as políticas estatais e do crime, que no limite atuam juntas na construção da ordem local. A cada nova situação dessa relação, era nítida a percepção dos moradores de que a ordem havia sido alterada. Na bibliografia sobre homicídios em São Paulo, entretanto, é como se todo o processo se desenvolvesse sem que houvesse “políticas do crime”. A intromissão dessa categoria de análise, no entanto, me parece fundamental.

Sem disciplina: conjuntura das políticas do crime no plano local

Talvez outra contribuição do presente estudo, à guisa de conclusão, seja notar o fenômeno que meus interlocutores nomeiam, de forma acusatória, como de aparecimento de

uma *molecada sem disciplina*. No processo de reflexão cotidiana de meus parceiros de pesquisa, uma geração de garotos, hoje na faixa etária dos 15 aos 18, *pegou a quebrada no maior mamão*; ou seja, não vivenciou a época das matanças, dos anos de 1980 e 1990, e desconhecem a força da *revolução que o PCC fez nas quebradas*, para hoje desfrutarem de *paz e união*. Com isso, *são os que dão trabalho na quebrada, ficam pagando de malandro, caçando assunto, ramelam e, sobretudo, não respeitam a quebrada*.

Tiago comentou que duas semanas atrás, no domingo, estava no computador e ouviu um barulho e viu um vulto. Percebeu que a pessoa esbarrou no portão, achou que era uma criança tentando subir e quando saiu, viu sangue no chão e ouviu um barulho de telha quebrada. Era um homem que tinha arrumado uma briga em outro bar do bairro, mas que estava bebendo no bar perto da viela, próximo à sua casa. Então tentaram matá-lo, mas ele conseguiu fugir. Hoje ouvi de uma moradora do mesmo bairro a reclamação da molecada que não respeita ninguém, que fica usando maconha na frente da sua casa e vira e mexe está envolvida com roubo de moto. Essa moradora, assustada, pois tem um filho de 16 anos que transita pelas ruas do bairro, argumenta que já “mandaram avisar”, sem especificar nomes, somente que é o “pessoal do crime”, que uma possível chacina no final de ano, “... já falaram depois do natal e tudo. Eu que não vou ficar aqui, vou viajar e levar o Everton”. Lembro que outro morador comentava que a situação estava insuportável, uma molecada que não “respeita ninguém”. Esse senhor tinha comentado de que alguns moradores pensavam em chamar uns parentes para “dar um jeito nessa molecada”

Diário de campo, 2 de novembro de 2013

Fala de Denise (interlocutora)

Uma amiga encontrou a mãe dele [rapaz assassinado no dia 26 de Dezembro de 2013] na granja e ela falou: Estou com muita saudade, muita mesmo, mas pelo menos ninguém vai ficar falando no meu portão.

[...] trecho dos lamentos no Facebook pela morte do garoto:

“#[nome do garoto] GRAUZA0 ** (FOI DESSA PRA UM MUNDO MELHOR. Vc era um mlk resposta vai deixar saudades, que vc esteja em um bom lugar meu parcerinhooo#Saudadesmil. #[nome do garoto] GRAUZA0 ** (FOI DESSA PRA UM MUNDO MELHOR — 😞 se sentindo triste.”

[...] Vixi, o menino morreu feio, comenta Denise. Tomou nove tiros. Nesse momento uma menina de oito anos imitando uma arma com as mãos dispara: pá, pá, pá...! Denise prossegue, tá vendo vai roubar logo a moto do cara do PCC, que zica! Os caras meteram bala. O moleque tinha 17 anos, andava como o Renato [um adolescente do bairro], só vivia perto da casa da minha tia. Descobriram que foi ele que roubou a moto do Alan aqui na frente de casa [não me lembro de outro roubo nessa rua em mais de vinte anos]. O Alan comentou: tá vendo, aqui se faz, aqui se paga. Um outro rapaz que acompanha a conversa comenta: O bagulho tá louco!

Diário de campo, 29 de dezembro de 2013

São nesses microconflitos e acordos aos quais uma massa populacional é exposta cotidianamente nos momentos de *guerra*, como em maio de 2006 e entre 2011/2012, pelas conjunturas locais e extra-locais de conflito entre os regimes estatal e criminal. Um contexto no qual o mercado de drogas ilícitas ganha robustez e, paralelamente, um fluxo de parasitários se instaura. Uma terceira dimensão dessas conclusões, mais propriamente centrada no papel das economias em jogo, emerge então com clareza.

A moeda tem girado

Hoje eu não tô mais vendo essas coisas. O que eu tô vendo é que o dinheiro tem virado com mais facilidade. A moeda tem girado [Fala de José. Quando questionado a respeito de como ele enxerga o comércio de drogas atualmente].

Os anos 2000 apresentam algo de difícil mensuração na relação entre políticas estatais e do crime: a expansão dos mercados de comércio de drogas ilícitas movida tanto pelo “desenvolvimento econômico” brasileiro dos anos 2000, quanto e, especialmente, pela ampliação do consumo popular que, paradoxalmente, não alterou o preço das drogas no varejo:

O preço não mudou. Ficou mais fácil de pegar do que anos atrás. Acho que esses últimos cinco anos tudo ficou mais escancarado do que era. Hoje em dia tem muita gente vendendo droga. Antigamente era uma coisa tensa. Tinha muito dessa de invadir o lugar do outro, até quando eu era criança tinha muito disso aí. Era uma briga mais territorial. Daí invadia o espaço, hoje não! Tinha ali naquela favelinha, tinha ali no Pé, tinha o do Vale e o do André. Então acho que em quinhentos metros tinha quatro ou cinco, hoje tem muito mais. Mais antigamente o pessoal se preocupava em qualidade. Hoje em dia tem um monte que nem tá aí. Você não quer eu vou vender o que eu tenho. Você vai se sujeitar a pegar porque você quer. Tinha lugares que eram bons, eram ótimos, agora estão péssimo. Os caras tão fazendo de tudo pra tirar mais dinheiro. [Antônio]

Expansão, nesse contexto, se atém a racionalizar, a transmutar formas:

Antes era no saquinho. Em um saco de lixo ou então em um saquinho de juju. Na favela Janaína comprava mais ou menos R\$ 10 o que hoje você compraria com R\$ 100.

Mercadoria mais *misturada*, *mais* lucro e proliferação de *pontos*, atento às delimitações de *perímetro de venda*, portanto desarticulando possíveis contendadas em torno de disputa por espaço:

Pesquisador: Você pode vender até onde?

Vinícius: A eu posso vender nessa rua, na debaixo e na rua da feira.

Pesquisador: E ali na avenida.

Vinícius: Não ali é área de outro. O patrão no primeiro dia me mostrou de carro onde eu posso vender.

Pesquisador: E aqui na região tem quantas biqueiras? Aqui perto tem quantas biqueiras?

Vinícius: Tem aqui na Barra [favela próximo de onde conversávamos]

Pesquisador: Você fala ali a biqueira da Fabiana, lá dentro?

Vinícius: Não. Bem aqui embaixo mesmo [outro ponto de venda que eu não conhecia. Duas ruas abaixo do local onde conversávamos]. Tem aqui, tem ali perto da praça, tem lá no bolinha... [Vinícius]

São composições de nuances territoriais, com um ou dois *vapores* constituindo biqueiras que se desmancham [prisão ou morte] e se reconstituem [outro vapor, outro local] rapidamente – movimentos e jogos postos no embate com as forças estatais em estratégias de agilidade e invisibilidade para com *os polícia*⁷⁵. Não que as velhas biqueiras estejam desaparecendo, com seus vapores, olheiros e estrutura robusta para atender a clientes que conhecem o espaço de longa data, mas a permanência em campo e o diálogo com meus interlocutores apontam para novas estratégias, novas formas de lidar com o território e a extorsão, sequestro e repressão.

Por um lado, as estratégias do *crime* se oxigenam, se transmutam ao longo do tempo em termos de *políticas de quebrada*; por outro, as estratégias estatais em seu modo de “gestão diferencial dos ilegalismos” se acentua com ações de repressão pontuais, seletivamente focadas nos corpos que operam o varejo de drogas – sem mexer na expansão mercantil que os alimenta – e a determinados territórios – as “periferias” – produzindo verdadeiros bolsões marginalizados, no sentido teórico do termo, por parte dos agentes estatais. Esse movimento me salta aos olhos quando folheio meu diário de campo e as transcrições das entrevistas. Em certa tarde conversava com meu interlocutor, que desde a infância mora em um bairro considerado *perigoso*. Nossa conversa transcorria a respeito da escola e amigos em comum. Em certo momento do diálogo, ele comenta de uma *geral* [abordagem policial] que levou dos policiais militares na porta de uma escola à noite - pego fumando um *chá* [maconha] com seu amigo *de vila* [do bairro]. Os policiais fizeram as perguntas *de sempre* [apontando a

⁷⁵ São os anos 2000 que registra substancialmente o aumento de encarceramento tipificados como “traficantes”. Ano de 2012, 57.130 encarcerados. <<http://portal.mj.gov.br>> . Acesso em: 11 Ago. 2014.

constância que determinados grupos sociais são expostos a abordagem policial]: idade, nome completo, *tem passagem?* O que estava fazendo ali? Onde mora? Entre outras. Meu interlocutor respondeu uma a uma.

“Naquele lugar só tem vagabundo!”, disse o policial. No desfecho dessa *geral*, com o celular em mãos, o policial tira duas fotos do rosto do meu interlocutor e de seu amigo, contabilizando mais uma face preta, pobre, periférica no seu catálogo neo-lombrosiano de suspeitos e possíveis criminosos da cidade.

Esses descritos acima tiveram a “sorte” de serem catalogados como suspeitos, outros não têm tanta “oportunidade”. Mais jovens encarcerados provindos dos rincões territoriais chamados de *perigosos* vão lotando as *cadeias* de São Paulo.

Hoje acompanhei Tiago em seu bairro [um ex-aluno que encontrei no transcorrer da pesquisa. Uma figura ímpar, sempre disposta a ajudar]. Ele me mostrou o trabalho social que “seu vereador apoia” no bairro e me apresentou possíveis interlocutores. [...] Em um momento da nossa caminhada, ainda no começo, Tiago encontra um amigo e a conversa transita mais ou menos assim: ‘Porra Miqueias, você tá sumido. Lembra do professor de sociologia?’ O garoto magro, alto, branco, com roupas esfarrapadas, olha pra mim de cima a baixo. ‘Ele tinha um cabelo grande e brinco’, completa Tiago. Mais uma vez olha, pensa. Não afirma e nem nega. ‘Caralho, Miqueias, o professor que também trabalhava na escola no final de semana, lembra?’ ‘Ah, tô ligado!’, dispara Miqueias [tenho a sensação de que ele não lembra]. Tiago prossegue. ‘Mano, você tá sumido!’. Então Miqueias responde baixinho. ‘Mano, eu tava guardado’ [preso]. ‘Sério, mano, que osso’ [difícil], responde Tiago. E Miqueias prossegue: Mas tá bom. Tô na rua de novo. Da hora mesmo, moleque, te trombar [encontrar]. ‘Mas você ficou onde?, pergunta Tiago; ‘Fiquei aqui mesmo no de Centro de Detenção Provisória [localizado a cerca de 12km de Luzia]. ‘Mas firmão, trombei o Bocão e o Zóio lá’. ‘Caramba! Sabia do Zóio, mas do Bocão não!’. ‘Mas foi o quê?’, indaga Tiago. ‘Foi tráfico também, mas quando eu entrei ele nem tava no convívio. Deu umas rameladas, mas firmeza. Depois a gente troca mais ideia’, conclui Miqueias. Nos despedimos e prosseguimos nossa caminhada.

Diário de campo. Dia 2 de abril de 2014

Essa é composição entre *políticas de quebrada* e *políticas estatais* – sempre presentes, e em vantagem nas relações de poder, mas que não fazem com que os meus interlocutores deixem de estar juntos, *de somar*. Este cenário constitui o que meus interlocutores chamam de *quebrada*, organiza a produção da ordem a partir de inúmeros litígios e homicídios em Luzia. Uma quimera, dirão muitos, mas aos meus olhos, um universo volátil, poroso e contraditório que se torna material, letal muitas vezes, e especificamente seletivo porque está voltado aos muitos pobres, negros, moradores de bairros como Margarida, em Luzia. Arrisquei-me a fazer

uma etnografia que sacudisse vozes correntes sobre homicídios, taxas de violência, “crime organizado” e outros conceitos usualmente empregados, para experimentar soluções analíticas, hipóteses interpretativas e mesmo mudança nos patamares epistemológicos de debate acadêmico, ainda não experimentados com a devida atenção ou rigor. Dessas forças organizadoras do cotidiano, extraio, antes de respostas, linhas para interpretar um mundo empírico que, por mais estudado que seja, escapa às limitações impostas por nós; antes de conclusões, mais trabalhos a desenvolver; percorrer linhas, olhar suas bifurcações e seus novos e velhos trechos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. **Racismo, criminalidade violenta e justiça penal: réus brancos e negros em perspectiva comparativa.** Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 9 n. 18. p. 283 – 300. 1996.

_____. **Exclusão socioeconômica e violência urbana.** Sociologias, Porto Alegre. ano 4, n. 8, p. 84 – 135, jul/dez.2002.

ADORNO, Sérgio; SALLA, Fernando. **Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC.** Revista Estudos Avançados, São Paulo, v.21. n. 61, p. 7-29. 2007.

ALVAREZ, Marcos César. **A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais.** DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, p. 677 – 704. 2002.

ALVAREZ, Marcos; DIAS, Camila Nunes; SALLA, Fernando. **Das comissões de solidariedade ao Primeiro Comando da Capital.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 25, n.1, p. 61 – 82. 2013.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ANTÔNIO, João. **Abraçado ao meu rancor.** São Paulo: Editora Cosac & Naif. 2001.

BARBOSA, Antônio Rafael. **Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro.** Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 1998.

BARROS, João de. **A construção do PCC.** Revista Caros Amigos: São Paulo, ano X, n.28, p. 3-13, 2006.

BIONDI, Karina. **Junto e Misturado: uma etnografia do PCC.** São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2010.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana.** Novos Estudos CEBRAP, n. 47, p. 155-176. São Paulo, 1997

_____. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo: Editora 34, 2011.

CALLEGARI, Desiré Carlos. **A participação do conselho regional de medicina do Estado de São Paulo na análise dos laudos dos IMLs.** In: CONSELHO ESTADUAL DE DEFESA DOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA – CONDEPE-SP. Relatório de pesquisa. (org.) Rose Nogueira. São Paulo, 2007.

CANO, Ignácio; ALVADIA, Alberto. **Análise dos impactos dos ataques do PCC em São Paulo em Maio de 2006.** São Paulo. CONECTAS. 2009.

CERQUEIRA, D ; MELLO, JMP. **Menos armas, menos crimes: o emblemático caso de São Paulo**. 2009. Disponível em:<www.ence.ibge.gov.br/pos_graduacao/mestrado/seminarios/res30ppt>. Acesso: 25/09/2011.

COMPANHIA PAULISTA DE TRENS METROPOLITANOS. **Relatório da administração 2012**: exercício 2012. São Paulo, 2013.

CUNHA, Manuela Ivone. **Entre o Bairro e a Prisão: tráfico e trajectos**. Lisboa: Editora Fim do Século, 2002.

DADALTO, Maria Cristina; RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. **Migração e violência: O “baiano” na construção da sujeição criminal na RMGV do Espírito Santo**.

DIAS, Camila Nunes. **Da pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista**. Tese em Sociologia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. **O Estado vendeu o preso, e o PCC o comprou: consolidação do PCC no sistema carcerário paulista**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14. 2009. Rio de Janeiro. Instituição que editou o evento, 2009.

DUAILIBI, Sérgio Marsiglia. **Políticas Municipais relacionadas ao álcool: análise da lei de fechamento de bares e outras estratégias comunitárias em Diadema (SP)**. Tese em Ciências - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2007.

FELTRAN, Gabriel. **Fronteiras de Tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. **Crime e castigo na cidade: Os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo**. Caderno CRH. Salvador, v.23, p. 59-74, jan/abr. 2010.

_____. **Governo que produz crime, crime que produz governo: o dispositivo de gestão do homicídio em São Paulo (1992 – 2011)**. Revista Brasileira de Segurança Pública, São Paulo, v.6, p.232-255, 2012.

FERREIRA, S. P.; LIMA, R. S.; BESSA, V. **Criminalidade violenta e homicídios em São Paulo: fatores explicativos e movimentos recentes**. São Paulo. 2009. Coleção Segurança com Cidadania, ano 1, v.3, p. 11-20. 2009.

FERREZ. **Capão Pecado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. **Manual prático do Ódio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

FIGUEIREDO, Ricardo Molina. **Relatório preliminar: casos apresentados como resistência seguida de morte**. In: CONSELHO ESTADUAL DE DEFESA DOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA – CONDEPE-SP. Relatório de pesquisa. (org.) Rose Nogueira. São Paulo, 2007.

- FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes. 1997.
- _____. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes. 2008.
- GARLAND, David. **A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora Revan. 2008.
- GODOI, Rafael. **Ao redor e através da prisão: cartografia do dispositivo carcerário contemporâneo**. Dissertação em Sociologia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- GRILLO, Carolina Cristoph. **Coisas da vida no crime: tráfico e roubo em favelas cariocas**. Tese em Antropologia Cultural – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013.
- HERMANN, André. Entrevista com Ferréz: A periferia de São Paulo pode explodir a qualquer momento. São Paulo. Revista Caros Amigos. Ano 13, n. 151, p. 12- 16. Edição de Outubro. 2009.
- HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida**. Tese em Sociologia – Universidade de São Paulo. 2010
- JOCENIR. **Diário de um detento: o livro**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.
- JOZINO. Josmar. **Cobras e lagartos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- JUSTIÇA GLOBAL BRASIL. **São Paulo sob ataque: corrupção, crime organizado e violência institucional em maio**. Relatório de pesquisa, São Paulo, 2011.
- KAHN, Túlio. **Coordenadoria de Análise e Planejamento**. Estatísticas de Criminalidade: manual de interpretação. São Paulo. 2005.
- LIMA, Kant. **Cultura jurídica e práticas policiais: a tradição inquisitorial**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 10, n.4, p. 65-84, jun. 1989
- LIMA, Renato Sérgio. **Contando crimes e criminosos em São Paulo: uma sociologia das estatísticas produzidas e utilizadas entre 1871 e 2000**. Data da defesa. Total de páginas. Tese em Sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.
- LYRA, Diogo. **A república dos meninos: juventude, tráfico e virtude**. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.
- LAVENERE MACHADO, Marcello; BENEDIT DE AZEVEDO MARQUES, João. **História de um massacre: Casa de Detenção de São Paulo**. São Paulo: Editora Cortez, 1993.
- MANSO, Bruno Paes. **Crescimento e queda dos homicídios em SP entre 1960 e 2010: uma análise dos mecanismos da escolha homicida e das carreiras no crime**. Tese em Ciências Políticas – Universidade de São Paulo. 2012.

MARQUES, Vagner Aparecido. **O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste – SP.** Dissertação em Ciências da Religião – Pontifícia Universidade Católica. 2013.

MARQUES, Adalton. **Liderança, proceder e igualdade: uma etnografia das relações políticas no Primeiro Comando da Capital.** Etnográfica, Lisboa, v. 14, p. 311-335, 2010.

_____. **Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir das relações entre ladrões.** Dissertação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **"Faxina" e "pilotagem": dispositivos (de guerra) políticos no seio da administração prisional.** Lugar Comum (UFRJ). Rio de Janeiro. n° 25/26, p. 283-290. 2008.

_____. **"Dar um psicológico": estratégias de produção de verdade no tribunal do crime.** Porto Alegre. In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul – Desafios Antropológicos.(CD-Rom - v. 1). 2007.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. **Violência urbana, sociabilidade violenta e agenda pública.** (in) Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

MALLART, Fábio. Cadeias dominadas: dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos. Dissertação em Antropologia Social – Universidade de São Paulo. 2011.

MALVASI, Paulo Artur. Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. Tese em Saúde Pública.

MENDES, Luiz Alberto. **Cela Forte.** São Paulo: Editora Global. 2011.

_____. **Às cegas.** São Paulo: Companhia das Letras. 2005.

MINGARDI, Guaracy. **O Estado e o Crime Organizado.** São Paulo: IBCCRIM. 1998.

MISSE, Michel. **Crime e pobreza: velhos enfoques, novos problemas.** Brasil em perspectiva: os anos 90. Laboratório de pesquisa social do departamento de Ciências Sociais do IFCS – UFRJ. 1993.

_____. **Mercados Ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro.** Estudos Avançados. São Paulo, v. 21, n.61, p. 139 - 157, 2007.

_____. **Sobre a construção social do crime no Brasil Esboços de uma interpretação.** (in) Acusados e acusadores: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2008.

MIRAGLIA, Paula; SALLA, Fernando. **Entrevista com Nagashi Furukawa. O PCC e a gestão dos presídios em São Paulo.** São Paulo. Revista Novos Estudos. São Paulo, n. 80, Mar, p. 21-41, 2008.

MOURA, Tatiana Whately de. **Lei Seca e Segurança Pública: Problemas e alternativas de Ação Coletiva**. Dissertação em Ciência Política. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PASSETI, Edson. O que é menor. São Paulo: Brasiliense, 1998

PERES, M.F.T.; VICENTIN, D; NERY, M.B.; LIMA, R.S.; SOUZA, E.R.; CERDA, M. **Queda dos homicídios em São Paulo, Brasil: uma análise descritiva**. Revista Panam Salud Publica.v. 29 , p.17-26 , 2011.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mortalidade no Município de São Paulo**. Disponível em: <www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/analises_distritos.php?>. Acesso em: 10/05/2011.

RODRIGUES, Thiago. **Tráfico, guerra, proibição**. In: Drogas e cultura: novas perspectivas. EDUFBA, 2008.

SALLA, Fernando. **De Montoro a Lembo: as políticas penitenciárias de São Paulo**. Revista Brasileira de Segurança Pública. São Paulo, ano 1, edição 1, p. 72- 90, 2007.

SILVA, José Douglas dos Santos. **Maió de 2006: a violência em um estado de exceção**. São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.

SILVEIRA, 2006 In. CONDEPE – SP. In: CONSELHO ESTADUAL DE DEFESA DOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA – CONDEPE-SP. Relatório de pesquisa. (org.) Rose Nogueira. São Paulo, 2007.

TELLES, Vera da Silva; HIRATA, Daniel Veloso. **Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito**. Estudos Avançados (USP).São Paulo, v.21, n. 61, p. 173 – 191, 2007.

_____. **Ilegalismo e jogos de poder: uma ordem em disputa**. Tempo Social - Revista de sociologia da USP. São Paulo, v.22. n.2. dez. p. 39-59, 2010.

TEIXEIRA, Alessandra. Construir a delinquência, articular a criminalidade: um estudo sobre a gestão dos ilegalismos na cidade de São Paulo. Tese em Sociologia – Universidade de São Paulo, 2012.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**. São Paulo: Editora Global. 2010.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. **A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional**. Campinas, Cadernos Pagu, n. 37, jul./dez. p. 79-116, 2011.

WACQUANT, Loic. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Editora Dumará, 2002.

_____. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2010: Anatomia dos homicídios no Brasil**. São Paulo: Instituto SANGARI, 2010.

_____. **Mapa da Violência 2012: Os novos padrões da violência homicida no Brasil.** São Paulo: Instituto SANGARI, 2012.

WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2005.

YWATA, Alexandre X. de C.; CERQUEIRA, Daniel R. C.; RODRIGUES, Rute I.; LOBÃO, Waldir J. **Custos das mortes por causas externas no Brasil.** Revista Brasileira de Biomedicina, São Paulo. v. 26, n. 3, p. 23 - 47, 2008.

ZALUAR, Alba. **Oito temas para o debate: violência e segurança pública.** Sociologia, Problemas e Práticas, Rio de Janeiro, n. 38, p. 19-24, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n38/n38a02.pdf>>. Acesso em: 05/09/2011.

_____. **A máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo, Brasiliense, 2002.

VÍDEOS

CASCÃO. Produção de Barbara Therrie. São Paulo: Uol notícias, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=PS3UQSV0aa0>>. Acesso em: 20/02/2014.

DEXTER. Produção de Barbara Therrie. São Paulo, Uol notícias, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4ZIyLhxXkMg>> Acesso dia 20/02/2014

MANO BROWN. Produção de Afropress. São Paulo, Afropress.com, 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=PQ4dP2evx9w>> Acesso dia 20/02/2014.

BENZEDURAS. Direção de Janete Kriger, 2009.

SEQUESTRO. Direção de Jorge W. Atalla.

PROFISSÃO MC. Direção de Alessandro Buzo e Toni Nogueira.

MÚSICAS

BELCHIOR. **Apenas um rapaz latino americano**. Alucinação, 1976.

FACE DA MORTE. **Tático cinza**. O crime do raciocínio. 1999.

FACÇÃO CENTRAL. **Dias dos finados**. Versos sangrentos. 1999.

GONZAGA, Luiz. **A triste partida**. A triste partida. 1964

NDEE NALDINHO. **Menos um irmão chega disso**. Menos um irmão chega disso. 1991.

_____. **Essa é a lei (tribunal a um 171)**. O apocalipse. 1999.

RACIONAIS MC'S. **Um homem na estrada**. Raio X do Brasil, 1993.

_____. **Hey Boy**. Holocausto Urbano, 1990.

_____. **Fim de semana no parque**. Raio X do Brasil, 1993.

_____. **Fórmula Mágica da Paz**. Sobrevivendo no inferno, 1998.

RZO. **O Trem**. O Trem. 1997.

SABOTAGE. **Um bom lugar**. Rap é compromisso, 2000.

_____. **A cultura**. Rap é compromisso, 2000.

509 E. **Saudades mil**. Provérbios 13, 2000.

_____. **Triagem**. Provérbios, 2000.

ANEXOS 1 PANFLETO



ANEXO 2 – MURO DA FAVELA JANAÍNA



Fonte: Arquivo pessoal. 2008.

ANEXO 3 CARTA – INFORMAÇÕES DA CADEIA DE LUZIA

São Paulo, 06 de dezembro de 2004.

Secretaria de Estado da Segurança Pública
Ilmo. Sr. Secretário da Segurança Pública
Saulo de Castro Abreu Filho

Secretaria de Estado da Administração Penitenciária
Ilmo. Sr. Secretário da Administração Penitenciária:
Nagashi Furukawa

Ref.: Superlotação da Delegacia do Município de

Prezado Senhor,

Chegou ao conhecimento da _____ por intermédio dos representantes da Pastoral Carcerária _____ – que desenvolve trabalho de assistência a presos e seus familiares no Estado de São Paulo - notícia dos fatos que seguem.

A Delegacia de Polícia de Município de _____ possui 4 (quatro) celas de 15 (quinze) metros quadrados cada, e tem capacidade para 24 (vinte e quatro) pessoas. No entanto, hoje há aproximadamente 170 (cento e setenta) presos no local.

Devido a providências judiciais tomadas nos municípios vizinhos, 90% (noventa por cento) desse total é formado por pessoas que cometeram crimes em _____, _____ e _____. Em acréscimo, alguns dos detentos já se encontram ilegalmente enclausurados há mais de 1 (um) ano, dentre eles presos com sentença transitada em julgado.

Um dos fundamentos de nosso Estado Democrático de Direito é a dignidade da pessoa humana, como dita o Art. 1º, inciso III de nossa Constituição Federal. De modo mais específico, o inciso XLIX do art. 5º prevê o respeito à integridade física e moral do preso.

Verifica-se, ainda, no rol dos direitos e deveres individuais e coletivos de nossa Carta Magna, em seu art. 5º, inciso III, a proibição de se submeter alguém a tratamento desumano ou degradante. No mesmo sentido, o inciso XLVII, alínea e, veda a aplicação de penas cruéis.

Outrossim, no âmbito da legislação infraconstitucional, temos a LEP - Lei de Execução Penal, nº 7.210/1984, a qual reforça os mandamentos constitucionais, prevendo os direitos dos presos, como se verifica em seu art. 40, a saber:

“Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios”

Tendo em vista o exposto, verifica-se que direitos fundamentais estão sendo sistematicamente violados na Delegacia de _____ sem que nenhuma providência tenha sido tomada, até o momento, no sentido de fazer cessar as violações.

Diante dos fatos, requer-se sejam tomadas as devidas providências para que a situação seja imediatamente revertida, sendo, assim, respeitados os direitos das pessoas detidas na Delegacia de _____ garantindo-se o tratamento digno e humano ao qual têm direito.

Desde já agradecendo a atenção e colaboração neste caso, subscrevemo-nos, permanecendo à inteira disposição para maiores esclarecimentos no telefone _____

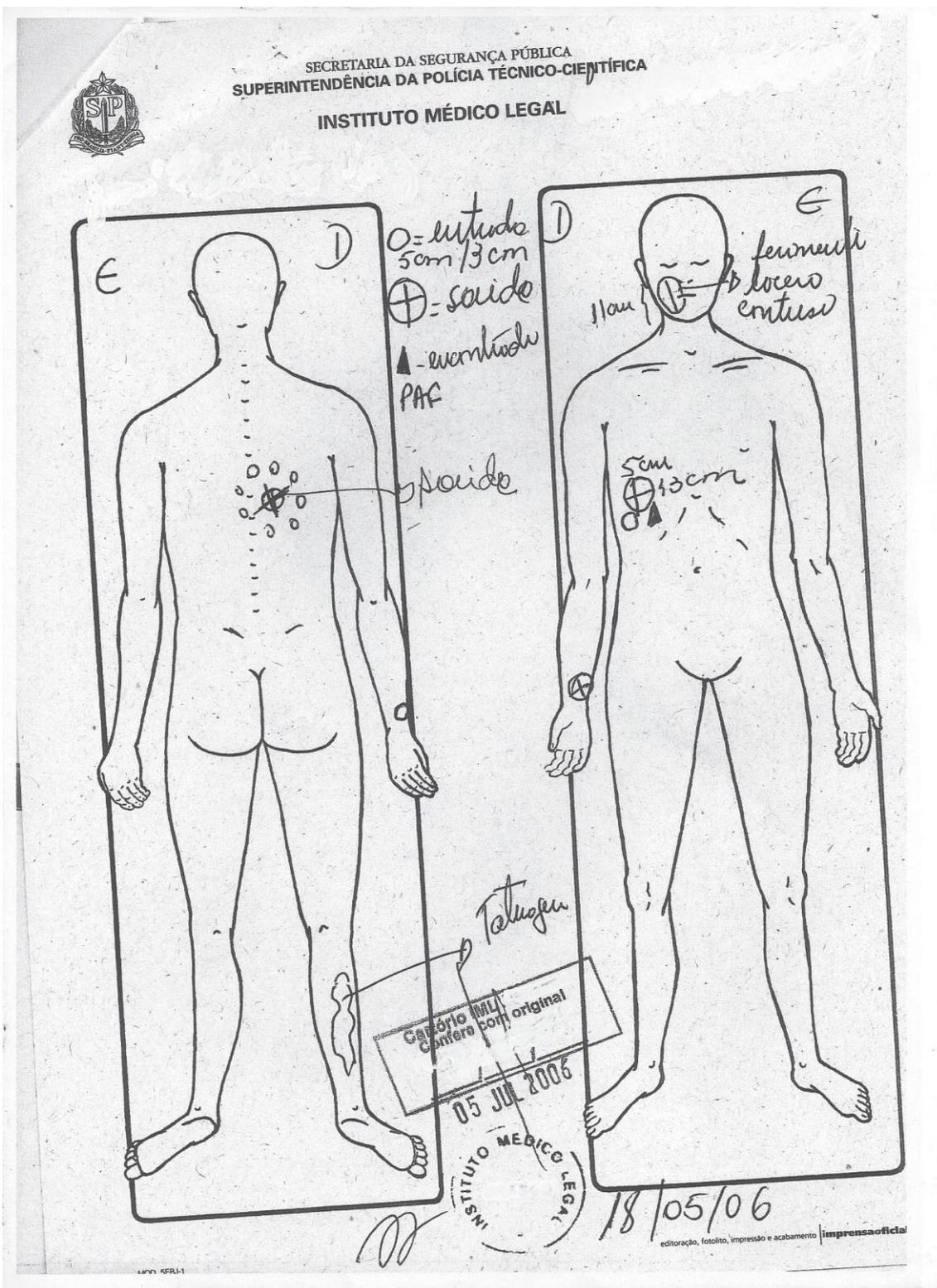
Atenciosamente,

ANEXO 4 GUIA DE RECOLHIMENTO DE CADÁVER – MAIO DE 2006

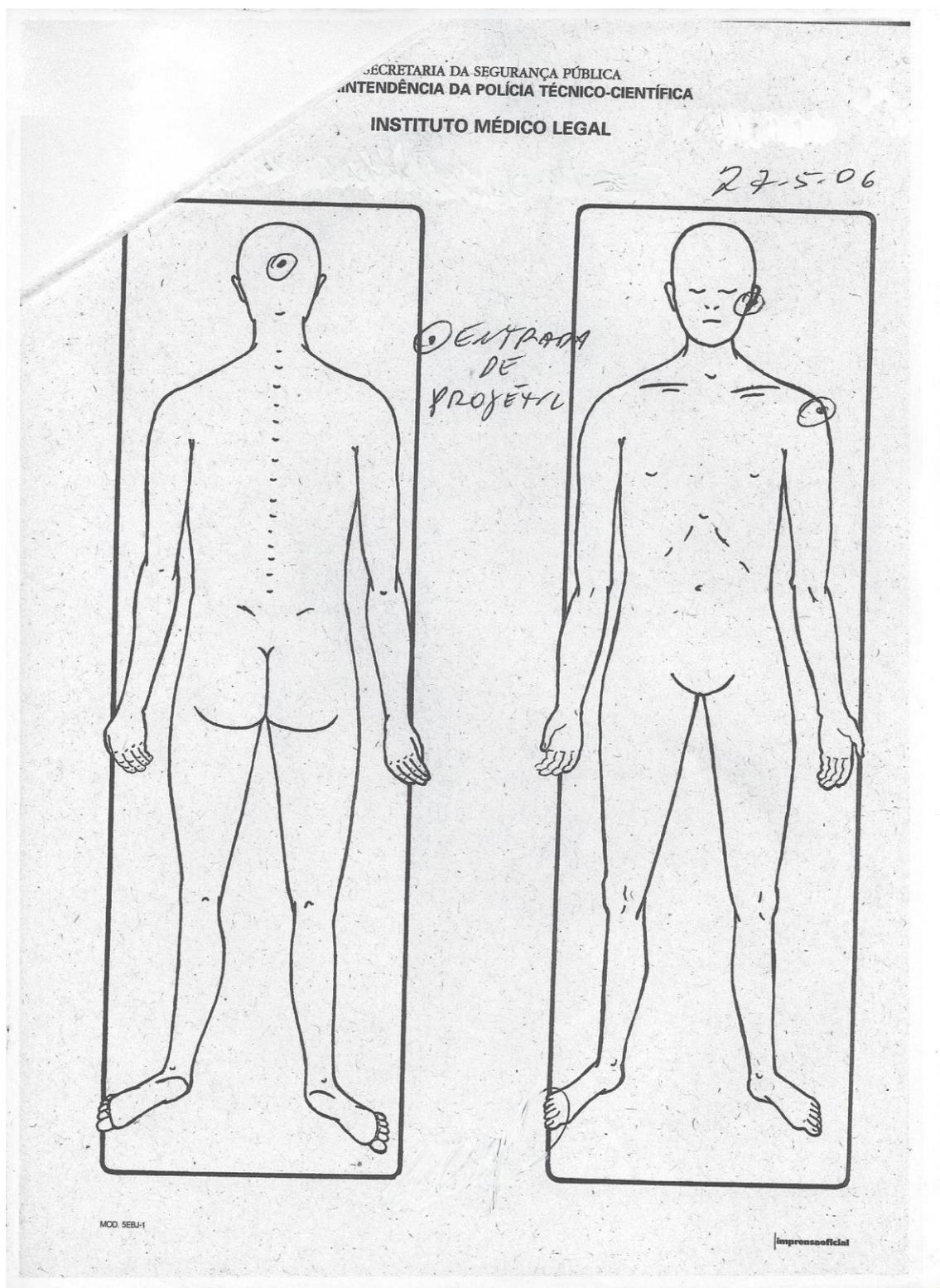
Hospital e Maternidade Municipal de
Associação Comunitária de - São Paulo.

GUIA DE RECOLHIMENTO DE CADÁVER		
NOME:		
ENDEREÇO:		
LOCAL DA OCORRÊNCIA:		
TRAZIDO POR:		
Polícia: <input checked="" type="checkbox"/>	R.P.: <input type="checkbox"/>	Particular: <input type="checkbox"/> Outros: Particular
Dados Clínicos de Interesse para o caso:		
ena Cadaver <i>paciente deu entrada já</i>		
Diagnósticos provisórios (no caso de lesões provocadas por armas, especificar os tipos e os locais dos ferimentos): <i>ferimentos penetrantes em membros superiores</i>		
<i>região Lombar e braço esquerdo</i>		
Foi Acidente de Trabalho		
Cirurgias realizadas (descrição sucinta do ato cirúrgico, havendo necessidade, usar folha separada)		
Foram retirados projéteis ou outros agentes responsáveis pelas lesões: <i>Não</i>		
Quantos: <i>De que região(ões):</i>		
Há outros retirados: <i>Não</i>		
Quais:	Quantos:	Localização:
Houve fraturas:	De que ossos:	
Houve outras lesões:	Descreve-las resumidamente (tipo e localização)	
Relatório breve dos exames radiológicos:		
Complicações, intercorrências, doenças preexistentes:		
Data Óbito:	Horário:	Causa Provável:
<i>17.05.2006</i>	<i>21:40</i>	
Dados do Médico:		
Nome:	CRM:	Carimbo/assinatura: <i>MÉDICO</i>

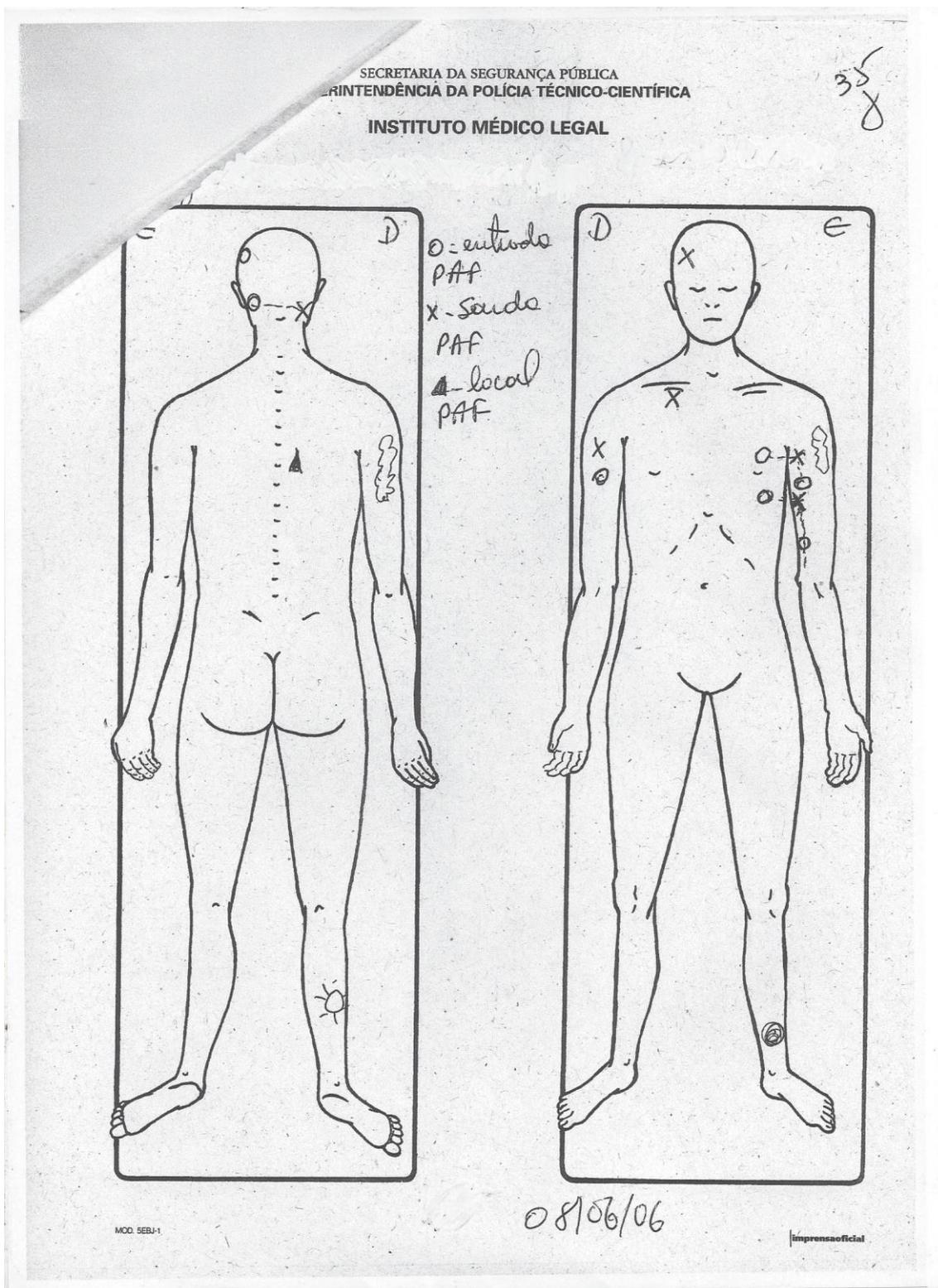
ANEXO 5 LAUDO MÉDICO 1 – MAIO DE 2006



ANEXO 6 LAUDO MÉDICO 2 – MAIO DE 2006



ANEXO 7 LAUDO MÉDICO 3 – MAIO DE 2006



ANEXO 8 LAUDO MÉDICO 4 – MAIO DE 2006

